



LACUNAS DA PRESERVAÇÃO

PACUCA: O PARQUE CULTURAL DO CAMPECHE COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Isadora Münch Scavone
Profa. Orientadora: Anna Freitas Pimenta

Trabalho de Conclusão de Curso
Dez. 2020

LACUNAS DA PRESERVAÇÃO

PACUCA: O PARQUE CULTURAL DO CAMPECHE COMO LUGAR DE MEMÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO TECNOLÓGICO – CTC
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ACADÊMICA: ISADORA MÜNCH SCAVONE
PROFA. ORIENTADORA: ANNA FREITAS PIMENTA

Florianópolis
Dez. 2020

RESUMO

Nos centros urbanos da cidade contemporânea, é fato que a história ocupa espaço. Esse espaço pode ser físico ou subjetivo, presente nos significados e na construção de uma identidade local. Mas a história de quem está realmente ocupando espaço na cidade? Quais espaços? Quem define que história é digna de ser preservada e quais as lacunas deixadas pelos paradoxos da preservação na cidade contemporânea? Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo o projeto de um centro cultural comunitário no bairro Campeche, localizado ao sul da Ilha de Santa Catarina, no município de Florianópolis. O projeto, que tem como implantação o antigo Campo de Pouso do Campeche, lida não apenas com a complexidade de estar inserido na principal via de um bairro em crescimento acelerado e com progressiva especulação imobiliária, mas também com a presença de uma lacuna de preservação do patrimônio histórico em sua área. O Campo de aproximadamente 350 mil m² carrega em sua conformação urbana não apenas a história de lutas comunitárias dos moradores locais, mas também a história dos pioneiros da aviação mundial, representados pelos aviadores da antiga empresa francesa Aéropostale que utilizaram a área como uma de suas escalas para suas primeiras viagens intercontinentais. Este projeto, portanto, pretende definir diretrizes gerais de ocupação para o Campo de Pouso do Campeche, criando assim o PACUCA (Parque Cultural do Campeche) com enfoque especial às edificações de uso cultural do parque, aqui tratadas como o Centro Cultural do Campeche.

Palavras-chave: Cultura; Patrimônio Cultural; Memória; Florianópolis; Aéropostale

ABSTRACT

In urban centers of contemporary cities, it's a fact that history occupies space. This space can be physical or subjective, present as meanings and in the construction of a local identity. But whose history is it? What spaces? Who defines which history is worthy of being preserved and what are the gaps left by the paradoxes of conservation in the contemporary city? This work has as objective the project of a community cultural center located on the neighborhood Campeche, in the south of the island of Santa Catarina, in Florianópolis. The project is located in the former landing field of Campeche, and have to handle not only with the fact that the neighborhood is in an accelerated growth and progressive real estate speculation but also with a conservation gap of historic heritage in the area. The field has almost 350,000 m² and carry not only the heritage of the social fights of the community for the public character of the area but also the history of the presence of world aviation pioneers, represented by the aviators of the past French company Aéropostale that used the place as a stopover for their first intercontinental flights. Therefore, this project intends to define guidelines of occupation for the field, creating PACUCA (Cultural Park of Campeche) with special focus in the cultural edifications, here called Campeche Cultural Center.

Keywords: Culture; Heritage; Memory; Florianópolis; Aéropostale .

SUMÁRIO

01. INTRODUÇÃO	05	04. PACUCA	42
1.1 Apresentação e Justificativa	06	4.1 Consulta à Comunidade e Programa de Necessidades	43
1.2 Objetivos	06	4.2 Implantação	50
1.3 Estrutura e Metodologia	07	4.3 Conexões	
02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE	08	05. CENTRO CULTURAL DO CAMPECHE	57
2.1 Apresentação e Histórico	09	5.1 Conceitos Principais	58
2.2 Relação com a Comunidade	18	5.2 Acesso à Praia do Campeche	60
2.3 Tombamento e Projeto de Restauro Existente	24	5.3 Museu Aéropostale	63
		5.4 Salas de Aula e Área de Esportes	70
		5.4 Bilioteca Setorial	79
03. INTRODUÇÃO AO PROJETO	30	06. REFERÊNCIAS	97
3.1 O Campo de pouso do Campeche como Lacuna de preservação	31		
3.2 Análise da Área	36		
3.3 Diretrizes de Projeto	41		

Anexos:

Anexo 1 – Decreto de tombamento do terreno do campo de aviação do Campeche

Anexo 2 – Projeto de Restauro do Casarão da Aéropostale de 2010

INTRODUÇÃO

01.

1.1 APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA

A história de um povo é o que o representa e o torna único, é aquele apanhado de acontecimentos que define a identidade de uma sociedade, e faz seus agentes verem o mundo de forma própria, definindo seus valores e prioridades.

Com base nesses princípios, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre o modelo de preservação da memória cultural e arquitetônica, que moldou o conceito de patrimônio no imaginário coletivo da sociedade ocidental. A história ocupa espaço mas, a história de quem? Quais espaços? Quem define que história é digna de ser preservada? Qual o modelo de preservação adotado, quais as lacunas deixadas por esse modelo de preservação do patrimônio cultural atual e como podemos lidar com os paradoxos da preservação na cidade contemporânea?

A tendência à uniformização do pensamento, à despersonalização dos povos e à transformação das culturas em mera mercadoria na cidade capitalista torna ainda mais pertinente a discussão da conservação do patrimônio cultural e da memória social das populações. A vontade que move a criação deste projeto é a ideia de que o desenho arquitetônico pode e deve ser um instrumento social de salvaguarda não só das histórias à que o patrimônio cultural se refere mas principalmente das pessoas à quem se refere.

1.2 OBJETIVOS

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo a investigação teórica da área do Campo de Pousos do Campeche, localizado ao sul da Ilha de Santa Catarina, no município de Florianópolis e o desenvolvimento de uma proposta de projeto arquitetônico básico de um centro cultural comunitário no local.

O projeto, que tem como implantação o antigo Campo de Pousos do Campeche, lida não apenas com a complexidade de estar inserido na principal via de um bairro em crescimento acelerado e com progressiva especulação imobiliária, mas também com a presença de uma lacuna de preservação do patrimônio histórico em sua área.

O Campo de aproximadamente 350 mil m² carrega em sua conformação urbana não apenas a história de lutas comunitárias dos

moradores locais, mas também a história dos pioneiros da aviação mundial, representados pelos aviadores da antiga empresa francesa Aéropostale que utilizaram a área como uma de suas escalas para suas primeiras viagens intercontinentais.

Este projeto básico, portanto, pretende definir diretrizes gerais de ocupação para o Campo de Pousos do Campeche, criando assim o PACUCA (Parque Cultural do Campeche) com enfoque especial às edificações de uso cultural do parque, aqui tratadas como o Centro Cultural do Campeche.

1.1 ESTRUTURA E METODOLOGIA

O trabalho está dividido em duas partes. Primeiramente, é feito um estudo teórico e uma análise do Campo de pouso do Campeche baseada em seu histórico e em sua construção social no bairro desde as primeiras décadas de sua utilização. Há um enfoque também na construção da luta comunitária local pela manutenção do caráter público da área e o processo que desenhou os contornos de sua ocupação atual. Ainda de forma teórica é proposta uma reflexão sobre a condição da área como lacuna da preservação, introduzindo o projeto do Parque Cultural do Campeche através dos conceitos que conduziram o desenho das diretrizes do projeto arquitetônico e urbano do Parque Cultural do Campeche.

Após a introdução de suas diretrizes de forma teórica e conceitual, o projeto é apresentado primeiramente em sua implantação geral como Parque Cultural do Campeche e depois é feito o detalhamento das áreas de interesse, o chamado “Centro Cultural do Campeche” que se desenrola por toda a extensão da Av. Pequeno príncipe que faz frente ao terreno do Campo de Pouso do Campeche e traça conexões em diferentes escalas.

O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE



02.

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

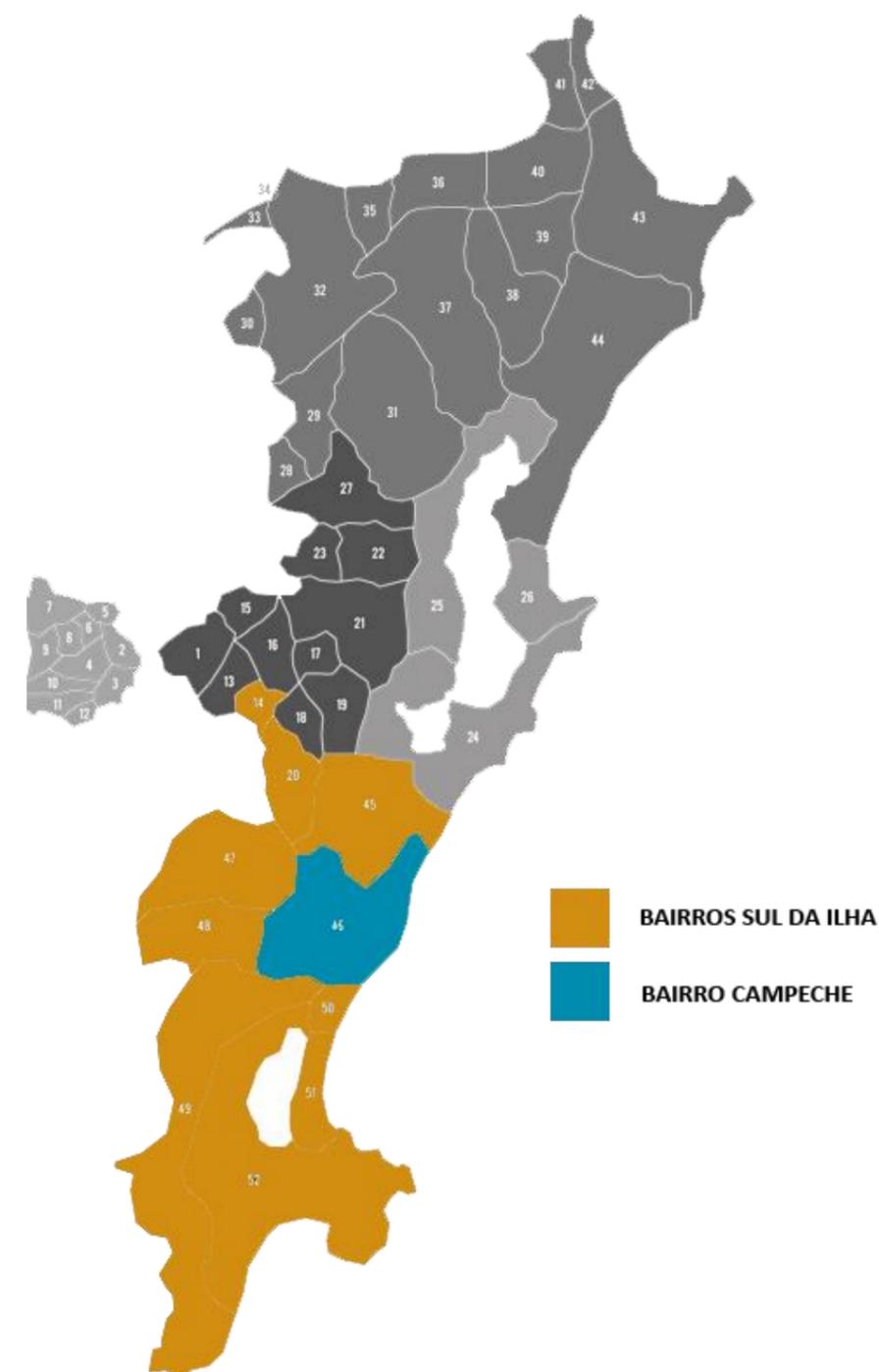
1.1 APRESENTAÇÃO E HISTÓRICO

Após toda a reflexão sobre a política de preservação cultural brasileira e suas lacunas, assim como o papel do restauro e da educação como importantes ferramentas na dinâmica patrimonial e consequentemente na garantia de diversidades, o objeto de estudo escolhido representa um exemplar que traz em sua complexidade, todos estes fatores.

O patrimônio estudado é o chamado Campo de Pouso de aviação, uma área de 352mil m² localizada na região central da planície do Campeche que engloba uma edificação remanescente da presença da companhia de aviação francesa “Aéropostale” no Brasil, a “popote” como ficou conhecida popularmente, único exemplar material sobrevivente no país, localizado na Avenida Pequeno Príncipe nº2845 no bairro Campeche na Ilha de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Segundo estudos realizados pela Associação e Memória da Aéropostale no Brasil (AMAB) no final da década de 20, a empresa francesa considerada um dos primórdios da aviação mundial, traça a rota Toulouse - Buenos Aires e por se tratar de uma distância muito longa para a tecnologia da época, decide criar a chamada “Escala Florianópolis”, onde faziam pausas para descanso, abastecimento e reparo das aeronaves durante o trajeto.

Figura 01: Localização do bairro Campeche na ilha de Florianópolis



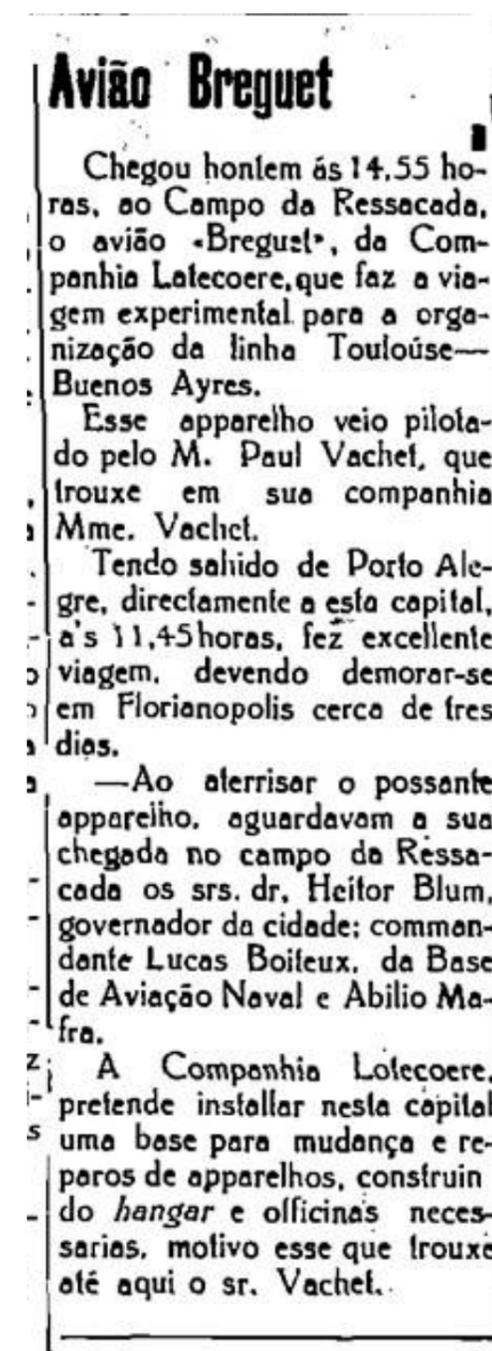
FONTE: Compilação da autora*

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

A cidade de Florianópolis na época ainda possuía caráter estritamente portuário e rural, vivia um tempo de ascensão social e tecnológica com a construção da Ponte Hercílio Luz, a ponte de ferro, em 1924 e lidava com momentos de renovação urbana no centro da cidade. Por outro lado, a região do Campeche, onde se instalou a companhia francesa, permanecia extremamente rural e desconectada do centro comercial da cidade. O sul da ilha era pouco ocupado e contava com a presença de basicamente apenas pescadores e agricultores. A chegada da aviação na região causou grande sentimento de novidade, no livro de Paul Vachet, um dos principais pilotos da Aéropostale, escrito em 1954 o francês narra como teria sido a compra de terrenos na área e a relação com os moradores locais.

Em seguida, foi a compra do terreno de Florianópolis. Eu havia recebido de M. Bouilloux-Lafont a ordem de comprá-lo e os fundos necessários foram postos à minha disposição. Mas eles se revelaram superabundantes, pois o preço global foi ridiculamente baixo. Eu digo global porque, de fato, o conjunto da superfície que me convinha estava dividido numa vintena de parcelas pertencentes a humildes pescadores das redondezas. Mas frequentemente seus títulos de propriedade não estavam regularizados, assim como o estado civil dos pescadores. Alguns deles não eram legalmente casados com suas companheiras, as quais, no entanto, haviam lhes dado muitos filhos. (...) Mandei vir de Florianópolis um juiz e uma tarde foi dedicada àqueles casamentos. Naturalmente, minha mulher e eu fomos solicitados como testemunhas pela maioria dos 'noivos' e, neste caso, tais testemunhas se tornaram 'compadres' e 'comadres' dos casais. Assim, durante anos, cada vez que nós aterrissávamos no terreno de Florianópolis, éramos cercados de muitos pescadores que nos tratavam por 'compadre' e 'comadre' com grandes reforços de vigorosos tapinhas nas costas e do 'abraço'. (VACHET, 1954 apud AMAB - Associação Memória da Aéropostale no Brasil. Florianópolis, O PATRIMÔNIO MAIS PRESERVADO DA AÉROPOSTALE NO BRASIL. AMAB, 2017. Disponível em: <<https://amab-zeperry.com/exposicoes/florianopolis/>>. Acesso em: 25 de jan. de 2020.)

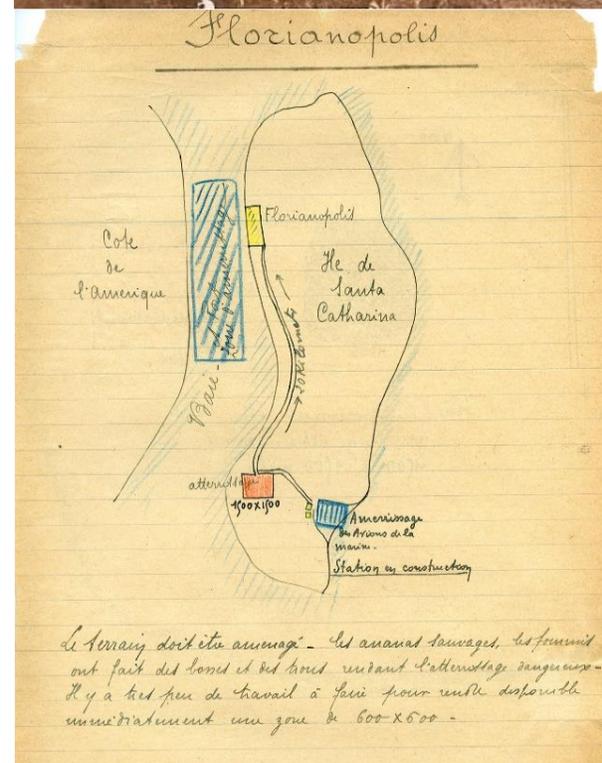
Figura 02: Fragmento de reportagem "O Jornal República" 19/06/1927



FONTE: Imagem retirada da Internet*

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

Figura 03: Imagens Históricas da presença da Aéropostale em Florianópolis



FONTE: Imagem retirada da Internet*

APRESENTAÇÃO E HISTÓRICO

*Disponível em <<https://amab-zeperrri.com/exposicoes/florianopolis/>> Acesso em 06 fev. 2020

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

Na época da utilização do campo de pouso da Aéropostale, não haviam grandes delimitações de pistas. Os pousos e decolagens eram feitos de forma relativamente aleatória, utilizando todo o campo e muitas vezes até a praia como área utilizável, além disso, os moradores locais auxiliavam os aviadores colocando lampiões no morro em frente ao campo de pouso, para que os aviadores pudessem se localizar e visualizar a área de aterrissagem de forma mais clara. Hoje, este mesmo morro, leva o nome de “Morro do Lampião” que faz parte do tombamento da paisagem cultural da área limitando a altura de novas edificações para sua preservação.

A história da companhia francesa se confunde com a história da aviação mundial, por ser uma das pioneiras no que se trata de rotas intercontinentais, seu legado ao redor do mundo é vasto. Além da escala em Florianópolis, a empresa ainda se instalou em outros pontos do território brasileiro, são eles: Fernando de Noronha, Natal, Recife, Maceió, Salvador, Caravelas, Vitória, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Santos, Porto Alegre e Pelotas. Sem contar os mais diversos pontos ao redor do mundo. Para se ter ideia da importância da história da companhia, tramita na UNESCO a possibilidade de tombamento de todas as rotas e escalas como patrimônio da humanidade, sendo que Florianópolis, possui talvez o patrimônio material mais bem conservado de todos esses pontos.

Apesar da inegável importância da história em questão, em Florianópolis ela toma um caráter bastante anedótico devido às poucas informações disponíveis sobre o assunto e a falta de investigação histórica. Hoje em dia devido ao trabalho da AMAB (Associação e Memória da Aérpostale no Brasil) representada pela historiadora Mônica Cristina Corrêa, moradora de Florianópolis e presidenta da associação, já se pode ter mais certezas sobre os reais acontecimentos do campo de aviação. Por muito tempo, os casos eram contados de forma quase que folclórica, passadas de forma oral pelos nativos do bairro. Um exemplo disso é a citação do campo nos contos de Franklin Cascaes:

Depois da aparição do quadro fantástico sobre as águas fosforescentes do mar sulino desta Ilha de Nossa Senhora do Desterro, sete astronautas místicos partiram em missão especial lá do Campo de Pouso do Campeche, na referida Ilha, para explorarem ficticiamente as terras cobiçadas pelo homem de argila crua e magra, na coitada da Lua, que de vez em quando fica às escuras, por falta de energia ilusória das usinas escaldantes do Sol” (CASCAES, 2015 p.93)

Essas histórias místicas passadas pelas gerações na ilha demonstram como a presença da aviação em áreas ainda tão rurais e pouco desenvolvidas aguçou a imaginação dos nativos que não compreendiam tal tecnologia. Além disso, a presença do ilustre aviador e escritor francês Saint-Exupéry, autor do mundialmente famoso livro “O Pequeno Príncipe” é outra das histórias que circundam a passagem da Aéropostale no Campeche. A presença de Zé Perry, como era chamado o francês pelos moradores locais, foi comprovada recentemente por documentos escritos sobre a passagem dos aviadores pela Ilha, e a amizade do escritor com os nativos do local foi registrada no Livro “Deca e Zé Perry” de Getúlio Manoel Inácio.

Muitos pontos no bairro do Campeche fazem menção a esta passagem dos aviadores pela Ilha, como a “Rua Da Aviação Francesa”, “Avenida Pequeno Príncipe” (rua principal do bairro e onde estão localizados o campo de aviação e o Casarão da Aéropostale) Praça do “Megálito de Saint-Exupéry” e inclusive a Escola Básica localizada no terreno do campo de pouso, onde antes existia o hangar da companhia é chamada de “Escola Básica Brigadeiro Eduardo Gomes” importante aviador brasileiro. Apesar dessas homenagens, poucos dos novos moradores do bairro compreendem a história por trás delas.

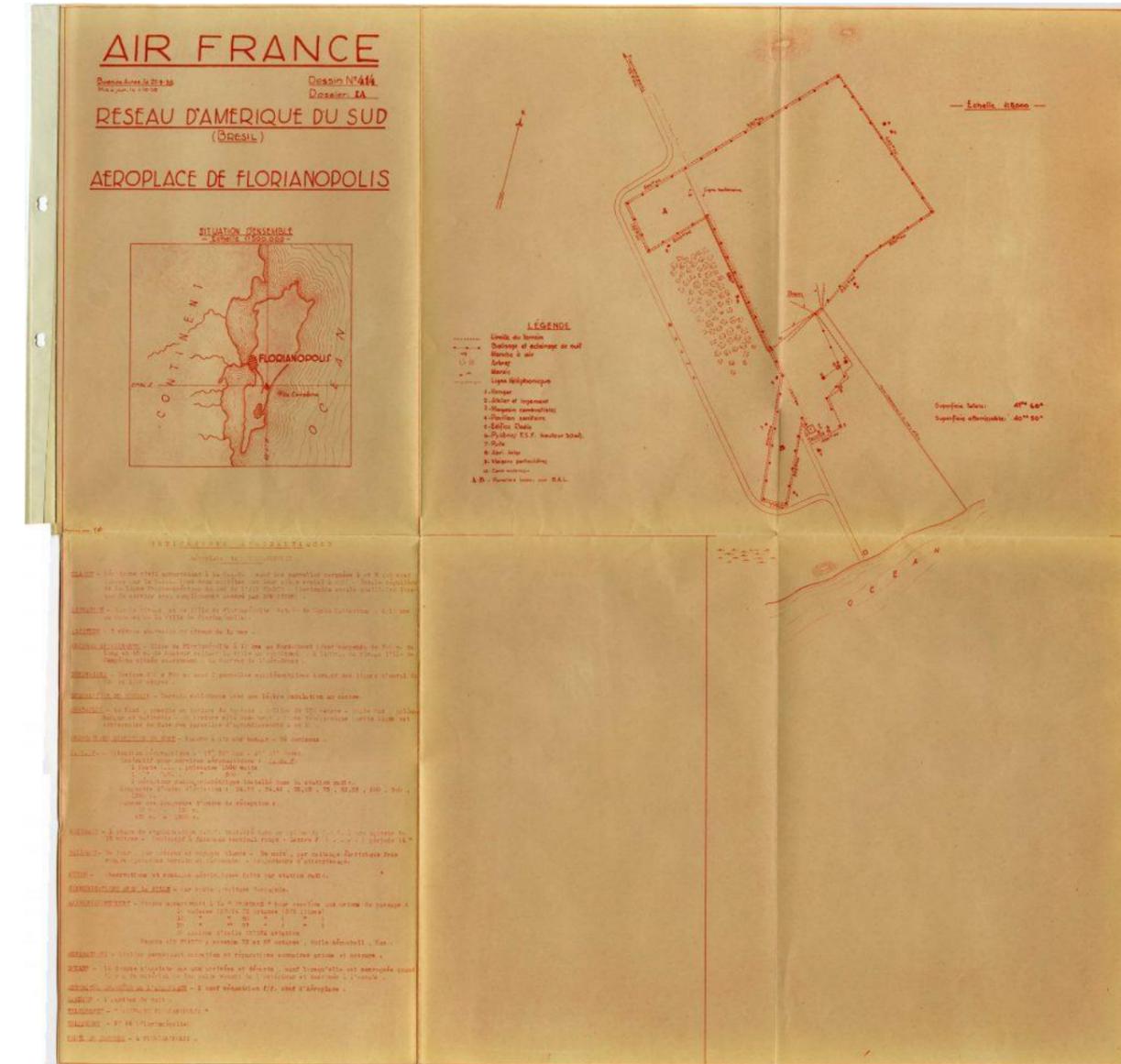
02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

Figura 04: Avião pousado no Campo de Aviação do Campeche



FONTE: Imagem retirada da internet*

Figura 05: Desenho do campo de pouso década de 30, observa-se que onde antigamente estava localizada a pista de pouso principal do campo, hoje é onde está localizada a Av. Pequeno Príncipe, principal via do Bairro Campeche



FONTE: Imagem retirada da Internet**

APRESENTAÇÃO E HISTÓRICO

*Disponível em: < <https://ndmais.com.br/noticias/a-historia-do-aeroporto-de-florianopolis-desde-a-pista-de-grama/>> acesso em 27 de set. 2020

**Disponível em < <https://amab-zeperrri.com/exposicoes/florianopolis/>> Acesso em 06 fev. 2020

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

Além da indiscutível importância da memória da Aéropostale no local, o Campo de Aviação também guarda uma importante história para o desenvolvimento do estado de Santa Catarina e as lutas comunitárias do Campeche. De 1925 a 1939 o local foi patrimônio da Compagnie Generale Aéropostale que depois de se transformar em “Air France” paralisa a utilização da pista de pouso em função da Segunda Guerra Mundial. Em 1944, um ano antes do fim da guerra, o governo brasileiro, através do Decreto Federal nº6.870 de 14/9/1944, desapropria a área do Campo de Aviação do Campeche assim como a pista, o hangar metálico e o casarão/estação de passageiros tornando toda a área então patrimônio da União e a empresa Air France é indenizada seis anos depois. Em 1945 o campo se torna o primeiro Aeroporto de Florianópolis, e conseqüentemente do estado de Santa Catarina, sua utilização era principalmente comercial, pela empresa Panair e durou até 31/07/1949, depois dessa data, foi construída uma torre de controle e nova pista no local onde seria inaugurado o antigo “Aeroporto Hercílio Luz” que passou a ser comandado pela infraero em 1974 e desativado em 2019 com a construção do novo Aeroporto Internacional, inaugurado no dia 1º de outubro de 2019, em um diferente terreno.

A respeito da edificação remanescente, o Casarão da Aéropostale, uma edificação simples sem grandes preciosismos arquitetônicos, construída com alvenaria de tijolos portantes e esquadrias de madeira teve diversas utilizações ao longo da história, sempre muito envolvida no cotidiano da população local. Em 1957, após o campo de pouso ser desativado, passou a sediar a escola primária municipal, serviu como abrigo para desabrigados de catástrofes naturais e serviu de moradia para a primeira professora da escola, Carolina Inácia de Jesus Heerdt. Abrigou grupos de jovens e adultos, foi posto de saúde e de assistência social da região, em 1983 se tornou o conselho comunitário do Campeche. Nos anos 90 foi delegacia de polícia, um posto da TELESC, e algumas salas abrigavam o Grupo de Mães do Campeche, que presava pela recuperação de cantigas e lendas da região como “A Ratoeira” e “A Farinhada”. Já nos anos 2000 a edificação se tornou a intendência do Campeche, que também mudou de endereço, hoje algumas salas

servem para a reunião de um grupo de idosos e parte da estrutura ainda serve de moradia à família da falecida professora Carolina, foi construído no local uma lavação de carros por esses ocupantes, de maneira irregular.

Em 2014 a área do campo de pouso, incluindo a edificação da “popote” e áreas adjacentes, foi tombada pela SEPHAN, órgão responsável pela preservação do patrimônio municipal pelo Decreto N. 13.707 de 17 de novembro de 2014, o tombamento da área foi uma reivindicação da população, através de um abaixo assinado reunindo mais de 1800 assinaturas. O patrimônio ali preservado possui um grande potencial cultural e educacional, representando parte importante da história da comunidade local e da região, Diante destes fatos é possível encaixar esta história e conseqüentemente seus objetos, no conceito de “lacuna da preservação” anteriormente apresentado.

Figura 06: “Popote” atualmente



FONTE: Acervo Pessoal da Autora

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

Figura 07: Satélite da área do bairro Campeche



FONTE: Compilação da autora , Imagem de Satélite retirada da internet*

APRESENTAÇÃO E HISTÓRICO

Disponível em < <https://www.google.com/maps/place/Campeche,+Florian%C3%B3polis+-+SC/@-27.681336,-48.4876156,1994m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x95273b7cbd490c9b:0x5f0407aab48bef0c!8m2!3d-27.676062!4d-48.4862231?hl=pt-BR> > Acesso em 06 fev. 2020

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

Figura 08: Localização das edificações na área do campo de pouso



FONTE: Compilação da autora , Imagem de Satélite retirada da internet*

APRESENTAÇÃO E HISTÓRICO

Disponível em < <https://www.google.com/maps/place/Campeche,+Florian%C3%B3polis+-+SC/@-27.681336,-48.4876156,1994m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x95273b7cbd490c9b:0x5f0407aab48bef0c!8m2!3d-27.676062!4d-48.4862231?hl=pt-BR> > Acesso em 06 fev. 2020

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

Figura 09: Vista do campo de pouso do litoral



Figura 10: Vista do campo de pouso do morro do lampião



FONTE: Imagens retiradas da internet*

APRESENTAÇÃO E HISTÓRICO

Disponível em Disponível em < <https://amab-zeperry.com/exposicoes/florianopolis/>> Acesso em 06 fev. 2020

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

1.2 RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

O bairro do Campeche, uma planície localizada no Sul da Ilha de Santa Catarina, onde se localiza o objeto de estudo é um dos locais com mais drástica transformação urbana nos últimos anos em Florianópolis. O bairro por décadas considerado rural, se torna a partir do plano diretor da década de 70 a principal área de expansão urbana da ilha e inicia um processo de densificação bastante acelerado. Devido ao seu histórico agrícola e pesqueiro, sua urbanização apesar de rápida, ainda é bastante precária, e se encontram grandes paradoxos dentro do próprio bairro. Ao mesmo tempo em que grande parte das ruas ainda não possuem calçamento adequado e infraestrutura urbana como drenagem e tratamento de esgoto, outras áreas sofrem com grande especulação imobiliária e são ocupadas por imóveis de luxo próximos à praia, como o loteamento “Novo Campeche”. Com a construção do Aeroporto Hercílio Luz em 2019 e o novo acesso rodoviário ao bairro, é previsto um crescimento ainda maior para o bairro, fato que preocupa os moradores mais antigos, que lutam para um crescimento controlado e que respeite a cultural e a natureza local.

O bairro possui uma comunidade forte e organizada, representada, por entre outras organizações, pela AMOCAM (Associação de Moradores do Campeche) que é formada em sua maioria por filhos de pescadores nativos da região. A comunidade luta por direitos e por um desenvolvimento urbano organizado que respeite o local, sua história e seus recursos naturais, tentando mobilizar os novos moradores, em sua maioria vindos de outras localidades.

Em entrevista com o presidente da AMOCAM, Alencar Vigano, em dezembro de 2019, fica claro que a comunidade se preocupa com as consequências da especulação imobiliária e do desenvolvimento urbano desenfreado no local, que reforça não apenas um processo de gentrificação mas também um processo de perda da identidade local.

Quando questionado sobre a importância cultural da região Alencar afirma que há a necessidade de se preservar atividades que são específicas do lugar, como por exemplo a pesca da tainha, os ranchos de pesca, as áreas naturais alagáveis, as festividades do boi de mamão, a festa do divino, etc, atividades que fazem com que as pessoas ainda tenham uma ligação forte com o bairro, trazendo os novos moradores para essa dinâmica. Ele ainda afirma que a importância de ter uma

APRESENTAÇÃO E HISTÓRICO

comunidade forte, unida e coesa, que preserva as suas raízes e sua cultura, é uma maneira de fazer os indivíduos se posicionarem e se reconhecerem dentro da comunidade, por que no momento em que não há mais identificação pela parte das pessoas, elas deixam de lutar pelo bairro.

Quando questionado sobre o patrimônio histórico local referente à empresa de aviação e sua relação com a comunidade, o presidente da associação afirma que ter no território do Campeche, este exemplar da história da aviação brasileira, com o que pode ser considerado o primeiro aeroporto do estado de Santa Catarina “não é uma história pra se jogar fora” e que infelizmente, o tratamento dado pelos órgãos públicos para a área, apesar do tombamento, é de descaso. Ele ainda afirma que “É uma história aí que está se perdendo, quando a gente poderia já ter um parque ou um local de registro pra eternizar essa história da aviação aqui no bairro (...) A importância de resgatar essa história é fazer de uma vez por todas, colocar em prática, realizar esse sonho do parque cultural do Campeche, como um lugar de memória e como lugar de convivência das pessoas”.

O parque cultural o qual Alencar se refere é o Projeto PACUCA (Parque Cultural do Campeche), uma luta antiga da comunidade local que pretende transformar a área do campo de pouso em um grande parque voltado para os moradores. O assunto é constante desde a década de 80, numa constante luta para preservação do local e para impedir a venda das terras para a iniciativa privada, visto que parte do terreno pertence à aeronáutica. O PACUCA possui inclusive um projeto realizado em 1997 que conta com um teatro, museu, equipamentos urbanos esportivos, horta comunitária, etc. Hoje, no local, existem campos de futebol improvisados e uma horta comunitária, mas mesmo assim, constantemente a aeronáutica vem cercando e cavando valas no local impedindo a entrada de pessoas alegando que aquele seria um “ponto estratégico” para os militares.

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

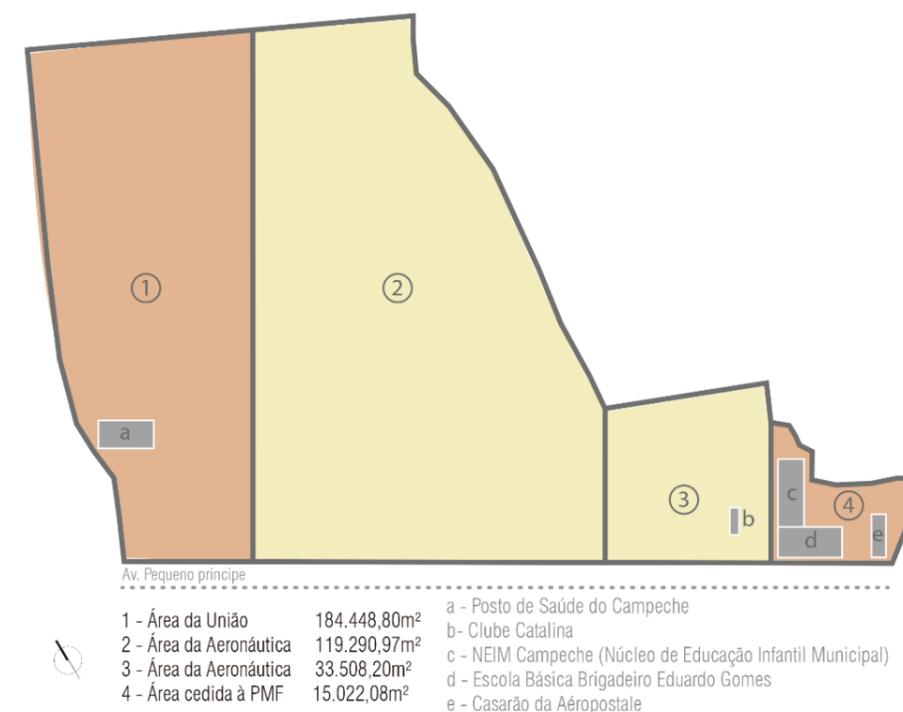
O cabo de guerra entre população e aeronáutica não é novidade para os moradores locais, e a história da ocupação urbana da área do Campo de Pouso do Campeche demonstra isso. No livro “O Campo de Peixes e os Senhores do Asfalto” escrito por Janice Tirelli, Raul Burgos e Tereza Cristina Barbosa que conta a memória das lutas do Campeche os autores expõem que essa disputa começa nos anos 70, em meio a ditadura militar, quando o governo Médici aprova a Lei Federal nº 5.972 que autoriza a regularização das terras da União autorizando o ministério da Aeronáutica e Marinha a venderem ou permutarem imóveis sob sua administração. Na época, como demonstrado anteriormente, o Campo de Pouso havia sido desapropriado da empresa de aviação francesa Air France e passado para domínio da União que em 1980 registra oficialmente o imóvel do Campo de Aviação que passa a ser administrado pela Aeronáutica. Já em 1983 há uma tentativa de construção de uma “Vila Militar” na área, que não se concretizou devido ao local ainda ser propriedade da União e não permitir usos particulares.

Em 1987 a Sociedade Amigos do Campeche e a Aeronáutica assinam uma concessão de uso do Campo para difusão de cultura e realização de reuniões de caráter sociocultural pela comunidade. Ainda neste ano outras organizações como a Associação de Surf do Campeche e a recém-criada AMOCAM se organizam para a reivindicação do repasse da área da aeronáutica para a comunidade, criando um Centro de Esportes e Lazer. A AMOCAM juntamente envia um documento para o então prefeito Edson Andrino pedindo pela criação do Parque da Lagoa da Chica, localizada ao sul do bairro, e o tombamento da área do campo de aviação.

Em 1991 há uma tentativa de venda da área por parte da aeronáutica, a mobilização contra essa venda resultou na união de várias entidades locais formando a União das Associações Comunitárias Eclesiásticas e Desportivas do Campeche – UNACAMP. Dela faziam parte o Conselho Comunitário do Campeche, a AMOCAM, a SAC – Sociedade dos Amigos do Campeche, a ARCEU – Associação Recreativa, Cultural e Desportiva Unidos, a Associação de Pais e Professores (APP) da Escola Básica Brigadeiro Eduardo Gomes, a APP da Escola Januária Teixeira da Rocha

e o Conselho Econômico e Administrativo da Capela São Sebastião (CAEP). A mobilização da UNACAMP então reivindica o caráter público da área e envia um documento para o então presidente da república Fernando Collor, fazendo um apelo pela preservação da área e a cessão do terreno para a administração municipal. Nesse mesmo ano, é inaugurado o marco histórico na esquina da Avenida Pequeno Príncipe com a Rua da Capela, o marco é uma homenagem aos Pioneiros da Aviação e possui o registro “Este local foi palco dos primeiros pousos e decolagens dos precursores da aviação. Vindos do além-mar em suas primitivas máquinas voadoras, por aqui passaram os pioneiros do ar, Antoine de Saint-Exupéry, Jean Mermoz e Henry Guillaumet, fazendo a ligação entre a Europa e a América do Sul. A Associação dos Amigos da Base Aérea de Florianópolis – AABAF, como testemunha histórico-cultural, ergue este marco em homenagem aos primórdios da aviação da Ilha de Santa Catarina, a reverenciar permanentemente os bravos aviadores de ontem, hoje e de sempre”. Em 1994 há uma tentativa de venda da área pela aeronáutica mas o tramite novamente não vai a diante, em 1999 o terreno é dividido em quatro registros distintos.

Figura 11: Divisão da Área do Campo pela Aeronáutica



FONTE: Compilação da autora

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

Com a divisão a população temia que a área fosse desmembrada e vendida separadamente, descaracterizando a área do campo de aviação. A área em que se encontra a Escola Básica Brigadeiro Eduardo Gomes, o Núcleo de Estudos Infantis Municipal (NEIM) Campeche e o Casarão da Aéropostale, foram cedidos a prefeitura de Florianópolis, a área em que se encontra o posto de saúde do Campeche, na Rua da Capela, foi cedida à união, e as duas áreas centrais, se mantiveram sob comando da Aeronáutica. Desde a divisão até o tombamento da área em 2014 foram diversas tentativas de venda e implantação de edificações incongruentes com a realidade do bairro por parte da Aeronáutica, a população sempre se manteve firme lutando pelo caráter histórico e público da área, foram enviadas várias reivindicações de tombamento da área por parte da população ao longo do tempo e sempre descartadas pelo poder público. A comunidade inclusive contratou arquitetos da cidade para desenvolverem um projeto de parque público para a área do campo de aviação, o “PACUCA (Parque Cultural do Campeche)” que é discutido nos processos de plano diretor participativo mas nunca levado a diante.

Apenas em 2014, a partir de um abaixo assinado feito pela comunidade que reuniu mais de 1.800 assinaturas, o tombamento da área do campo de aviação é garantido pelo SEPHAN – órgão municipal de preservação do patrimônio. A partir da entrevista com Alencar e de toda a vasta história de lutas da comunidade pela apropriação do local, se reitera e se justifica a escolha do campo de aviação e a “popote” como objeto de estudo de lacuna patrimonial, dessa vez reforçada por parte do poder público, visto que há uma mobilização popular sendo historicamente ignorada. É importante que a reivindicação não venha apenas de uma demanda intelectual mas principalmente da população, que percebe não apenas a importância histórica do patrimônio mas também seu potencial como estruturador do fortalecimento cultural da região. Assim, pode-se afirmar que este patrimônio, apesar de parecer deixado de lado, possui características de ressonância (GONÇALVES, 2005) uma vez que demonstra poder de mobilização popular ao invocar subjetivamente suas forças culturais e dinamismo.

Figura 12: Clube Aeronáutico Catalina e Escola Básica Eduardo Brigadeiro Gomes, cercamento feito pela aeronáutica



FONTE: Acervo Pessoal da Autora

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

Figura 13: Zoneamento do projeto PACUCA de 1997 idealizado pelas organizações comunitárias da época e apresentado à prefeitura.



FONTE: Compilação de fotografias da autora de Banner produzido pela ISA – Instituto Sócio-Ambiental do Campeche e AMOCAM – Associação de moradores do Campeche, projeto PACUCA de 1997

RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

Disponível em Disponível em < <https://amab-zeperry.com/exposicoes/florianopolis/>> Acesso em 06 fev. 2020

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

Figura 14: Planta Baixa do Projeto PACUCA de 1997



FONTE: Imagem retirada da internet

RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

Disponível em: < https://www.facebook.com/pg/Campo-da-Avia%C3%A7%C3%A3o-175225355866968/photos/?tab=album&album_id=175226542533516 >
Acesso em 06 de fev. 2020

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

Figura 15: Apropriação da comunidade no campo de pouso, horta comunitária e eventos



PACUCA
CAMPO DA AVIAÇÃO

PLANTIO DE 300 MUDAS
MUTIRÃO DE LIMPEZA COM A COMCAP
SERÁ FORNECIDO CACHORRO-QUENTE+SUCO/ÁGUA
DIA 8 À PARTIR DAS 8:30

ORGANIZAÇÃO
AMOCAM NEI CAMPECHE comcap

APOIO
Minhocas Fala Fala recanto dos pães PADARIA E CAFE um pouco de LÁPIS Livraria Papeteria e Serviços Comunidade Campeche



FONTE: Compilação da autora, imagens retiradas da página do PACUCA no facebook*

RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

* Disponível em < https://www.facebook.com/pg/CAMPECHE.PACUCA/photos/?tab=album&album_id=527825353933719&ref=page_internal > Acesso 06 fev. 2020

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

1.3 TOMBAMENTO E PROJETO DE RESTAURO EXISTENTE

O marco mais importante na história do patrimônio da Aéropostale em Florianópolis é sem dúvidas seu tombamento, iniciativa da própria comunidade, que através de um abaixo assinado, garantiu pelo Decreto N. 13.707 de 17 de novembro de 2014*, o tombamento da área.

Art. 1º Fica tombado, nos termos da Lei n. 1.202, de 1974, como Patrimônio Histórico, Paisagístico e Cultural do Município, o conjunto histórico e paisagístico do Antigo Campo de Pouso do Campeche, demarcado pela poligonal no mapa anexo, correspondente a uma área de 114.641,04 m² (Cento e quatorze mil, seiscentos e quarenta e um metros e quatro décimos quadrados) da matrícula n. 65.420, livro 2/RG do Cartório do 2º Ofício do Registro de Imóveis da Comarca de Florianópolis, bem como a área de 15.022,08m² (Quinze mil, vinte e dois metros e oito décimos quadrados), correspondente ao Decreto Federal n. 83.544 de 04/06/1979, sob matrícula n.7.216 do Livro n. 2-RG, fls. 01 do Cartório do 2º Ofício do Registro de Imóveis da Comarca de Florianópolis.

Parágrafo único. Fazem parte do tombamento os imóveis, remanescentes arqueológicos, espaços abertos e acervo natural.

Art. 2º As edificações inseridas nas respectivas poligonais ficam enquadradas nas categorias P1 e P3 respectivamente, de acordo com o Anexo I - Tabela de Enquadramento em Categorias de Preservação, parte integrante do presente Decreto.

Parágrafo único. Os condicionantes detalhados na tabela deverão ser observados, constituindo-se em elementos integrantes da proteção do bem.

Art. 3º As Categorias de Preservação de que trata o artigo anterior tem as seguintes definições:

I - P-1 - Imóvel a ser totalmente conservado, ou restaurado, tanto interna como externamente pelo excepcional valor Histórico, Arquitetônico, Artístico ou Cultural de toda a unidade.

III - P-3 - Imóveis próximo à edificação ou a conjunto arquitetônico de interesse histórico, podendo ser demolido ou readequado, mas ficando a reedificação ou edificação sujeita a restrições capazes de impedir que a nova construção ou utilização descaracterize as articulações entre as relações espaciais e visuais ali envolvidas.

Art.4º As unidades classificadas como P3 não poderão ter altura superior a 6 metros, sem pilotis ou ático.

Art. 5º A área demarcada como Parque Cultural do Antigo Campo de Aviação do Campeche, onde se localizavam as antigas pistas, é majoritariamente non aedificandi.

§ 1º As antigas pistas de pouso e os remanescentes arqueológicos deverão ser preservados e valorizados

§ 2º Admite-se equipamentos de uso público de lazer, cultura, de infraestrutura do Parque Cultural e um Posto de Saúde Municipal.

§ 3º O projeto do Parque Cultural deverá considerar sua integração à antiga Estação de Passageiros e ao Morro do Lampião e antes de sua implantação deverá ser elaborado o zoneamento prévio que deverá ter os eixos da pista como orientadores do projeto.

§ 4º As construções não poderão ser superiores a 6 metros de modo a garantir a visibilidade do Morro do Lampião, admitindo-se a construção de um hangar-museu para abrigo de aeronaves históricas.

§ 5º O Posto de Saúde Municipal deverá ter seu uso integrado às novas abordagens de saúde, vinculado ao meio-ambiente natural, sendo que o estacionamento de veículos deverá ser reversível para o uso do Parque.

§ 6º A área deverá ser valorizada e sinalizada como Local de Memória, em conformidade com a legislação vigente, Lei 8.209, de 2010.

§ 7º A gestão do Parque Cultural caberá à Fundação Municipal do Meio Ambiente - FLORAM.

Art. 6º Fazem parte das Categorias de Preservação, os Marcos Referenciais de Paisagem Histórico-Cultural, que são elementos construídos ou naturais marcantes na paisagem, ou de significado simbólico que devem ser preservados em sua integridade física e terem garantida sua visibilidade.

§ 1º A visibilidade dos marcos referenciais histórico-culturais inseridos na paisagem urbana do Município deverá ser preservada, não sendo autorizadas construções que reduzam ou impeçam sua apreensão visual, conforme o artigo 19 da Lei n. 1.202, de 1974.

§ 2º Os Marcos Referenciais de Paisagem Histórico-Cultural estão discriminados no Anexo I - Tabela de Enquadramento em Categorias de Preservação e Anexos II e III - Mapas de Tombamento.

Art. 7º Fazem parte do presente Decreto, o Anexo I - Tabela de Enquadramento em Categorias de Preservação e o mapa constante dos Anexos II e III – Mapas de Tombamento e Enquadramento em Categorias de Preservação.

Parágrafo único. Este Decreto vem acompanhado de Exposição de Motivos, Justificativas e Inventário Fotográfico.

Art. 8º A Área Tombada deverá observar os dispositivos da Lei Complementar n. 482, de 2014 (Plano Diretor), quanto às APC-1, no que não estiver especificado neste Decreto.

Parágrafo único. As intervenções na área tombada deverão ter aprovação do SEPHAN

(Florianópolis, Decreto N.13.707, 2014)

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

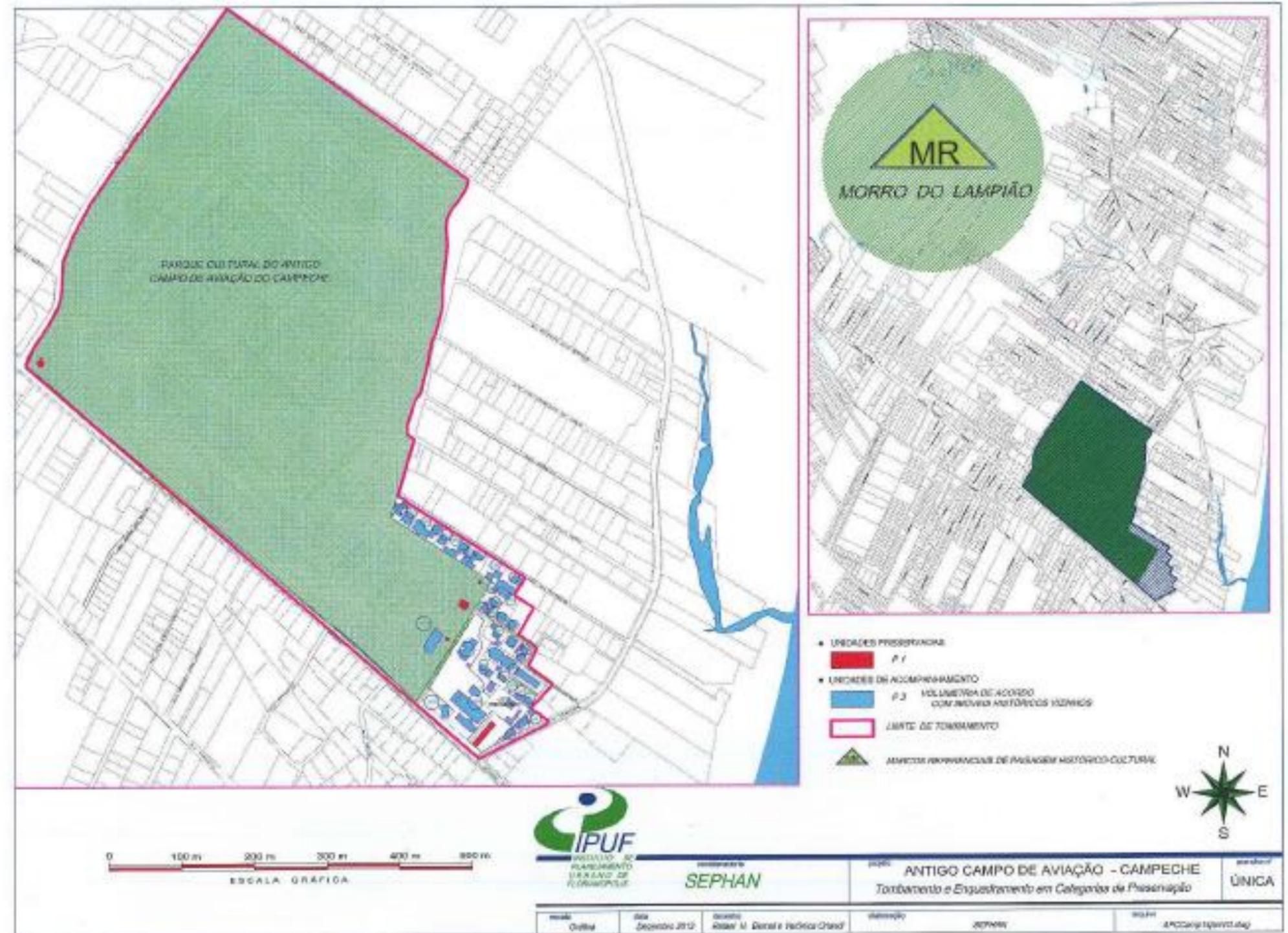
Figura 16: Tombamento da área do Sítio Histórico do Campeche

CAT	CADASTRO	LOGRADOURO	Nº	PROPRIETÁRIO (segundo o cadastro municipal)	OBSERVAÇÃO
LOCALIZAÇÃO					
LEGENDA: ■ Campo de Pouso ■ Tombamentos P1 ■ Tombamentos P3					
MR					Morro do Lampião
Parque cultural	67390943000	Avenida Pequeno Príncipe	2845	União Federal – Base Aérea de Florianópolis	Campo de Aviação
P1	67390943000	Avenida Pequeno Príncipe	2845	União Federal – Base Aérea de Florianópolis	Monumento Histórico
P1	67390943000	Avenida Pequeno Príncipe	2845	União Federal – Base Aérea de Florianópolis	Casa de Rádio (remanescentes arqueológicos)
P1	67390943000	Avenida Pequeno Príncipe	2845	União Federal – Base Aérea de Florianópolis	Resquícios antenas (remanescentes arqueológicos)
P1	67390942000 E 67390941840	Avenida Pequeno Príncipe	s/nº	União Federal – cessão para a Prefeitura Municipal de Florianópolis	Antiga Estação de Passageiros
TRECHO I – Avenida Pequeno Príncipe					
P1	67390942000 E 67390941840	Avenida Pequeno Príncipe	s/nº	União Federal – cessão para a Prefeitura Municipal de Florianópolis	Antiga Estação de Passageiros (parte da área está ocupada e em litígio) Avenida Campeche, 15 - Lourenço Herdt (cadastro imob.)
P3	67390942000	Avenida Pequeno Príncipe	2965	União Federal – cessão para PMF	E.B.M. Brigadeiro Eduardo Gomes Com galpão do ginásio e creche
P3	67390942060	Avenida Pequeno Príncipe	2859	União Federal – cessão para PMF	Posto de Saúde
P1	67390943000	Avenida Pequeno Príncipe	2845	União Federal – Base Aérea de Florianópolis	Clube Catalina

FONTE: Imagem retirada do Decreto N. 13.707 de 17 de novembro de 2014

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

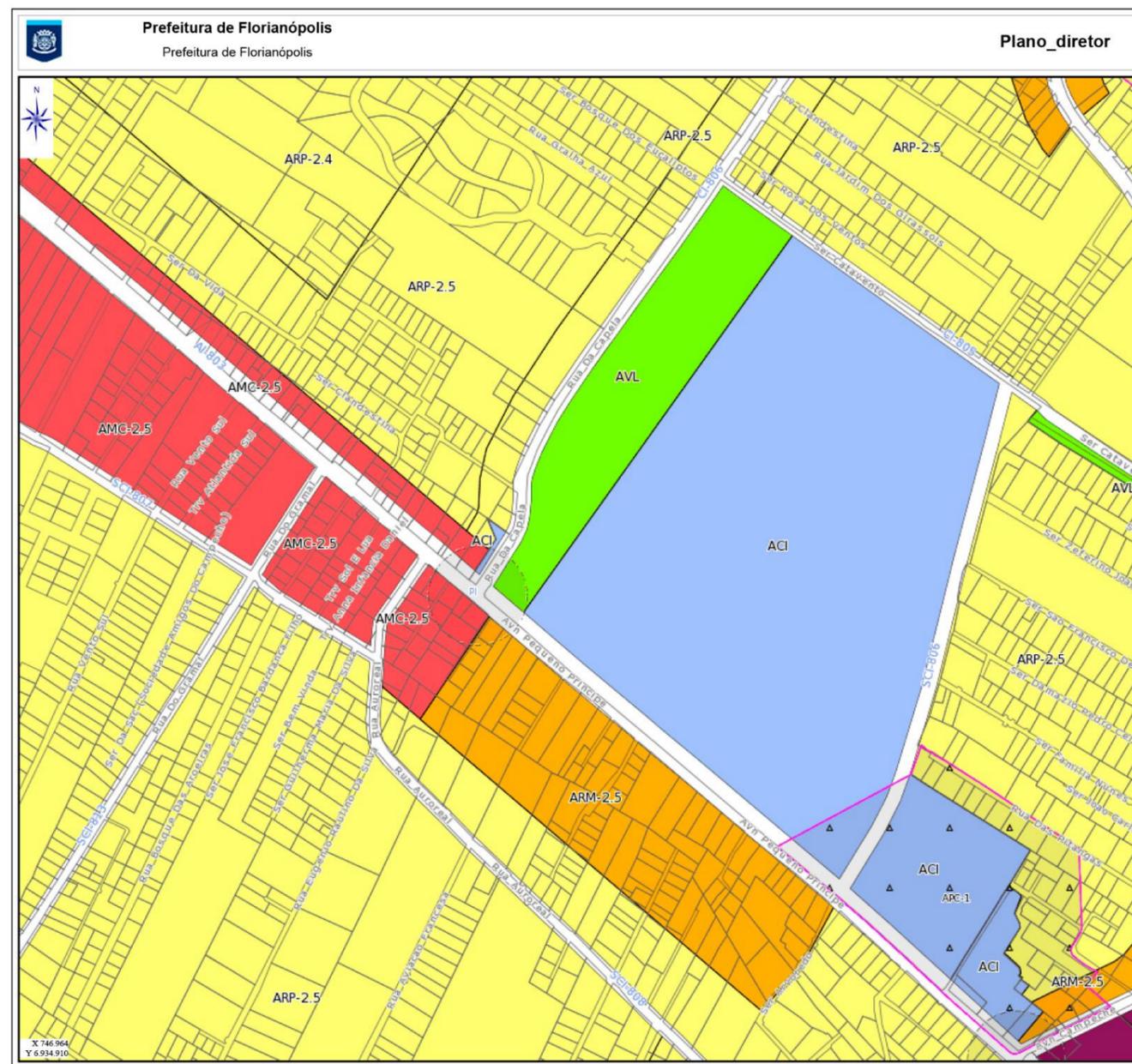
Figura 17: Tombamento da área do Sítio Histórico do Campeche



FONTE: Imagem retirada do Decreto N. 13.707 de 17 de novembro de 2014

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

Figura 18: Zoneamento da área segundo o plano diretor vigente: Hoje segundo o plano diretor a área está dividida em três tipos de zoneamento AVL – Área Verde de Lazer, ACI – Área Comunitária / Institucional e APC – Área de Preservação Cultural



FONTE Geoprocessamento municipal *<http://geo.pmf.sc.gov.br/mapA3P.php>

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

Além do tombamento da área completa do campo de pouso, há um projeto de restauro para a edificação da “popote” que foi realizado em 2011 e prevê a restauração da edificação existente, a demolição dos acréscimos espúrios, recuperação dos alpendres laterais, construção de um anexo contemporâneo e um volume lateral independente para abrigar espaço de uso múltiplo comunitário (salas e auditório) totalizando uma área de atuação de 714,48m² no terreno de aproximadamente 1726m².

No que pode ser encontrado no memorial descritivo entregue pela arquiteta responsável Lilian Mendonça em 2010, a edificação fora construída entre 1928 e 1930 junto ao campo de pouso para abrigar os pilotos companhia de aviação. Ao longo do tempo o uso original da edificação foi descontinuado, servindo de local para a instalação de uma escola multiseriada municipal que abrigou também a família da primeira professora do local, Carolina Inácia de Jesus Heerdt que utilizou o local até meados de 2010.

A edificação ao longo dos anos teve as mais diversas utilizações, desde local de abrigo para famílias carentes até sede de grupos de jovens e adultos do bairro (1966) posto de saúde, Assistência Social e Conselho Comunitário em 1983, Delegacia de Polícia a partir de 1990, posto telefônico da TELESC e finalmente, sediou a Intendência, ao mesmo tempo que o Grupo de Mães e Idosas passou a promover encontros (MENDONÇA, 2010). Portanto percebe-se um constante uso público e comunitário do local, um potencial importante a ser explorado.

Hoje, 10 anos após o projeto de restauro, que não foi realizado, a edificação ainda é utilizada pelo grupo de mães e idosas e serve como sede de algumas reuniões comunitárias, mas não dá mais lugar a intendência do bairro. Além disso, possui a ocupação irregular de um senhor que instalou um lava-car no terreno.

A edificação possui uma planta alongada, cobertura de duas águas e caracteriza-se pelo ritmo das portas e janelas de madeira maciça ao longo de seu comprimento que confere uma sequência de vãos convidativos à sua entrada. O estado de conservação do casarão é considerado precário em sua maioria.

Dentre as alterações ocorridas ao longo dos anos incluem-se a modificação do nível dos pisos internos, a incorporação de sanitários e novas divisões em alvenaria dentro da edificação, bem como reformas

no telhado. Além destes, anexos espúrios foram acrescentados inadequadamente, devendo portanto, serem demolidos. As esquadrias, sobretudo na parte da edificação atualmente ocupada pela intendência, apresentam-se bastante degradadas e alteradas, devendo ser substituídas por de desenho similar às originais. (MENDONÇA, 2010, pg. 6)

O programa de necessidades do projeto de restauro de 2010 foi elaborado para suprir demandas da comunidade, como salas de reunião e auditório, mas também para abrigar um espaço de exposição para abrigar os documentos da presença da Aéropostale no Campeche, conferindo um caráter educacional e patrimonial à edificação.

Apesar do projeto de restauro da edificação já ser bastante antigo, sua tramitação ainda segue sendo pauta de discussão, já foram realizados restauros paliativos durante os últimos anos mas ainda não há verba para sua restauração completa. A historiadora Mônica Correa, que luta pela preservação da histórica da Aeropostale no local há anos, busca patrocínios e interesse de associações como a ACIF (Associação Comercial e Industrial de Florianópolis) e FAPESC (Fundação de Amparo a Pesquisa de Santa Catarina) para a restauração e transformação do local em um ponto de rota turística e cultural da ilha de Santa Catarina. A ideia principal da restauração do local é transformá-lo em um ponto de interesse turístico mas também em um centro comunitário que desperte o interesse nas novas gerações pela história da aviação no Campeche envolvendo crianças e adolescentes da escola logo ao lado da edificação neste processo.

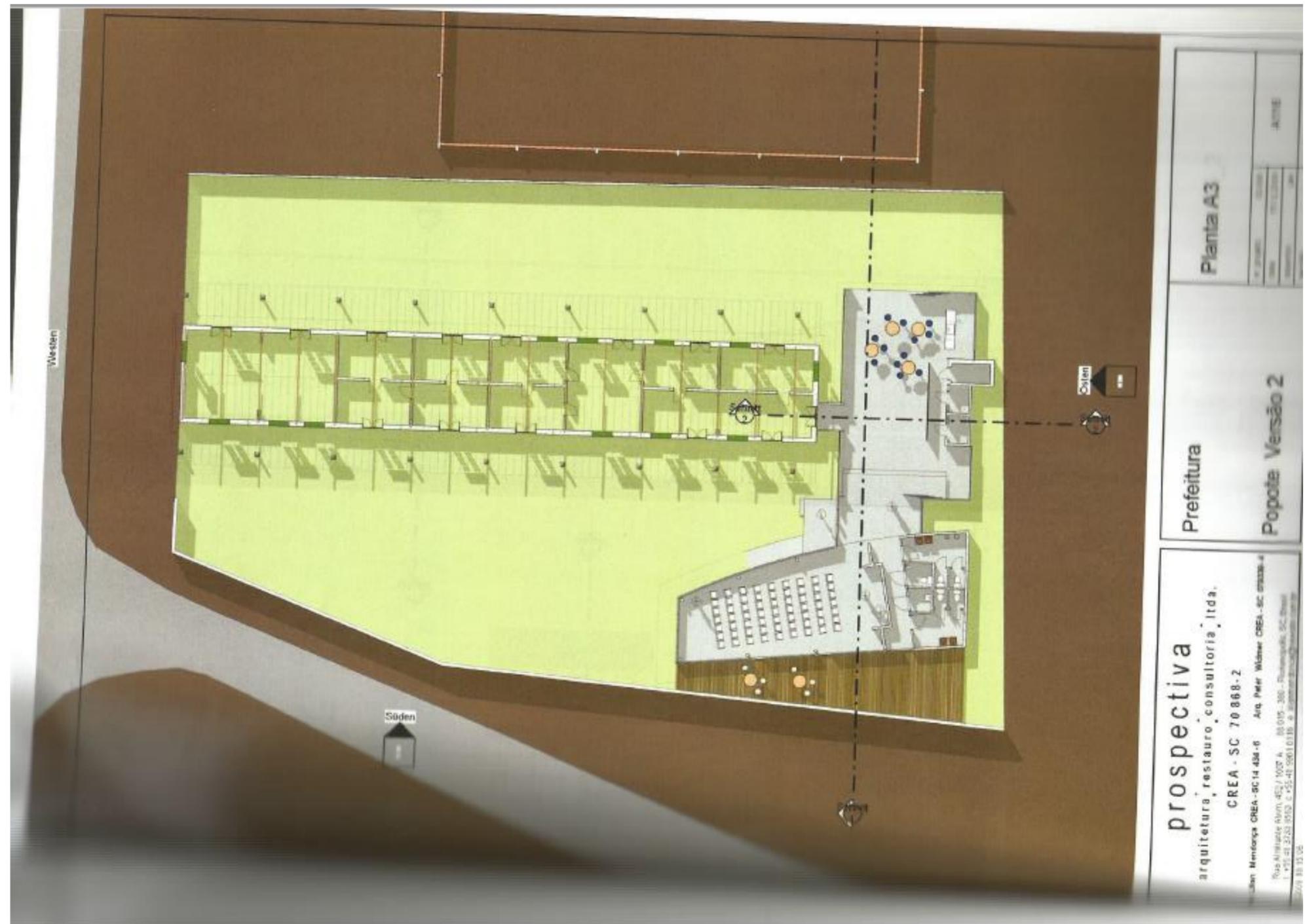
Figura 19: Imagem do casarão em décadas passadas



FONTE: Imagem retirada do memorial descritivo realizado por Lilian Mendonça em 2010

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

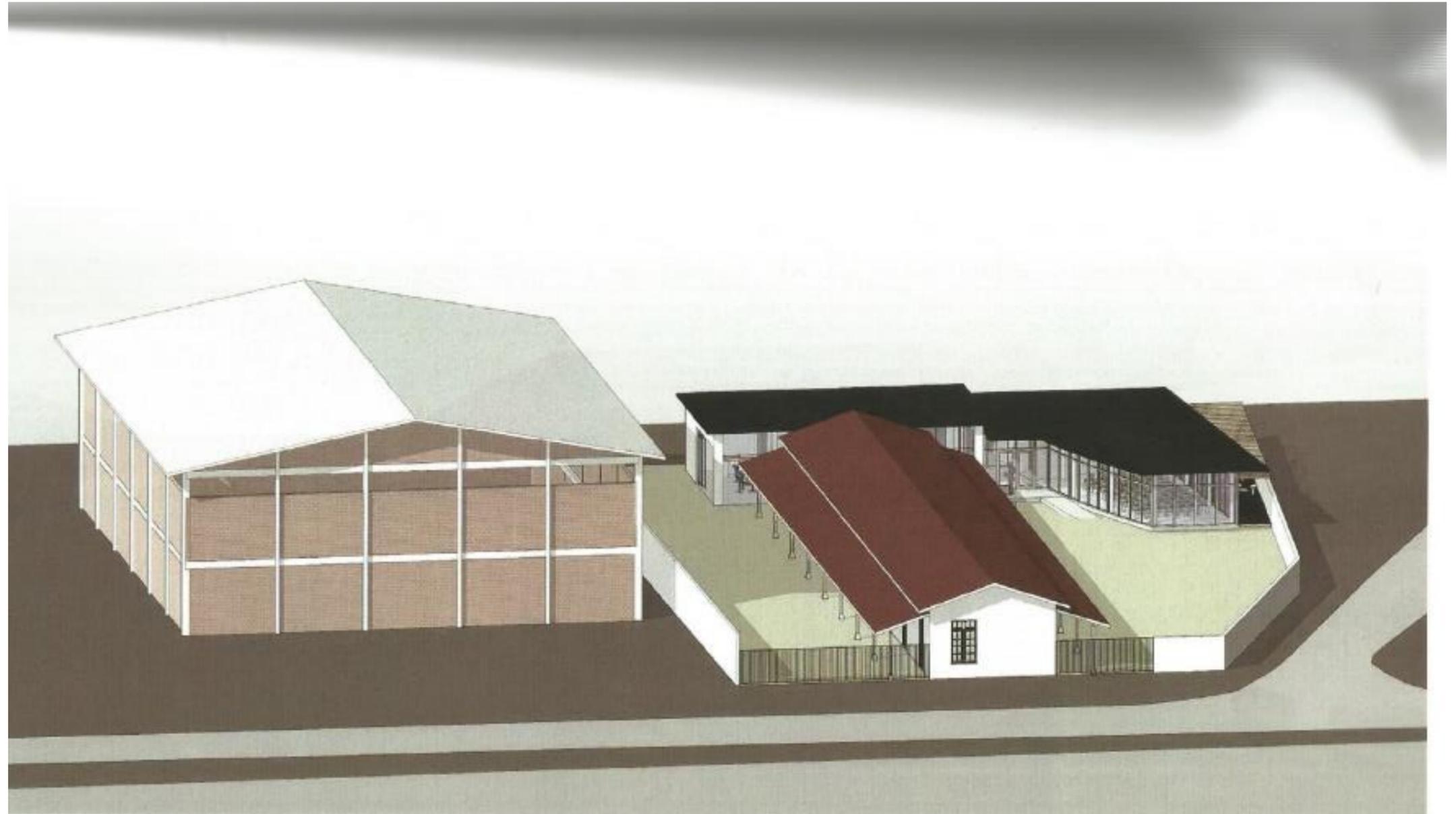
Figura 20: Vista superior do projeto de Restauo realizado em 2010



FONTE: Imagem retirada do memorial descritivo realizado por Liliam Mendonça em 2010

02. O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE

Figura 21: Perspectiva do projeto de restauro com o ginásio da escola básica no terreno ao lado



FONTE: Imagem retirada do memorial descritivo realizado por Liliam Mendonça em 2010

INTRODUÇÃO AO PROJETO



03.

3.1 O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE COMO LACUNA DE PRESERVAÇÃO

A ideia de preservação está pessoalmente relacionada com o conceito de nação e identidade. Esses conceitos, por sua vez, estão associados ao fato de que, a partir de uma condição ambiental, de uma única miscigenação de povos e de uma determinada história, só é possível obter como resultado um processo cultural, que segue evoluindo ao longo dos tempos determinado por diretrizes únicas e saberes coletivos que compõem assim, a identidade cultural e a nacionalidade de um povo.

O sentimento de identidade, segundo Pollak (1992), nesse caso, é considerado uma imagem que o indivíduo projeta a respeito de si mesmo, essa imagem construída significa não só a sua própria representação mas também a maneira como esse sujeito deseja ser percebido pelo outro. A construção social da identidade cultural de um povo tem ainda influência de outros fatores que envolvem aceitação, credibilidade, negociação, que podem se modificar ao longo do tempo. “Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.”(POLLAK,1992, p. 205). Portanto, se a identidade social é construída e passível de mudança e negociação, seus valores serão alvo de conflitos e disputas entre diferentes grupos sociais e políticos.

Ao longo da modernidade surge uma ideia de uniformização do pensamento, uma despersonalização dos povos, na busca de um homem ideal e de uma vida padrão, sem que fossem consideradas as complexas diferenças culturais dos povos, em certos momentos até desconsiderando o patrimônio cultural das cidades em busca de uma ideologia moderna e progressista. Por outro lado, na pós modernidade, com as consequências da globalização, essas peculiaridades culturais passam a ser vendidas como mercadorias, de forma a perder seu sentido e seus significados. É importante esclarecer que o valor cultural dos povos está principalmente no campo do saber, especialmente no saber fazer, o que torna imprescindível que os processos evolutivos dos povos sejam controlados para que aquilo que os torna únicos não se perca em meio a uma modernização desenfreada.

A preservação do patrimônio cultural, sendo assim, se torna uma importante ferramenta de fortalecimento de nações e consequentemente do seu povo, essa salvaguarda se mostra como um dever patriota, que prega a valorização e o respeito daquilo que representa sua identidade, ou ao menos deveria representar. O autor austríaco Michael Pollak, que estudou a relação entre memória e identidade social afirma que ambos são fenômenos construídos.

A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo. Esse último elemento da memória - a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que a memória é um fenômeno construído. (POLLAK, 1992, p. 204).

Sendo assim, é fato que a preservação do patrimônio idealmente deveria estar incluindo uma gama de exemplares móveis e imóveis que refletisse o povo a qual se refere, mas, por muitas vezes a mesma tem sido utilizada como ferramenta de dominação de uma elite para a manutenção de suas dinâmicas de poder, influenciando de forma política o juízo de valor do que deve ser preservado ou não e fazendo com que grande parte da população se desinteresse ou desconheça o direito de ter a sua própria cultura a ser preservada. Dessa forma, é preciso que se influencie não só uma valorização da cultura e sua conservação, mas também uma educação da população em relação a esses temas, para que assim haja uma melhor compreensão de sua própria memória social.

03. INTRODUÇÃO AO PROJETO

A teoria da preservação do patrimônio cultural pode ser centrada em duas questões primordiais: por quê preservar? E, o quê preservar? A resposta à essas perguntas por muito tempo envolveu questões apenas técnicas ou históricas, valorizando preciosismos arquitetônicos, exemplares únicos de certas técnicas construtivas ou, a história vivenciada pelo bem. No entanto, após certo ponto da história, percebe-se que a preservação do patrimônio também poderia dar luz a um objeto frente ao interesse público, econômico, e sendo assim, simbólico e político.

Dessa forma, o patrimônio passa a estabelecer disputas não só físicas mas também políticas e ideológicas nos centros urbanos, visando sempre à uma estratégia, o que Márcia Sant’anna define como o “dispositivo do patrimônio”.

O dispositivo de patrimônio tem servido, desde sua instauração no século XIX, às mais diversas situações estratégicas. O objeto tornado patrimônio, monumento histórico, bem cultural ou bem de cultura, não importa o nome que se dê, está sempre funcionando como elemento de estratégias de poder e de resistência que, conforme o momento histórico, visam a construir nacionalidades ou identidades nacionais; conferir status a determinada produção artística, arquitetônica, ou, genericamente, cultural; incentivar ou incitar a utilização de determinado repertório formal na produção arquitetônica ou urbanística; reforçar a afirmação e a resistência cultural de grupos étnicos minoritários ou dominados; regular a utilização e a ocupação do solo urbano pela limitação à propriedade privada, etc. O patrimônio é, então, o resultado de uma produção que envolve elementos muito heterogêneos e mobiliza os mais diversos saberes para, em última análise, produzir sentidos. (SANT’ANNA, 2014, P.33)

É possível, assim, apontar a existência de lacunas na preservação do patrimônio cultural, que representam o desinteresse por bens e tradições que não interessam à manutenção dessas estratégias. As lacunas podem ser materiais ou imateriais, e essa falta de interesse com o patrimônio pode vir tanto por parte da população, que,

educada por um conceito de patrimônio elitista e excludente, não vê sua própria cultura ou marcas de seu passado como um elemento digno de preservação. Ou do poder público, que muitas vezes se vende à pressão exercida pelo desenvolvimento urbano da cidade capitalista contemporânea, deixando em segundo plano a preservação da cultura local, importante para o fortalecimento das comunidades.

A memória social, comum a habitantes de uma mesma sociedade, segundo Pollak (1992) se trata de uma operação coletiva, construída, que tenta definir e reforçar sentimentos e pertencimentos coletivos traçando fronteiras sociais. A referência ao passado é fundamental para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem a comunidade, fornecendo referências e pontos de referência.

Pollak ainda define que a memória é constituída por três elementos principais, em primeiro lugar, os acontecimentos, que podem ser vividos pessoalmente ou “vividos por tabela” ou seja, acontecimentos que mesmo não presenciados são tão intrínsecos na sociedade e no imaginário coletivo, que a pessoa se sente pertencer. Além disso, a memória é constituída por personagens e finalmente, lugares. Estes três elementos constroem limites sociais e referências identitárias, portanto, a preservação do patrimônio histórico, quando não engloba parte destes lugares de memória, cria também uma lacuna na memória social e cultural das comunidades, principalmente quando esses patrimônios renegados são exemplares importantes para a construção de uma identidade.

São eles justamente construções e tradições que evidenciam os considerados saberes e riquezas imateriais brasileiros, como os engenhos de cana de açúcar, os terreiros de candomblé, os ranchos de pesca artesanal, entre outros. Essas edificações sem valor arquitetônico ou estilístico significativo representam parte essencial de nossa cultura e muitas vezes são ignorados por não pertencerem à história de uma classe dominante, na tentativa de moldar uma identidade e uma memória social baseada em princípios e políticas específicas.

03. INTRODUÇÃO AO PROJETO

Lidar com a questão da preservação da memória social e do patrimônio cultural é um desafio intelectual e político, que está relacionado também com a complexidade da organização das cidades contemporâneas e sua relação com o capitalismo.

A contemporaneidade no mundo ocidental tornou os monumentos cada vez mais cristalizados, em uma cidade mais complexa e heterogênea, a dificuldade em trabalhar com as diferentes épocas e usos em meio à dinâmica urbana fez com que as edificações se voltassem para dentro, e tomassem um significado meramente contemplativo numa crescente museificação das cidades, petrificando-as em uma imagem inalterável. (Pinheiro e Duarte, 2008). A lógica patrimonial adotada após os anos 80, segundo Jeudy, caracteriza-se pelo conceito da reflexividade, uma visão museográfica do mundo “Para que exista patrimônio reconhecível, é preciso que ele possa ser gerado, que uma sociedade se veja no espelho de si mesma.” (JEUDY, 2005, p. 19) Ou seja, essa conservação patrimonial, muitas vezes obsessiva, focada na transmissão de uma imagem, na exposição de uma memória, e não na sua experiência, mais nos distancia do que nos aproxima do real significado de valorização de identidades e culturas.

A visão dos lugares de memória apenas como objeto contemplativo e não como parte integrante da dinâmica de usos dos centros urbanos, combinada com as demandas capitalistas das cidades atuais reforçam ainda mais as lacunas da preservação do patrimônio cultural e a perda de seus significados. Essa questão se agrava com a crescente espetacularização das cidades, marketing e branding urbanos, característicos do planejamento estratégico das cidades contemporâneas, que vêem a conservação e revitalização do patrimônio simplesmente como mercadoria, atrativo turístico e fonte de lucro. É importante salientar que a lacuna da preservação não necessariamente configura a inexistência da conservação mas sim a falta de conexão e identificação entre o que está sendo preservado e a comunidade a qual se refere.

É claro que no Brasil, a preservação do patrimônio segue diferentes dinâmicas do que nos grandes centros europeus, onde se concentram os estudos dos autores citados anteriormente. Num país

subdesenvolvido, apesar de seguir a mesma base teórica europeia, a preservação do patrimônio histórico enfrenta mais empecilhos do que incentivos, a imposição do mercado por centros massivamente densificados e uma política urbana ainda bastante frágil, torna as lacunas materiais bastante evidentes.

A especulação imobiliária é uma de suas principais causas. Vemos por todo o Brasil a luta judiciária travada nos centros urbanos pela demolição de edificações pertencentes à outras épocas, para que cedam lugar a grandes empreendimentos imobiliários muitas vezes fora da escala local, que alteram drasticamente o traçado urbano das cidades. A situação ainda se agrava, quando as edificações não fazem parte do que podemos chamar de “status patrimonial” ou seja, a população não os reconhece como patrimônio, é o caso do patrimônio industrial, neocolonial, modernista, etc.

Em Florianópolis por exemplo, o edifício Mussi (fig.22), localizado no centro da cidade, foi construído no contexto de renovação urbana e início de verticalização da área na década de 50 e representava um dos únicos exemplares da arquitetura multifamiliar modernista na cidade. No ano de 2010, foi demolido em uma atitude criminoso, mesmo com orientação contrária do ministério público e do IPHAN para dar lugar à um edifício corporativo, fato de grande impacto no desenho urbano da cidade. A empresa responsável afirmou que como o edifício não era tombado, não havia motivo para não derrubá-lo. Mesmo assim, os responsáveis foram culpabilizados e condenados a pagar judicialmente pelos atos, um ato importante na história patrimonial da cidade.

Em Recife, Pernambuco, mesmo com grande mobilização social (fig.23), dois galpões do cais Estelita, a primeira estação ferroviária pública do Brasil, localizado em um dos bairros mais tradicionais da cidade, foram demolidos em março de 2019 para dar início às obras do intitulado “Novo Recife”(fig. 24). Se trata de um condomínio multifamiliar privado de alto gabarito que irá interferir drasticamente não só na dinâmica urbana do local mas também na paisagem cultural da cidade do Recife, já bastante castigada por outros casos como este.

03. INTRODUÇÃO AO PROJETO

Figura 22: Edifício Mussi em Florianópolis (1957) desenho do arquiteto Wolfgang Rau



FONTE: Imagem retirada da internet*

Tanto a memória quanto o esquecimento são produtos sociais, estes vazios urbanos, causados pelo patrimônio ausente configuram lugares onde “parece predominar a memória do passado sobre o presente” (Solà-Morales, 2002). Nestes locais vazios, baldios, que permanecem fora da dinâmica urbana e incitam o pensamento coletivo à respeito da memória da ausência, deveriam ser trabalhados projetos a dar continuidade àquela memória e àquela história, mas hoje, em sua maioria, são preenchidos com edificações corporativas, homogêneas e agressivas ao traçado urbano das cidades.

Apesar de decisiva, a especulação imobiliária não é a única que corrobora o crescimento das lacunas patrimoniais, a legislação ineficaz e a falta de apoio da própria população, também são fundamentais para a manutenção dessas dinâmicas. A lei de tombamento apesar de amplamente difundida é pouco entendida pela população. Muitas vezes o proprietário de um imóvel tombado em uma área de alto valor territorial se sente em desvantagem comercial pois, apesar de poder fazer usufruto da edificação, precisa se adequar às regras legais do bem tombado, ou seja, o interesse de compra do imóvel cai drasticamente. Esse sentimento contrário ao tombamento é ainda mais forte quando o

bem não é um representante da arquitetura à qual a população foi educada a considerar como patrimônio cultural, ou seja, o próprio proprietário não reconhece o valor patrimonial da edificação.

Figura 23: Manifestantes do movimento Ocupe Estelita em protesto contra a demolição dos galpões



FONTE: Imagem retirada da internet**

Figura 24: Projeto Novo Recife, exemplo de influência da especulação imobiliária nos centros históricos brasileiros



FONTE: Imagem retirada da internet***

O CAMPO DE POUSO DO CAMPECHE COMO LACUNA DE PRESERVAÇÃO

*Disponível em < <https://ndmais.com.br/noticias/ex-secretario-e-condenado-por-demolicao-do-edificio-mussi-no-centro-de-florianopolis/>> Acesso em 3 de fev. de 2020

** Disponível em < <https://noticias.ne10.uol.com.br/grande-recife/noticia/2015/05/07/movimento-ocupe-estelita-realiza-novo-protesto-nesta-quinta-545615.php>> Acesso em 3 de fev. de 2020

*** Disponível em < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/disputa-pelo-cais-estelita-ganha-novo-capitulo-mas-esta-longe-do-fim/>> Acesso em 3 de fev.2020

03. INTRODUÇÃO AO PROJETO

Além disso, a lei de tombamento como principal forma jurídica de preservação do patrimônio muitas vezes não se adequa às diferentes expressões culturais de nossa sociedade, restringindo a conservação. É o caso do tombamento dos terreiros de candomblé, em que a lei teve de ser flexibilizada para que os locais pudessem ser tombados e dessa forma, preservados, mantendo sua dinâmica cultural e religiosa que envolve modificações físicas e materiais nas edificações, fato que normalmente não seria permitido em um tombamento comum. Por último, é importante salientar a importância de uma cultura de educação patrimonial das cidades, estimulando a população a reconhecer e reconhecer-se nas mais variadas expressões de sua cultura, estimulando a diversidade e o pertencimento à uma identidade, que deve ser expressada e não moldada.

Relacionando a área de estudo com a reflexão teórica, é visível que o campo de pouso possui características de uma lacuna da preservação, corroborada principalmente pelo poder público que age muitas vezes em detrimento de interesses privados. O patrimônio da área do campo de pouso está em constante disputa, por estar localizado em uma área nobre de um bairro em processo de densificação e gentrificação, a pressão exercida no local pelo avanço do capital é grande. Mesmo assim, a comunidade local tem consciência de sua importância e luta há anos pela preservação não só da história que o campo carrega, mas do caráter público desse espaço, sendo ela a grande responsável pelo seu tombamento. Mesmo os detalhes de sua história sendo pouco difundidos entre os moradores, as características ressonantes de sua paisagem cultural fazem com que a mobilização social lute pela permanência de suas dinâmicas. A preservação deste patrimônio não serve apenas para manter a história dos primórdios da aviação viva no local, mas é uma ferramenta de resistência identitária e garantia de uma qualidade de vida e desenvolvimento urbano sustentável no local, através da salvaguarda e inclusão da comunidade em sua paisagem cultural.

Sendo assim, pode-se observar o potencial transformador da preservação do patrimônio no campo de pouso, através do resgate da memória e história das edificações remanescentes, da transformação

do local em uma área pública de uso cultural voltada para a população e por último, de seu caráter educacional, visto que dentro do campo funcionam duas instituições de ensino que tem papel importante na permanência dessa memória conscientizando novas gerações. Para que a conservação dessa memória não seja apenas iconográfica, é preciso associar a vida cotidiana aos bens culturais, através de significados, sem apenas imobilizar a história numa constante museificação. É preciso manter a tradição viva nas pessoas e não apenas nos objetos. Sendo assim, os processos de preservação devem focar em integrar o patrimônio cultural ao dia a dia da população, associando os lugares de memória às demais dinâmicas sociais e práticas cotidianas.

03. INTRODUÇÃO AO PROJETO

3.2 ANÁLISE DA ÁREA

Para que se possa analisar a área e propor ocupações para a área do Campo de Pouso do Campeche, é necessário entender o contexto em que o mesmo está inserido. O campo com aproximadamente 352 mil m² de área está localizado na região central do bairro do Campeche, conhecido por suas belas paisagens e qualidade de vida. A planície do Campeche é segundo Barbosa, Burgos e Tirelli (2007) a maior área plana sedimentar da Ilha de Santa Catarina, com 55km², abrangendo praias de mar aberto e da Baía Sul, sendo também conhecida como “Planície Entremares” (fig. 21). A região, porosa e com vastas áreas arenosas, recebe e acumula no solo a água das chuvas, dos ribeirões e riachos que descem os morros formando um vasto lençol freático, o Aquífero do Campeche, que impede o avanço do mar para o interior da Ilha formando uma bacia Hidrogeológica. As águas dos aquíferos afloram em várias lagoas que aparecem principalmente após grandes chuvas, as maiores são a Lagoa Pequena, a norte, e a Lagoa da Chica, a sul, além dos brejos e pântanos que drenam lentamente o ecossistema.

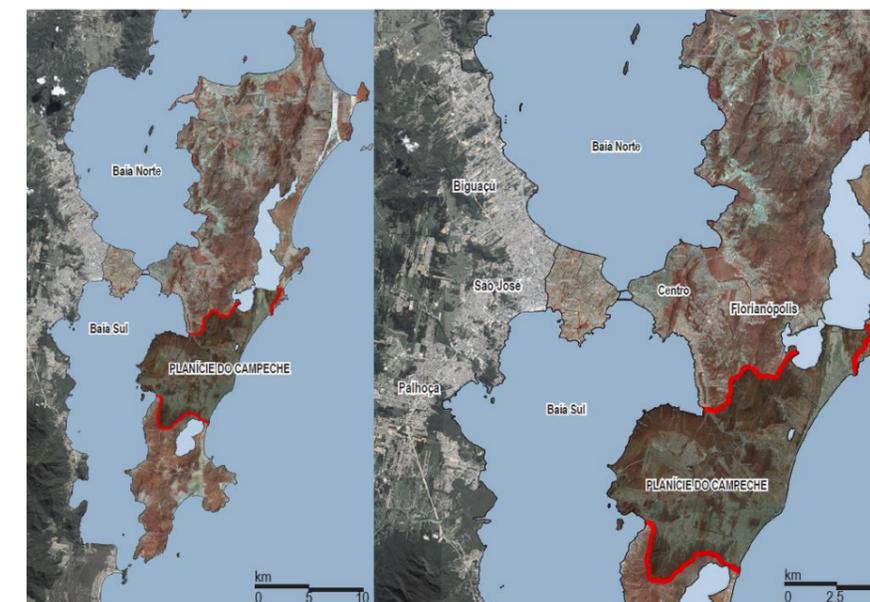
Além da importância ambiental da Planície Entremares para a manutenção dos ecossistemas da Ilha, o local também desperta interesse urbano por ser uma área de conexão entre diversos pontos da região, o que contribuiu para se tornar parte importante do planejamento de expansão de Florianópolis a partir da década de 70. Para Reis (2012) o Campeche é o caso mais dramático de transformação urbana informal da Ilha. Além de ser uma grande área de expansão urbana, é impressionante a ausência do poder público para ordenar e planejar a ocupação do bairro, que é um importante articulador na porção centro-sul de Florianópolis. Segundo Reis (2012) a respeito do desenvolvimento urbano do Campeche:

O parcelamento agrícola organizava-se em diversas frações, que apresentavam diferentes direções de crescimento estruturadas por múltiplos caminhos. Nas transformações contemporâneas, essas frações desenvolvem-se de maneira relativamente independente umas das outras, com cada uma delas sendo estruturada pelo caminho que antes organizava a

acessibilidade às parcelas agrícolas. As zonas de interface entre as diferentes malhas viárias constituem pontos de indefinição espacial, onde, caminhos principais organizam as partes e interligam, ao mesmo tempo, as diferentes porções entre si. Passam a ser dessa forma, referências não apenas da fração que organizam, mas do Campeche como um todo. (REIS, 2012, p.155)

A região vem sendo “vendida” através de uma propaganda urbana como um recanto de paz e qualidade de vida em meio ao caos urbano da cidade, essa tentadora visão do bairro e sua fácil acessibilidade ao centro da cidade e outros bairros vem trazendo um grande contingente de novos moradores para a região, que muitas vezes se frustram devido à falta de infraestrutura do bairro, que sofre com constante problemas de falta de água, problemas com tratamento de esgoto, falta de calçamento nas ruas residenciais e problemas sérios de mobilidade urbana, principalmente no verão, em que as lindas praias e paisagens da região atraem ainda mais turistas. Além disso, a construção de loteamentos como o “Novo Campeche”, vem aumentando consideravelmente o valor da terra no bairro, iniciando um processo de gentrificação na região.

Figura 25: Planície do Campeche



FONTE: MITTMANN, 2008

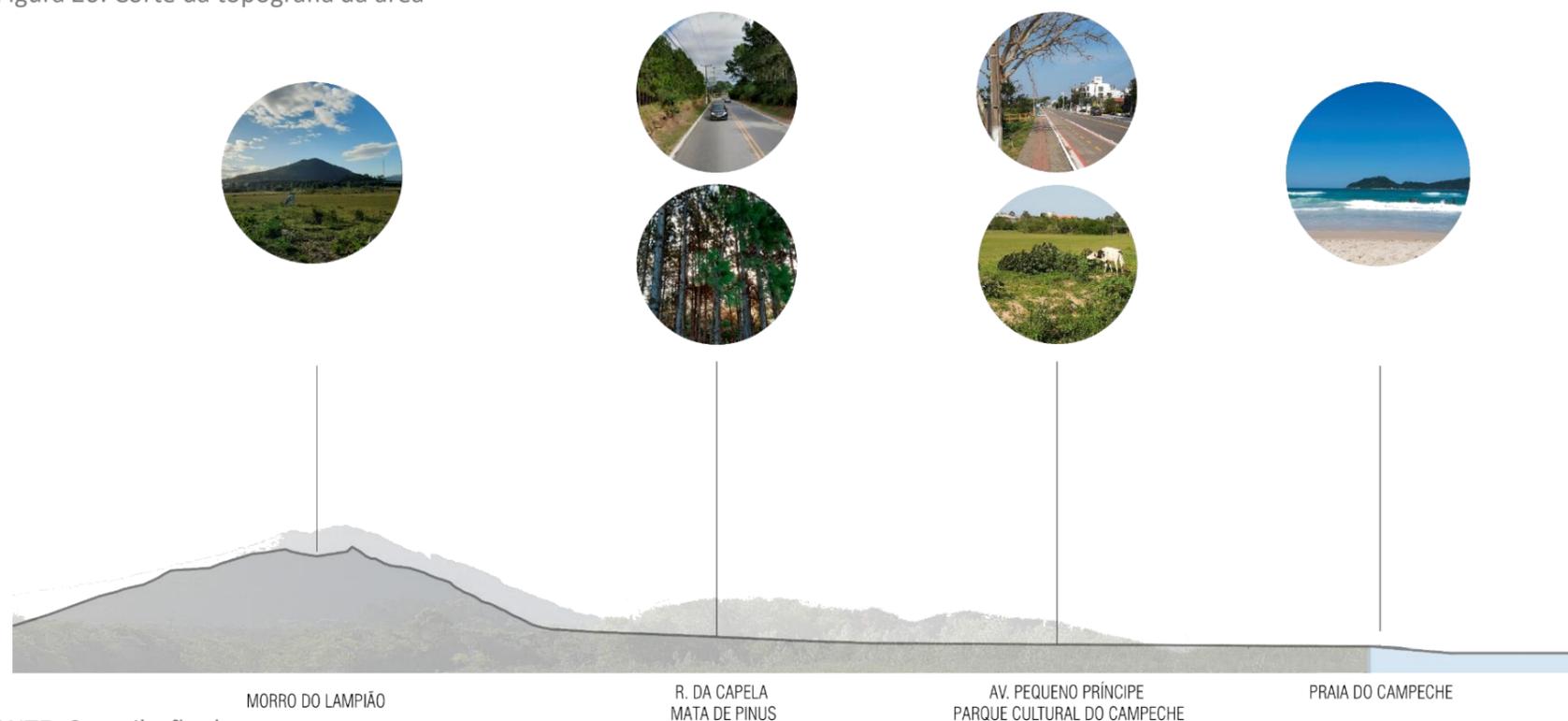
03. INTRODUÇÃO AO PROJETO

Para Mittmann (2008) a planície do Campeche também é um nó de grande importância para o desenvolvimento da região metropolitana de Florianópolis tendo um potencial de conexão urbana em diversas escalas, a planície é o portal aéreo do litoral catarinense abrigando o mais importante aeroporto do estado, e sendo “entremares”, um terrapleno entre baía sul e mar aberto, a planície conecta os dois lados longitudinais da ilha, importante para o desenvolvimento da mobilidade hoje apenas rodoviária mas também com potencial marítimo inclusive com o continente. Além disso, ainda segundo o autor, a região da planície compreende o elo sul que conecta o maior circuito viário insular, que vai da Praia Mole ao Rio Vermelho, conectando norte e sul da Ilha de Santa Catarina.

Com esses dados, fica claro que a área do Bairro do Campeche possui grande relevância não apenas local, mas regional. É de extrema importância salientar essas potencialidades pois quando lidamos com uma área de 350 mil m² que é o caso do campo de aviação do Campeche, localizada em uma planície tão articulada e em um intenso processo de desenvolvimento, é preciso analisar os impactos do projeto de maneira global.

Adentrando a área de estudo, o Campo de Pouso do Campeche está localizado entre o Morro do Lampião e a Praia do Campeche (fig. 22), tratando de suas condicionantes naturais, a área é bastante plana, um descampado que tem como vegetação principal a vegetação de restinga, nativa da região, que se localiza principalmente na porção oeste do terreno e a vegetação de mata de Pinus, a leste. A vegetação de Pinus é uma mata invasora que causa erosão no solo não permitindo a proliferação de outras espécies, e deve ser controlada para que não afete o crescimento da mata de restinga local. Além da vegetação, o terreno possui um curso d’água retificado que corre paralelo à avenida pequeno príncipe e uma área alagável em tempos de grandes chuvas que se localiza no centro do terreno, se formando devido à presença mais densificada da vegetação de restinga e à topografia levemente mais baixa que o restante do terreno. (fig.23)

Figura 26: Corte da topografia da área



FONTE: Compilação da autora

Figura 27: Condicionantes naturais da área



FONTE: Compilação da autora

03. INTRODUÇÃO AO PROJETO

O terreno é circundado em 3 lados por vias, a sul, e sendo essa sua principal conexão com o bairro, o campo faz frente à Avenida Pequeno Príncipe, que liga a SC405, rodovia que liga os bairros do sul da Ilha, com a Praia do Campeche e a Av. Campeche, rua que conecta o bairro com o bairro vizinho Rio Tavares. A Avenida pequeno príncipe é a principal via do bairro e acumula em seus dois lados a maior parte do comércio local, hoje possui mão dupla com duas faixas e uma faixa cicloviária em um dos lados. A norte, o parque é conectado no tecido urbano pela Servidão Catavento, essa servidão é um exemplo muito claro do que vem acontecendo com o desenvolvimento urbano do bairro do Campeche, a via é composta por empreendimentos imobiliários construídos

recentemente e residências comuns, de ocupação mais antiga, o interessante é que a servidão possui calçamento adequado apenas na parte onde estão os edifícios, na área residencial que fica em frente ao terreno do campo de pouso, a servidão possui um piso de terra bastante acidentado. A oeste o parque é contornado pela Rua da Capela, que conecta a Av. Pequeno Príncipe com a Av. Campeche, anteriormente citada. Além disso, o parque possui outras quatro conexões com servidões estritamente residenciais no estilo espinha de peixe, que possuem caixa de via extremamente reduzida, uma delas inclusive também não possui calçamento. .

Figura 28: Sistema viário do entorno imediato do terreno do Campo de Aviação



FONTE: Compilação da Autora

ANÁLISE DA ÁREA

03. INTRODUÇÃO AO PROJETO

A dinâmica de ocupação atual do campo é bastante diversa, apesar de não possuir grandes estruturas construídas o local é bastante utilizado pela população, dentro dele estão localizados: O Posto de Saúde do Campeche, a Horta comunitária do PACUCA, organizada pela comunidade, a associação de futebol histórica do bairro UNIDOS, um parquinho infantil localizado junto ao Marco Histórico e o Clube Aeronáutico Catalina, uma edificação do tipo galpão que tem como única utilidade a reunião dos membros da aeronáutica para eventos e reuniões. Além dessas atividades permanentes do campo de pouso, o local é muito utilizado para a prática de esportes, brincadeiras, passeios, e nas aulas de educação física da Escola Básica Brigadeiro

Eduardo Gomes e do NEIM Campeche, que conduzem as crianças para brincadeiras e eventos no campo. Para quem observa o campo da rua, ele possui quase um caráter rural, devido aos cuidados da horta da comunidade, ainda existem algumas vacas pastando no local e é possível vê-las da avenida principal do bairro, outro paradoxo interessante e comum nas ocupações do sul da ilha. O fluxo de deslocamento das pessoas no parque é bem demarcado por caminhos há muito tempo percorridos, importantes marcas da ocupação da comunidade no local.

Figura 29: Dinâmica de ocupação do Campo de Aviação hoje



- ① POSTO DE SAÚDE ③ MARCO HISTÓRICO / PLAYGROUND ⑤ CLUBE AERONÁUTICO CATALINA ⑦ NEIM CAMPECHE
- ② HORTA COMUNITÁRIA ④ ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL UNIDOS ⑥ E.B. BRIG. EDUARDO GOMES ⑧ CASARÃO DA AÉROPOSTALE

FONTE: Compilação da autora

03. INTRODUÇÃO AO PROJETO

3.3 DIRETRIZES DE PROJETO

A partir das conclusões tomadas pela investigação do espaço neste primeiro momento, o projeto a ser proposto para a região do Campo de Pouso do Campeche segue algumas premissas principais, a primeira delas é lançar diretrizes gerais de ocupação para toda a área do Campo de Pouso, assim como modificações no contorno viário imediato do local. Essas diretrizes surgem de demandas da população, consultada através de um questionário virtual que obteve 89 respostas de moradores locais, além do contato com Alencar Vigano, presidente da AMOCAM, Mariana Lisboa, uma das professoras responsáveis pela Escola Básica Brigadeiro Eduardo Gomes e além disso, recentemente a comunidade local procurou o PET-ARQ para a realização de um novo projeto para o Parque Cultural do Campeche, liderado pela urbanista Elisa Jorge. A população encaminhou um programa de necessidades para a universidade, que também foi levado em consideração durante a elaboração do projeto. Vale salientar que este trabalho foi produzido em meio à pandemia do corona vírus, portanto muitos levantamentos, encontros com a comunidade, entre outras atividades que estavam previstas tiveram de ser canceladas ou modificadas.

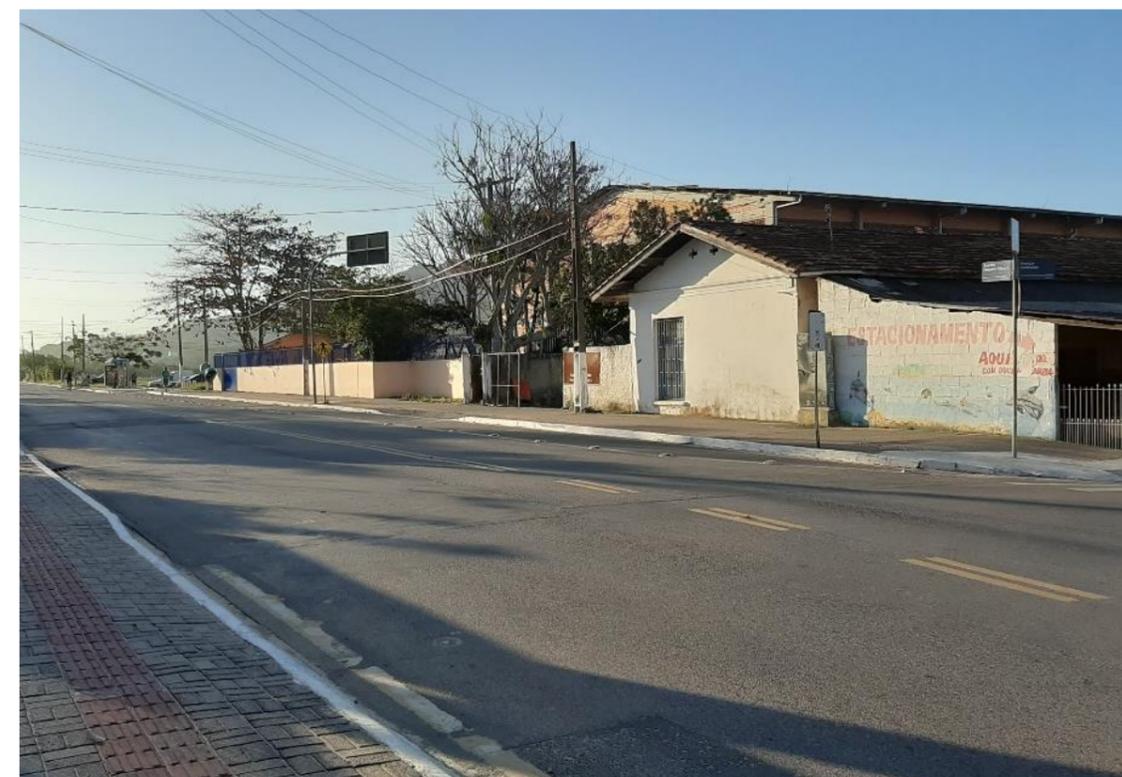
Após a análise aprofundada do caráter patrimonial do local, a conclusão que se chega é que mais do que um remanescente histórico importante da história da passagem da aviação francesa no Brasil e da aviação catarinense, o campo representa uma história ainda mais viva, a história da mobilização comunitária para garantir o caráter estritamente público do espaço. Por isso, no projeto, não foi considerada a área como sendo propriedade da aeronáutica e sim, como totalmente pública.

A ideia principal que permeia o projeto geral para o Parque Cultural do Campeche é o respeito às preexistências, tanto naturais, quanto humanas, afinal a paisagem é definida justamente pela relação do homem com o ambiente. A proposta geral do PACUCA leva em consideração os três caracteres principais do parque: regional, comunitário e cultural que serão apresentados posteriormente. O projeto tem como objetivo se aprofundar nas edificações culturais do parque, que juntas compõem o “Centro Cultural do Campeche” e se localizam em toda a extensão do parque que faz frente a Av. Pequeno

Príncipe e sua conexão com a praia do Campeche. O Centro Cultural do Campeche tem como diretrizes principais:

- Resignificação do terreno da “popote” como objeto patrimonial, transformando o espaço em um museu onde ficarão expostos os acervos da história da aviação no Campeche além da revitalização do terreno transformando-o em uma praça pública.
- Revitalização da conexão do PACUCA com a Av. Pequeno príncipe
- Criação de um complexo educacional e cultural através do projeto de uma área de esportes e salas de aula integrados à dinâmica existente das instituições de ensino presentes no local e de uma biblioteca setorial para o bairro do Campeche, com áreas de estar, estudos, e apresentações, uma das demandas da população.

Figura 30: Vista atual do casarão da Aéropostale, Escola Básica Eduardo B. Nunes e Av. Pequeno Príncipe



FONTE: Arquivo pessoal da autora

PACUCA

04.

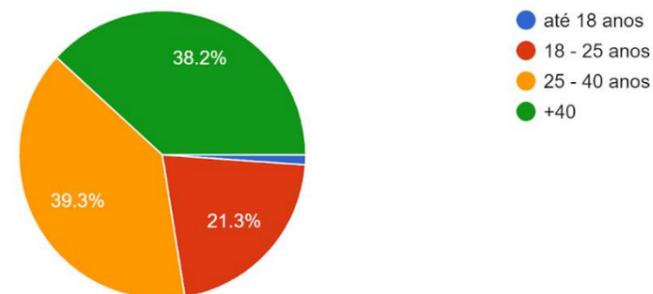
4.1 CONSULTA À COMUNIDADE E PROGRAMA DE NECESSIDADES

Para desenvolvimento do mapa geral de ocupação do Parque Cultural do Campeche a principal premissa foi o respeito às preexistências do local e às demandas percebidas pela comunidade. Sendo assim, para se chegar em um programa de necessidades que representasse de forma abrangente às vontades dos moradores locais, foi realizada no mês de março de 2020 uma pesquisa virtual que contou com 89 respostas e além disso, também foi levado em consideração um programa de necessidades desenvolvido pelas organizações dos próprios moradores, que no ano de 2019 entraram em contato com o PET-ARQ para o desenvolvimento de um novo projeto para o Parque Cultural do Campeche, como explicado anteriormente.

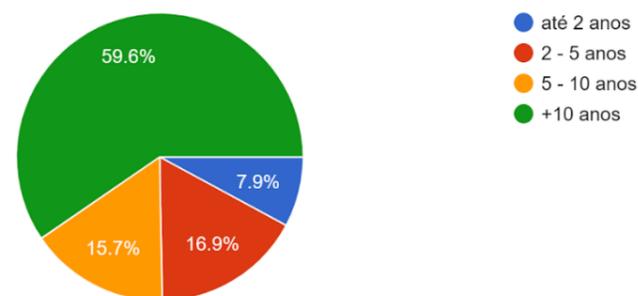
No que diz respeito à pesquisa, além de questionamentos a respeito do campo de aviação, foram analisados os perfis dos entrevistados e como viam o desenvolvimento do bairro do Campeche.

Figura 31: Faixa Etária e tempo de moradia no bairro

Qual a sua idade?
89 responses



Há quanto tempo você mora no Campeche?
89 responses



FONTE: Questionário desenvolvido pela autora*

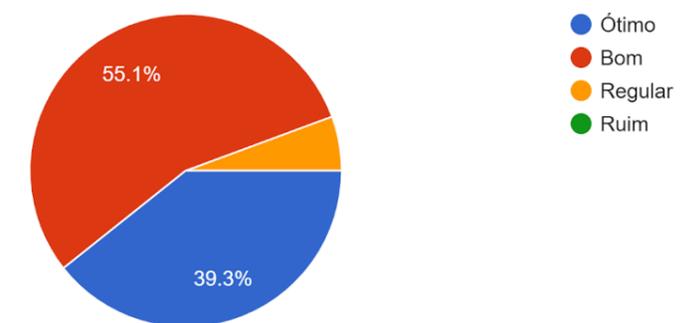
CONSULTA À COMUNIDADE E PROGRAMA DE NECESSIDADES

* Disponível em: <https://forms.gle/npmzQTgdW9o4nC3Z9>

Ainda sobre o perfil dos entrevistados, quando perguntados, a maioria vivia em família. Relativo a opinião dos entrevistados sobre o bairro, a grande maioria julga o bairro como “bom” ou “ótimo”:

Figura 32: Gráfico opinião sobre o bairro

Qual sua opinião sobre o bairro Campeche hoje?
89 responses



FONTE: Questionário desenvolvido pela autora*

Quando questionados sobre o por quê desta resposta, 32,6% dos que julgam o bairro “bom” ou “ótimo” vê com positividade as belezas naturais do bairro e a preservação da natureza, 18% julga o bairro um local “tranquilo”, 12,3% acredita que a localidade possui uma boa gama de comércio e serviços, 4,5% citam os benefícios de uma comunidade local organizada e 10% citam a “qualidade de vida do bairro”.

Dos que julgam o bairro Campeche “Regular” (cerca de 5,6% dos entrevistados) 28% critica o desenvolvimento desordenado do bairro, 31,5% reclama da falta de infraestrutura urbana, saneamento e segurança, e 20% da mobilidade do bairro.

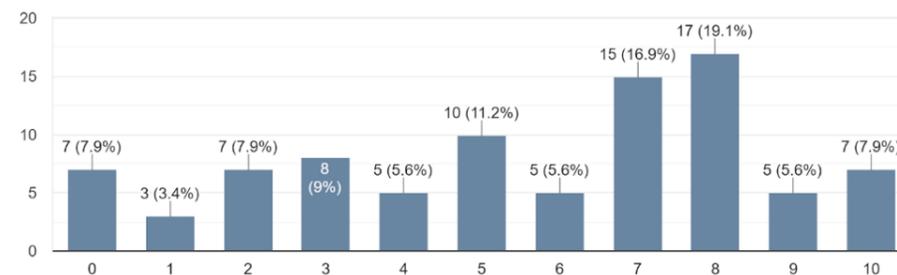
Quando perguntados como acreditam que o bairro estará em 10 anos, apenas 4,5% dos moradores acreditam em uma mudança positiva do bairro, 3,4% esperam por um maior investimento em infraestrutura e a imensa maioria de 92% dos entrevistados acreditam em uma mudança negativa do bairro em 10 anos.

04. PACUCA

Quando questionados à respeito de um “cenário ideal” para o bairro no futuro, das 89 respostas, 45% citam um planejamento urbano e desenvolvimento controlado, 37% falam de preservação ambiental e sustentabilidade, 27% comentam sobre a ampliação das áreas de lazer e parques, 24,7% em controle imobiliário, 21,3% de investimento em mobilidade urbana, 4,5% em uma maior organização da comunidade e da preservação da cultura e 2,25% em manter a tranquilidade do bairro.

Acerca do conhecimento da população sobre a história do campo de aviação do Campeche 55% dos entrevistados afirmam que conhecem bem a história do local (acima de 5 na escala referenciada)

Figura 30: Gráfico conhecimento da população sobre a história do campo
De 0 a 10, quanto você conhece a história da Aéropostale e do Campo de Aviação do Campeche?
89 responses



FONTE: Questionário desenvolvido pela autora*

Entrando mais especificamente nos questionamentos sobre as atividades exercidas no parque, cerca de 60% afirma que já utilizou a área para alguma atividade. (fig. 33)

Sobre o caráter das atividades, 55,5% citou atividades de lazer ativo (esportes, jogos, etc.), 29% passeios diários, 26% utilizou o campo em atividades relacionadas à escola, 22,2% utilizou a área em atividades organizadas pelos líderes comunitários que lutam pela ocupação do “PACUCA”, 11,1% utilizou a horta comunitária e 3,7% o posto de saúde local.

A respeito do do projeto PACUCA: 60,7% conhece o projeto e 39,3% desconhece. (fig. 34)

Figura 33: Gráfico de utilização da área do campo
Já utilizou a área do campo de aviação para alguma atividade?
89 responses

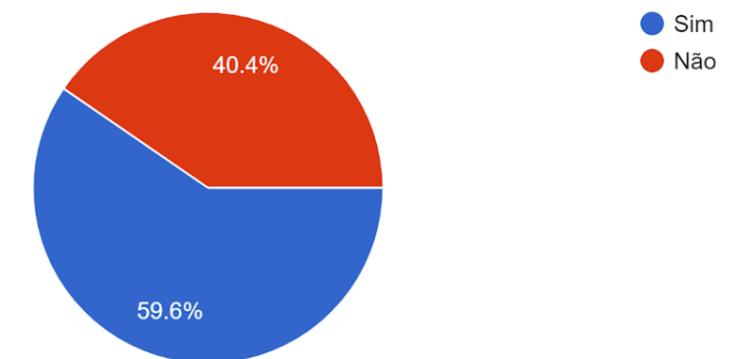
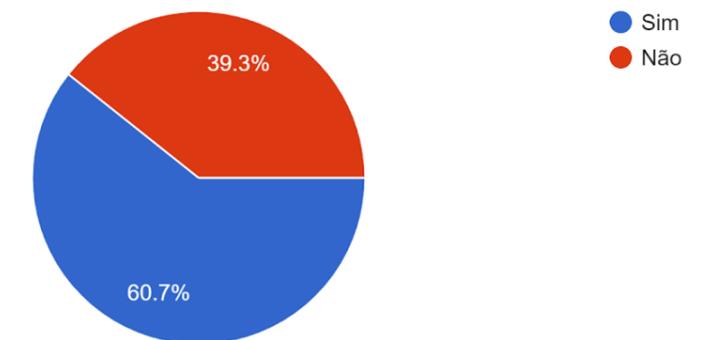


Figura 34: Gráfico, conhecimento projeto PACUCA
Conhece o projeto do Parque Cultural do Campeche? (PACUCA)
89 responses



FONTE: Questionário desenvolvido pela autora*

04. PACUCA

Mais especificamente sobre as atividades que a população acredita que seriam interessantes para a área, os entrevistados possuíam 11 opções de resposta à serem assinaladas, mas deveriam eleger apenas 6 principais, eram elas:

1. Área verde aberta ao público;
2. Espaço para prática de esportes;
3. Espaço de apoio à atividades culturais: salas para oficinas, salas de aula, auditório
4. Espaço de apoio à associação de moradores do Campeche;
5. Horta Comunitária
6. Espaço para exposição do acervo da Aéropostale no Campeche
7. Estrutura para atividades educacionais integrada à E.B. Brigadeiro Ed. Gomes e NEIM Campeche
8. Área de lazer infantil
9. Área de lazer para idosos
10. Praça seca pública, áreas de estar ao ar livre
11. Espaço para eventos e manifestações culturais

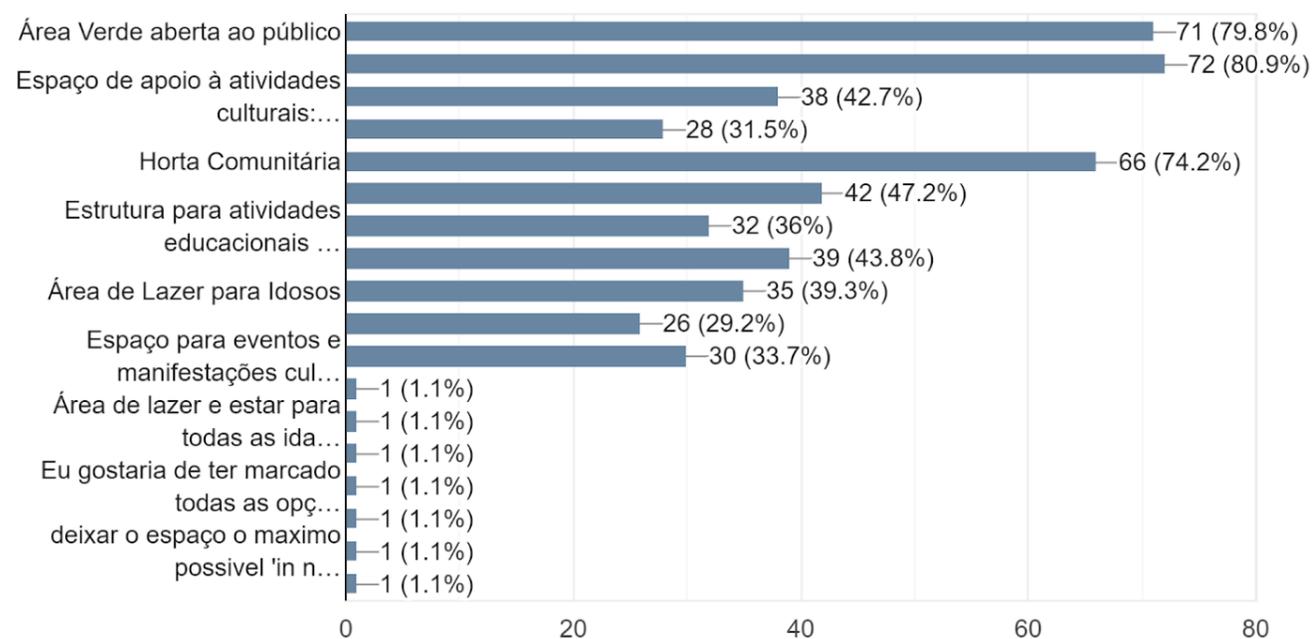
Sendo as mais escolhidas:

1. Espaço de apoio à atividades culturais: salas para oficinas, salas de aula, auditório (80,9%)
2. Área verde aberta ao público; (79,8%)
3. Horta Comunitária (74,2%)
4. Espaço para exposição do acervo da Aéropostale no Campeche (47,2%)
5. Área de Lazer Infantil (39%)
6. Estrutura para atividades educacionais integrada à E.B. Brigadeiro Ed. Gomes e NEIM Campeche

A pesquisa então foi uma resposta que corroborou a análise da área feita anteriormente que via no local um potencial educativo, patrimonial e cultural que também é percebido pela população.

Figura 35: Gráfico, quais espaços a população considera mais importantes para a área do campo de aviação
Quais espaços no campo de aviação você acha que seriam interessantes para a comunidade e para a preservação histórica da área?

89 responses



FONTE: Questionário desenvolvido pela autora*

CONSULTA À COMUNIDADE E PROGRAMA DE NECESSIDADES

* Disponível em: <https://forms.gle/npmzQTgdW9o4nC3Z9>

A última pergunta do questionário era a questão aberta “Qual a sua opinião sobre a área do campo de aviação e sua relação com a comunidade?” 11,3% (10 pessoas) não tinham opinião por desconhecer a área, das 79 respostas restantes, a maioria cita o grande potencial da área e sua subutilização e 100% acredita no caráter público do campo. Duas respostas resumem bem o sentimento da população à respeito do campo e de sua história:

“Da história do lugar, sei bem pouco e moro aqui há 25 anos. Acho que é super importante termos contato com essas narrativas porque elas não só significam o espaço que vivemos, mas aumentam o meu cuidado com o espaço público.” (RESPOSTA 07)

“A relação com a comunidade é bastante forte, os moradores "raiz" gostam muito do campo, gostam da utilização dele, porém gostariam muito de um suporte maior para aproveitarem ainda mais a área. Entretanto, o aspecto do campo ser aberto, sem bloqueios visuais e uma preservação a paisagem natural é o forte do campo.” (RESPOSTA 04)

Além do questionário online, para o desenvolvimento do projeto do parque, foi levado em consideração um programa de necessidades apresentado pelos líderes comunitários responsáveis pelo projeto do PACUCA em 2019 nele estão elencados:

1. Área educacional + hortas: (onde já está localizada a horta comunitária)
 1. Engenho de Farinha
 2. Abrigo para animais (coelhos, galinhas, boi, cavalos)
 3. Horta e área de compostagem
 1. Monovia para compostagem
 2. Área para guardar maquinário
 3. Compostagem de palha e serragem convencional
 4. Área de armazenamento da compostagem
 4. Caixa d'água e turbina eólica
 5. 3 contêineres formando uma estrutura em U
 1. Área Pedagógica

2. Cozinha pedagógica para produção de renda
3. Área administrativa
6. Duas estufas de 20x8
7. Uma estufa de compostagem 20x10
2. Restante do Parque
 1. Quadras Esportivas
 2. Pista de Skate
 3. Trilhas de caminhada
 4. Ciclovía/Passeios compartilhados
 5. Concha Acústica/Anfiteatro
 6. Casa do boi de mamão + Área das comunidades tradicionais (biblioteca integrada)
 7. Sedes AMOCAM, Associação amigos do PACUCA, Unidos
 8. Piscina/Ginásio
 9. Área administrativa
 10. Auditório / Salão Comunitário
 11. Pista de Biccross
 12. Aparelhos de Ginástica

A partir da consulta à comunidade a respeito do que se espera da área e como ela é vista pelos moradores locais, é possível destacar três caracteres principais do terreno, que cercearam a compreensão de que o projeto do parque deveria seguir gradações de privacidade, de acordo com suas diferentes potencialidades.

O primeiro deles é o caráter “regional” do parque. A área do campo de aviação, como já demonstrado anteriormente, está localizada em um nó urbano bastante complexo que envolve diferentes escalas tanto de bairro quanto de cidade. O bairro Campeche é o mais urbanizado dos bairros do sul da ilha e configura uma centralidade na região desenhando conexões tanto entre os bairros leste e sul como entre os bairros do sul e centro da cidade. Considerando que o campo de pouso está localizado na principal via do bairro, que aglomera praticamente todos os serviços e equipamentos locais, e que o mesmo disponha de uma área muito extensa (352mil m²) localizada em uma porção central muito próxima à praia do Campeche, é inegável o caráter centralizador e regional que o parque passa a ter quando projetado.

O que se pretende com essa reflexão, é assumir que o parque se tornará referência de área de lazer ao ar livre não apenas para os moradores do Campeche mas para toda Florianópolis, que carece de equipamentos de lazer públicos, essa utilização é ainda mais acentuada considerando a temporada de veraneio, em que a população local aumenta consideravelmente. Sendo assim, o parque deverá compreender áreas que atendam à essa demanda não só local, mas regional. O segundo caráter a ser considerado é o “comunitário”. O campo de aviação foi palco de uma história intensa e decisiva de lutas comunitárias para a ocupação do espaço. Hoje, parte do parque já é ocupado por atividades lideradas pelos movimentos sociais do bairro, como a horta do PACUCA, a Associação Amigos do PACUCA que organiza eventos locais, a AMOCAM (Associação de Moradores do Campeche) entre outros. Essa ocupação comunitária é bastante importante para a manutenção da cultura local e para o resgate da memória do campo, que afinal, hoje, só é preservado devido à comunidade local que lutou pelo seu tombamento. Sendo assim, é necessário que se considere uma ocupação mais voltada para equipamentos comunitários que respeitem as preexistências já consolidadas pela atual apropriação do espaço. O terceiro caráter, é o caráter cultural/educacional. Assumindo o parque como uma “lacuna da preservação” a ideia principal do projeto é que se utilizem mecanismos para o resgate do potencial do parque como lugar de memória. De forma a dar luz às histórias que construíram essa paisagem cultural, que envolvem o patrimônio da passagem da Aéropostale pela cidade, a história da aviação de Santa Catarina e também, as lutas dos moradores pelo caráter público da área. O principal mecanismo é a educação patrimonial. Dentro da área do campo, estão localizadas duas instituições de ensino, que já se utilizam do parque como parte de seu pátio escolar, e a edificação histórica “popote”, representante material dessa história tão apagada no bairro. Essas presenças corroboram assim o potencial educacional da área, que deverá ser explorado no projeto.

Sendo assim filtrando as informações retiradas da consulta aos moradores locais e dos conceitos aqui apresentados, o programa de necessidades do projeto se organiza da seguinte forma:

PROGRAMA DE NECESSIDADES

1. CARÁTER REGIONAL

- Quadras Esportivas
- Pista de Skate
- Ciclovias / Pista de Corrida
- Aparelhos de Ginástica
- Sede da Associação de Futebol UNIDOS

2. CENTRO CULTURAL DO CAMPECHE

- Museu Acervo Aéropostale
- Salas de aula/oficinas
- Biblioteca Setorial com área para apresentações
- Praça pública para uso livre

3. CARÁTER COMUNITÁRIO

Horta e Compostagem

- Horta - considerar existente, projetar melhorias (adicionar áreas de compostagem)
- Estufas: 2 de 20x8m / 1 de 20x10m (compostagem)
- Edificação de apoio (área para guardar maquinário, banheiros, apoio voluntários)

Edificações

- Cozinha pedagógica e funcional
- Sede Amocam / Amigos do PACUCA / Unidos (Futebol)
- Salão comunitário
- Auditório para reuniões
- Salas para reuniões / encontros menores
- Trilhas para Caminhadas - Caminhos Naturais
- Áreas de Estar

Importante salientar que a área a ser apresentada neste trabalho será o item 2: Centro Cultural do Campeche, enquanto as outras áreas estarão apenas locadas na implantação geral do parque.

4.2 IMPLANTAÇÃO

A partir da análise da área e seus diversos fatores históricos, sociais, paisagísticos e urbanísticos, optou-se por um partido que privilegiasse o eixo que se desenrola entre a Praia do Campeche e o Morro do Lampião, representado hoje principalmente pela Av. Pequeno Príncipe, que une todas as representações materiais dos elementos paisagísticos que compõem a área, sendo eles: a Praia do Campeche, o Casarão da Aéropostale, as instituições de ensino (NEIM Campeche e Escola Básica E.B Gomes) e a vista do Morro do Lampião, tombada pelo SEPHAN. Sendo assim, percebe-se a Av. Pequeno Príncipe e seu potencial conector e estruturador, implantando em sua borda, as principais funções culturais do parque.

Sendo assim, o desenho de caminhos do parque direciona o pedestre para 3 caminhos principais: A praia do Campeche, o centro cultural (av. pequeno príncipe) e o Morro do Lampião (trilha)

O desenho geral do parque se utilizou do partido de um elemento compositivo que estruturasse todas as funções, sem necessariamente criar grandes modificações na estrutura natural do parque em seu nível 0. O elemento compositivo se desenrola ao longo da implantação do parque em uma interface que as vezes se dá como uma marquise, cobertura das edificações propostas, desenho de piso ou em um mobiliário de mesma linguagem. A interface do elemento compositivo se modifica ao passo que a função abarcada por ele se modifica, com elementos vazados, representados por uma trama metálica, e conformação de áreas.

O desenho principal dos fluxos foi pensado para reforçar o eixo que vai da Praia do Campeche ao Morro do Lampião, transbordando as fronteiras do parque e abraçando o potencial conector do terreno. As funções do terreno seguem a ideia dos três caracteres já apresentados: o parque regional, parque comunitário e parque cultural e também seguem o programa de necessidades já apresentado.

O eixo projetado que vai desde o acesso à Praia do Campeche, à Esquina da Av. Pequeno Príncipe com a Rua da Capela, onde estão localizadas as edificações culturais aqui propostas possui extensão de aproximadamente 1,1 km e devido à sua grande dimensão longitudinal se pensou este

elemento compositivo, que aqui se dá em maior parte do tempo como uma marquise que perpassa as edificações, como um estruturador de uma fachada única, que se modifica ao longo da Avenida.

A principal mudança na conformação natural do terreno é na implantação da biblioteca setorial em que o curso d'água já retificado no terreno (que hoje se localiza paralelo à Avenida) foi realocado para o centro do parque e transformado em um elemento de drenagem de águas pluviais. Além disso, é proposta uma escavação de aproximadamente 2m no terreno para a conformação da edificação da biblioteca. Outra modificação importante é a ideia de recuperação da mata do campo, principalmente nas áreas onde hoje o local está tomado pela mata invasora de pinus. A ideia é incentivar junto à comunidade que já utiliza a área para uma horta comunitária, o plantio de vegetação para o desenvolvimento de uma agroflorestal no local.

Figura 36: Implantação geral – Parque Cultural do Campeche



- | | | | | |
|--|-----------------------------|---------------------------|---------------------------|------------------------------|
| ① TRILHA MORRO DO LAMPIÃO | ⑤ POSTO DE SAÚDE | ⑨ BIBLIOTECA SETORIAL | ⑭ SEDE UNIDOS | ⑲ NEIM CAMPECHE |
| ② AGROFLORESTA | ⑥ ESTACIONAMENTO | ⑩ ARQUIBANCADA TERRENO | ⑮ VIA INTERNA CONECTORA | ⑳ ESCOLA BÁSICA |
| ③ HORTA COMUNITÁRIA | ⑦ PLAYGROUND | ⑪ CURSO D'ÁGUA RETIFICADO | ⑯ ÁREA DE ESTAR - REDÁRIO | ㉑ PRAÇA CASARÃO AEROPOSTALE |
| ④ ESTUFAS E EDIFICAÇÕES DE APOIO ORGANIZAÇÕES LOCAIS | ⑧ RAMPA DE ACESSO AO PARQUE | ⑫ PISTA DE SKATE | ⑰ COBERTURA ESTUFA HORTA | ㉒ COBERTURA E ACESSO À PRAIA |
| | | ⑬ QUADRAS POLIESPORTIVAS | ⑱ SALAS DE AULA | ㉓ MARQUISE CONECTORA |

FONTE: Compilação da autora

4.3 SISTEMA VIÁRIO E CONEXÕES

O terreno do Campo de Pouso do Campeche possui um potencial conector muito importante e essas relações podem ser observadas em diversas escalas. Tais conexões estão presentes de maneira subjetiva, quando consideradas na dimensão patrimonial, histórica e afetiva da construção urbana do terreno, mas também físicas, materiais e paisagísticas, quando observadas em sua dimensão geográfica. Justamente a dinâmica dessas relações, materiais e imateriais, convergem para desenhar o caráter do lugar e seu potencial como articulador no bairro.

O projeto aqui apresentado tem como objetivo reforçar essas conexões importantes que o parque fomenta, mas que ao longo do tempo foram se desarticulando devido a um desenvolvimento urbano que não às prioriza. Todas essas relações potenciais que o terreno ressona se consolidam em um eixo principal, o eixo que vai da Praia do Campeche ao Morro do Lampião. Nesse eixo estão expostas em sua complexidade as dinâmicas de paisagem que desenham as potencialidades do terreno, reforçados principalmente pela Av. Pequeno príncipe. A via hoje além de ser a principal conexão física entre os elementos, tem importância compositiva por comportar o maior tráfego de pessoas e a maior quantidade de serviços do bairro. Por essa razão, se optou por distribuir o programa de necessidades do Centro Cultural do Campeche por toda a extensão da Av. Pequeno Príncipe que faz frente ao parque. A ideia do desenho da implantação do parque é reforçar essas conexões através de elementos de projeto compositivos que se desenrolam até a Praia do Campeche e continuam internamente ao parque, até o local de acesso à trilha do Morro do Lampião, esses elementos desenham percursos e intensificam o entendimento da dinâmica paisagística do local.

A respeito do sistema viário, que pode ser considerado a principal malha conectora física dos elementos que compõem a paisagem local, é possível afirmar que possui obstáculos que dificultam a relação do pedestre com seu entorno. A ocupação urbana residencial local em sua maioria se dá por servidões estreitas do tipo espinha de peixe e suas vias principais não suportam a quantidade de veículos que circulam, principalmente em horários de pico e durante a temporada de veraneio.

SISTEMA VIÁRIO E CONEXÕES

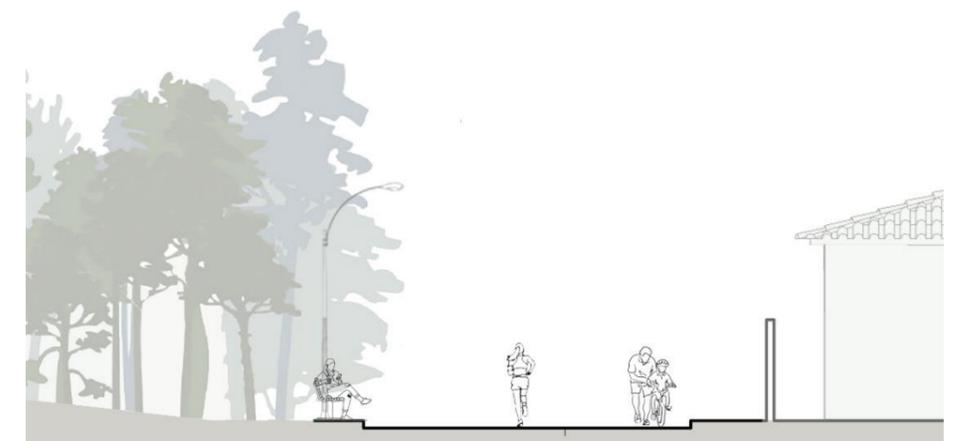
A ideia principal do sistema viário que envolve o projeto do parque é revitalizar as vias que o circundam adaptando-as para um melhor transporte de pessoas e de ciclistas, incentivando a utilização do transporte não motorizado. Internamente ao parque, se criou uma via exclusiva para pedestres e bicicletas que conecta todas as servidões que possuem saída para o parque (fig. 37). A rua atravessa o parque conectando a Av. Pequeno Príncipe e a Servidão Catavento, conectando todas as servidões, a ideia de não liberar essa via para a passagem de carro é não transformá-la em um atalho para engarrafamentos que acabaria sobrecarregando as servidões, que não possuem caixa de via suficiente para esse tráfego.

Figura 37: Perfil das servidões com saída para o campo



FONTE: Acervo pessoal da autora

Figura 38: Projeto de via interna do parque conectando as servidões locais



FONTE: Compilação da Autora

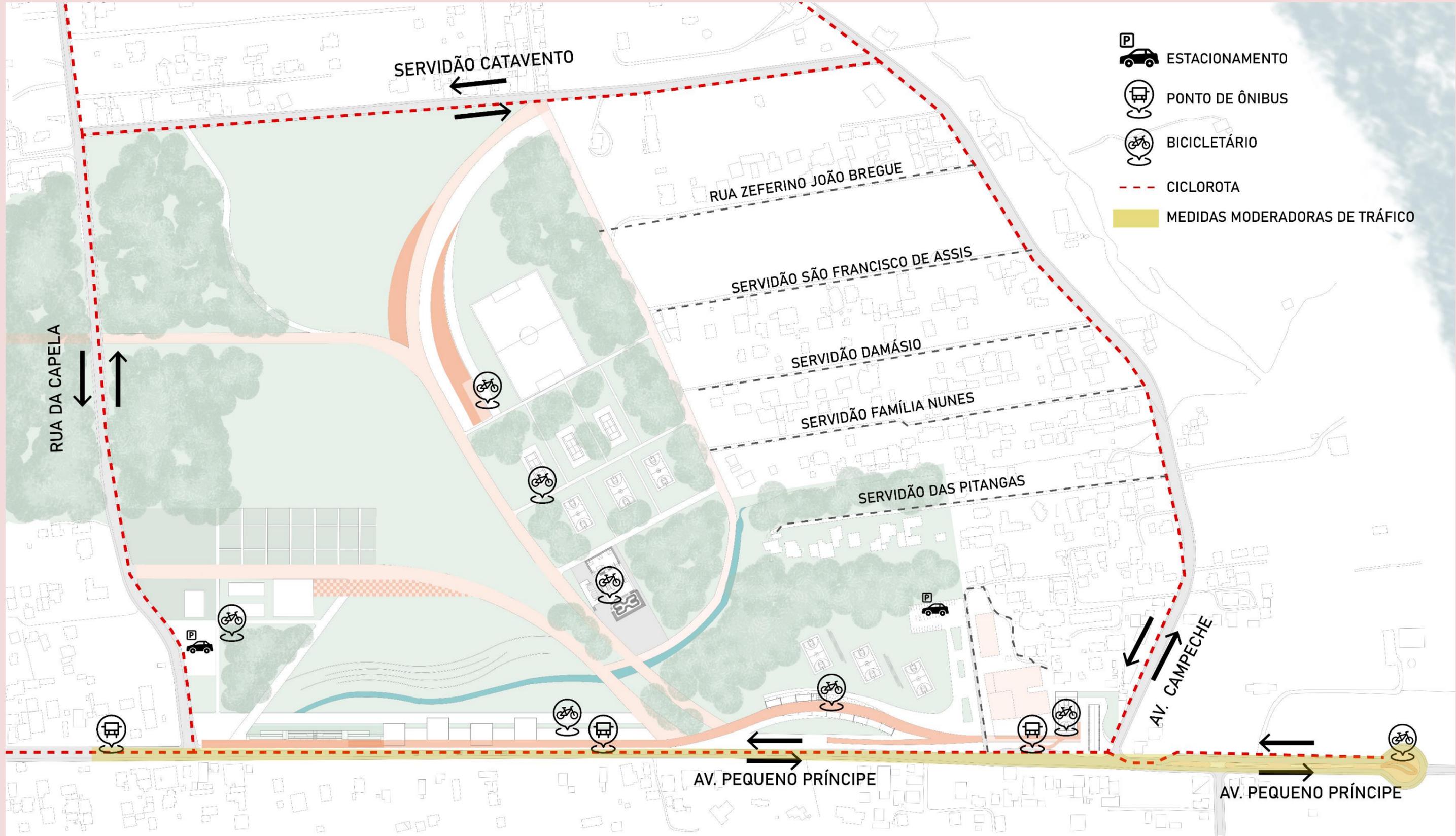
04. PACUCA

Nas vias que circundam o parque, a ideia é criar uma ciclorota que dê a volta em toda a área do campo, e continue pelas vias principais, passando pela Av. Pequeno Príncipe, Av. Campeche, Servidão Catavento, e pela Rua da Capela. As ruas possuem caixas de via e infraestruturas diferentes, a Av. Campeche possui calçadas bastante estreitas em alguns pontos e a ocupação de residências bastante próximas a rua, portando a ideia é utilizar faixas compartilhadas e outros artifícios para o tráfego de bicicletas, já nas outras vias, é possível a construção de uma ciclovia com duas faixas de tráfego.

No parque estão locados três estacionamentos principais implantados em áreas estratégicas, na entrada do parque na Servidão Catavento, junto aos equipamentos comunitários na Rua da Capela, e próximos à escola na Av. Pequeno Príncipe. Apesar de não se pretender incentivar o uso de automóveis na área é preciso considerar o apoio às edificações existentes. Além disso, em toda a extensão da Av. Pequeno Príncipe foram propostas medidas moderadoras de tráfego como faixas elevadas e separação de ciclovia por balizadores com a ideia de desacelerar os automóveis no local e priorizar a escala do pedestre.

Em todas as atividades do parque estão locados bicicletários para incentivo a esse tipo de mobilidade. Os pontos de ônibus da Av. Pequeno Príncipe permanecem os mesmos, a única diferença é a implantação de um ponto de ônibus também na entrada do parque locada na Servidão Catavento, dando apoio às áreas de lazer ativo do parque regional.

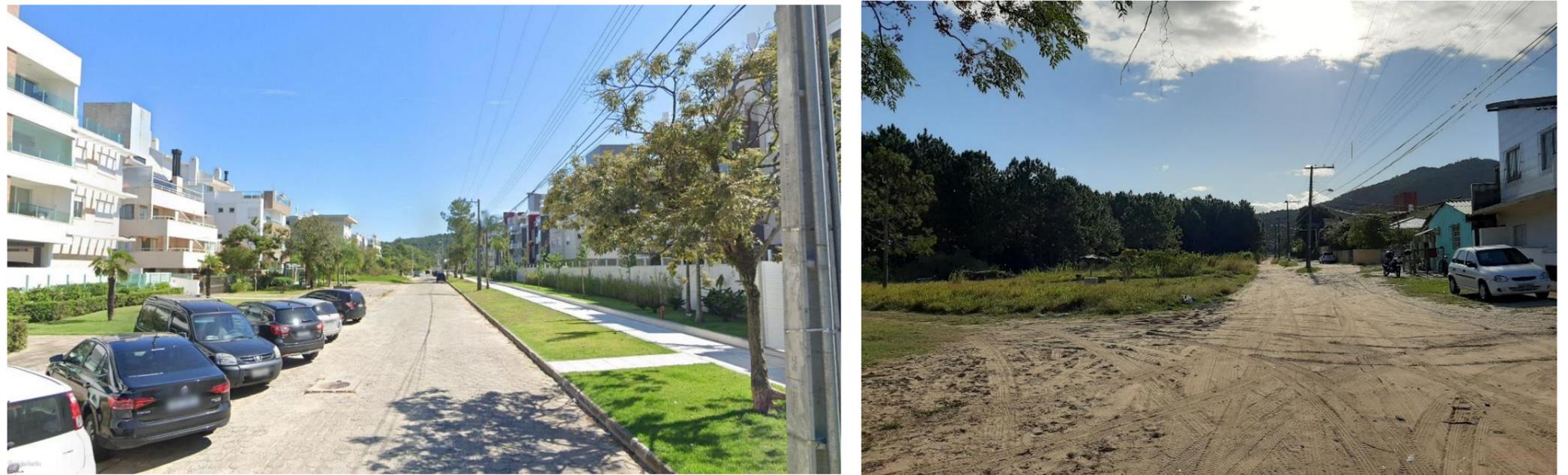
Figura 39: Esquema de Fluxos e Conexões



FONTE: Compilação da autora

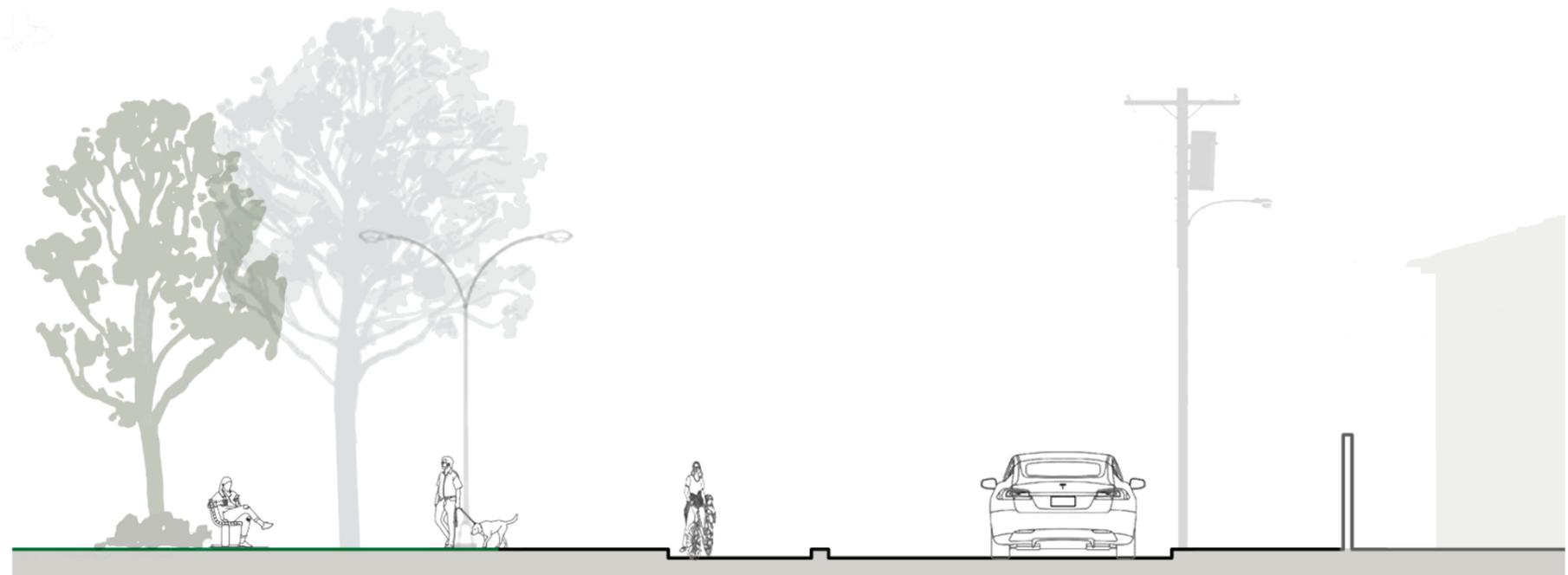
04. PACUCA

Figura 40: Servidão Catavento empreendimentos x Servidão Catavento na entrada do campo atualmente



FONTE: Google Earth e Acervo pessoal da autora

Figura 41: Perfil de Via projetado para Servidão Catavento na entrada do parque



FONTE: Compilação da autora

04. PACUCA

Figura 42: Rua da Capela atualmente



FONTE: Google Earth

Figura 43: Projeto Rua da Capela



FONTE: Compilação da autora

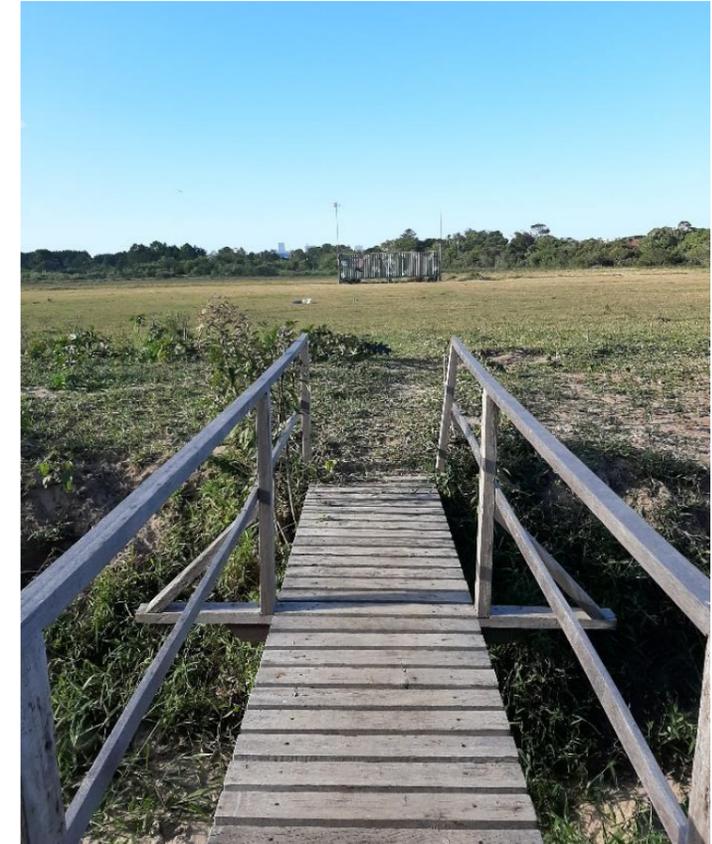
04. PACUCA

Figura 44: Av. Pequeno Príncipe em frente a área do campo atualmente



FONTE: Google Earth

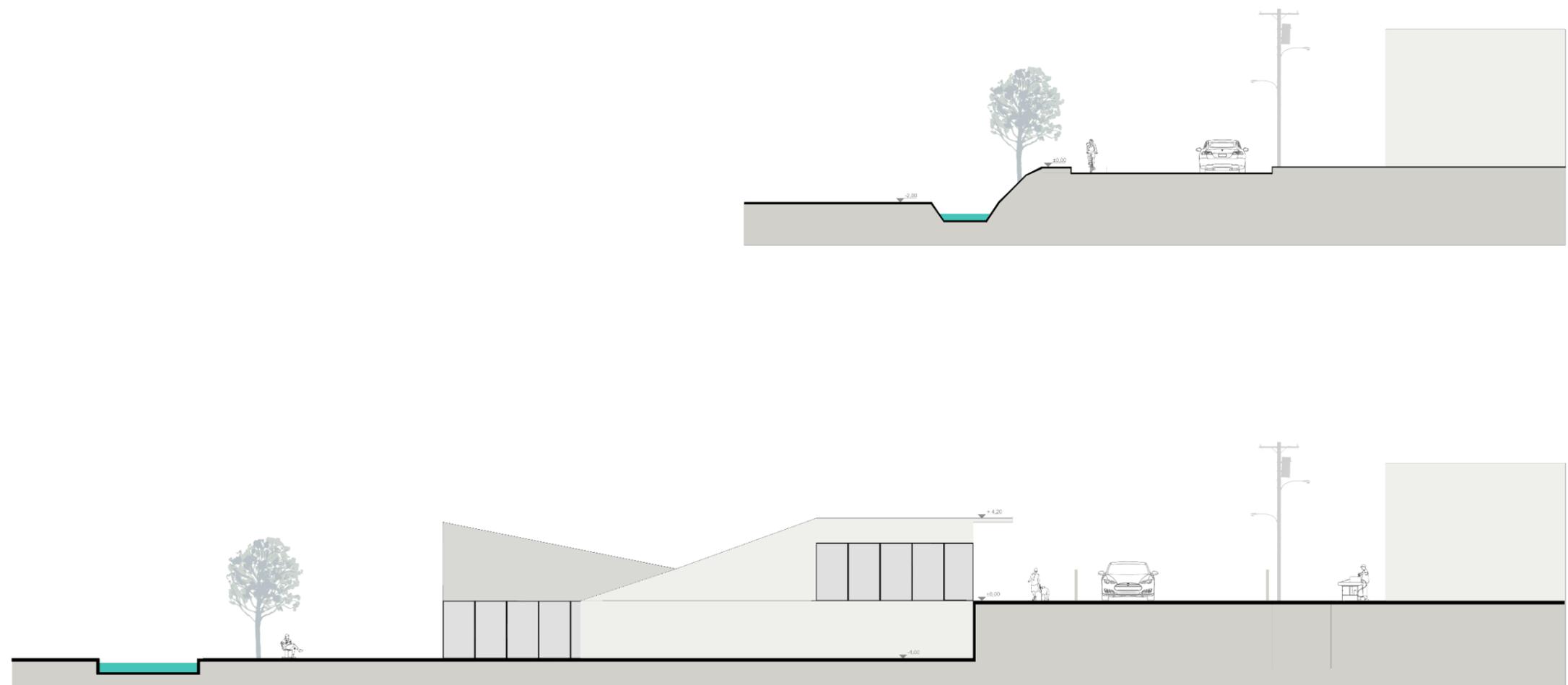
Figura 45: Entrada do parque pela pequeno príncipe hoje



FONTE: Acervo Pessoal da autora

04. PACUCA

Figura 46: Perfil atual da Avenida pequeno príncipe e perfil proposto, já com realocação do curso d'água existente e biblioteca setorial implantada



FONTE: Compilação da Autora

CENTRO CULTURAL DO CAMPECHE

05.

05. CENTRO CULTURAL DO CAMPECHE

5.1 CONCEITOS PRINCIPAIS

O projeto do Centro Cultural pensado para a área do Campo de Aviação tem como base um conjunto de conceitos que fundamentam não apenas a justificativa para a sua implantação, mas também o desenho de paisagem criado com sua volumetria.

O ser humano, segundo Paulo Freire, tem em sua natureza, a necessidade de educar e ser educado. A educação deve ser vista como uma prática permanente, intrínseca nas mais diversas escalas de nosso desenvolvimento. A educação social e/ou escolarizada transforma sociedades e conseqüentemente suas cidades. A cidade, sendo a representação material dos ideais éticos, morais e sociais da comunidade que a constrói, faz-se educativa por natureza, pela necessidade de trocar conhecimentos, sonhos, aprendizados, deixando sua marca no espaço da paisagem urbana.

“A Cidade somos nós e nós somos a Cidade. Mas não podemos esquecer de que o que somos guarda algo que foi e que nos chega pela continuidade histórica de que não podemos escapar, mas sobre que podemos trabalhar, e pelas marcas culturais que herdamos (..) no fundo, a tarefa educativa das Cidades se realiza também através do tratamento de sua memória e sua memória não apenas guarda, mas reproduz, estende, comunica-se às gerações que chegam.” (FREIRE, 1993 p.11)

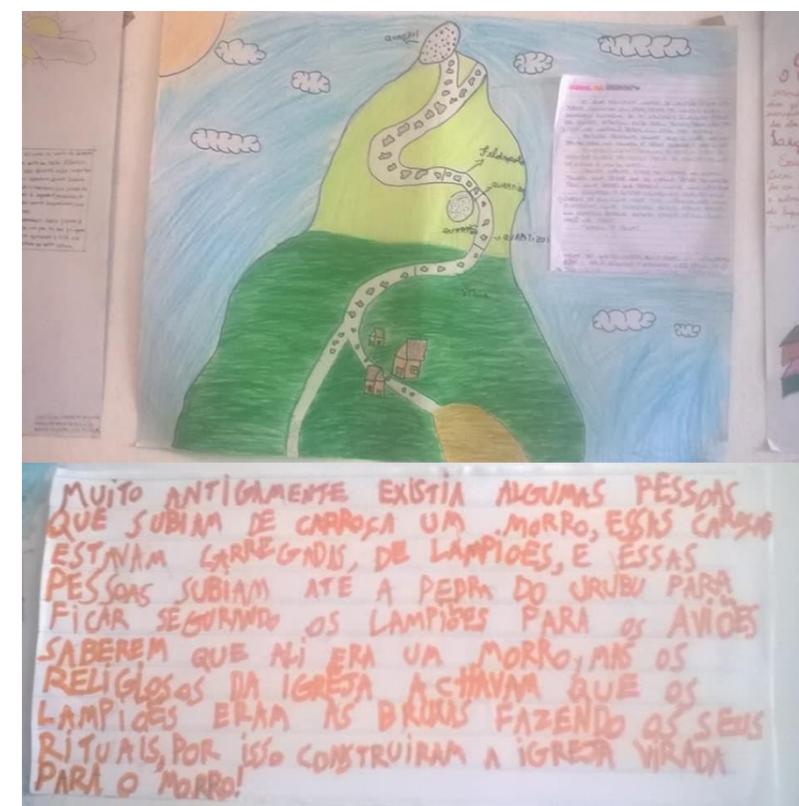
Reconhecendo, portanto, a cidade como instituição formadora assim como a escola, o objetivo deste projeto é a construção de um projeto educativo cultural que parte de um esforço cooperativo entre seus diversos agentes, crianças, jovens, adultos, professores, moradores, etc., baseando-se na paisagem nas crenças, costumes, habilidades e valores locais.

O resgate da memória social através deste projeto não tem por objetivo a museificação da área, mas sim a sua valorização através da educação, respeitando e diagnosticando quais dos elementos da paisagem contribuem para sua leitura, mas ao mesmo tempo atualizando seus usos para uma demanda contemporânea. Em uma área tão valorizada como a estudada, que tem um histórico tão forte de disputas territoriais, é preciso enxergar a área, mesmo que histórica,

como um objeto do presente, instrumento para um desenvolvimento consciente da comunidade local.

“O passado passou, e só o presente é real, mas a atualidade do espaço tem isto de singular: ela é formada de momentos que foram, estando agora cristalizados como objetos geográficos atuais; essas formas-objetos, tempo passado, são igualmente tempo presente enquanto formas que abrigam uma essência, dada pelo fracionamento da sociedade total. Por isso, o momento passado está morto como tempo, não porém como espaço; o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social.” (SANTOS, 2005 p. 14)

Figura 47: Trabalhos escolares produzidos na EB. Brigadeiro Ed. Gomes sobre a história do Morro do Lampião



FONTE: Imagens retiradas da página da escola no facebook*

CONCEITOS PRINCIPAIS

*Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=352237184878821&set=a.352240488211824> acesso 09 de outubro

05. CENTRO CULTURAL DO CAMPECHE

No eixo trabalhado estão localizadas três edificações principais que juntas formam o aqui chamado centro Cultural do Campeche, sendo elas:

1. O museu do acervo da história da Aerópostale, representado pela edificação da Popote e seu entorno, chegando até a praia do Campeche
2. As salas de oficia e área de esportes, localizadas próximas às instituições de ensino com o intuito de integrá-las ao dia-a-dia das atividades escolares da área
3. A biblioteca setorial do Campeche

Figura 48: Eixo de Projeto – Av. Pequeno Príncipe



FONTE: Compilação da autora

05. CENTRO CULTURAL DO CAMPECHE

5.2 ACESSO À PRAIA DO CAMPECHE

O projeto do acesso à praia do Campeche tem como objetivo retomar a conexão perdida entre a praia e o campo de aviação do Campeche, que estão muito próximos mas ao longo do desenvolvimento do bairro acabaram se desconectando. O projeto consiste em levar uma ciclorota até o acesso à praia, e a distribuição na estrutura do canteiro central existente de um mobiliário com a mesma linguagem do desenho do restante do parque. No bolsão do canteiro central, foi implantada uma marquise para abrigar os ambulantes que hoje vendem seus produtos em tendas improvisadas no local. Os mobiliários são todos em concreto armado, a marquise protendida em concreto possui trama metálica orgânica engastada criando um rasgo para iluminação e conformação de uma ambiência mais dinâmica. Além disso estão propostas medidas moderadoras de tráfego como ciclovia com balizadores e faixas elevadas para a circulação mais segura de pessoas.

Figura 49: Implantação Acesso à praia do Campeche



FONTE: Compilação da autora

05. CENTRO CULTURAL DO CAMPECHE

Figura 50: Canteiro Central de acesso à praia do Campeche



FONTE: Compilação da autora

05. CENTRO CULTURAL DO CAMPECHE

Figura 51: Marquise para abrigar vendedores



FONTE: Compilação da autora

05. CENTRO CULTURAL DO CAMPECHE

5.3 MUSEU AÉROPOSTALE

O casarão da Aéropostale está localizado na Esquina entre a Av. Pequeno Príncipe e a Av. Campeche e representa a área mais próxima à praia do Campeche de todo o terreno do campo de aviação. O terreno de esquina tem cerca de 1.800m² de área e como apresentado anteriormente já foi utilizado como escola, abrigo, delegacia, centro de saúde, entre outros usos, todos públicos. A proposta de revitalização do terreno da Popote vê como necessário o retorno do caráter totalmente público da área, se sugere a indenização da família que hoje reside no local para que sejam instalados em uma nova residência e que a estrutura adjacente do lava-car/estacionamento seja retirada para a criação de uma praça pública em todo o terreno.

Quanto ao uso da edificação, a ideia é que ela também volte a possuir um uso público. Como já previsto em seu projeto de restauro, reitero a ideia de que ela se torne um museu da história da aviação no local (acervo que vem sendo montado por historiadores e moradores locais há anos) mas também da história da própria ocupação do parque, constando os projetos do PACUCA de 1997, o abaixo assinado que tornou a área tombada, entre outros documentos históricos importantes. A ideia de tornar a edificação um museu não pretende transformá-la em um ponto turístico, mas servir como instrumento de educação patrimonial para a população local, que muitas vezes desconhece a dinâmica histórica que a envolve. A faz parte do Centro Cultural, fazendo o papel de testemunho histórico material do local.

O projeto da área do Museu da Aéropostale, localizado na edificação histórica da Popote, consiste na criação de uma praça pública que conecta e acolhe tanto os pedestres vindos da praia do Campeche, quanto a dinâmica das instituições de ensino localizadas em sua volta.

No que diz respeito ao projeto propriamente dito da área. O primeiro passo foi perceber que a inserção urbana do casarão hoje faz com que a edificação se esconda. Apesar de sua fachada estar diretamente na calçada da Av. Pequeno Príncipe, os muros da E.B Brigadeiro e seu ginásio somados com a estrutura do lava-car construída na esquina do terreno, acabam desvalorizando sua volumetria. Para isso se propõe uma mudança que envolve o terreno não só da Popote mas também da escola básica.

Para conectar o casarão com o restante da área do parque não apenas fisicamente mas visualmente, se propõe em primeiro lugar a demolição de uma edificação residual que serviu como centro de saúde do Campeche e hoje está interditada, aguardando reforma para que se torne parte do patrimônio da escola básica.

Figura 52: Situação atual da inserção urbana da Popote



FONTE: Acervo Pessoal da Autora

Figura 53: Edificação a ser demolida



FONTE: Acervo Pessoal da Autora

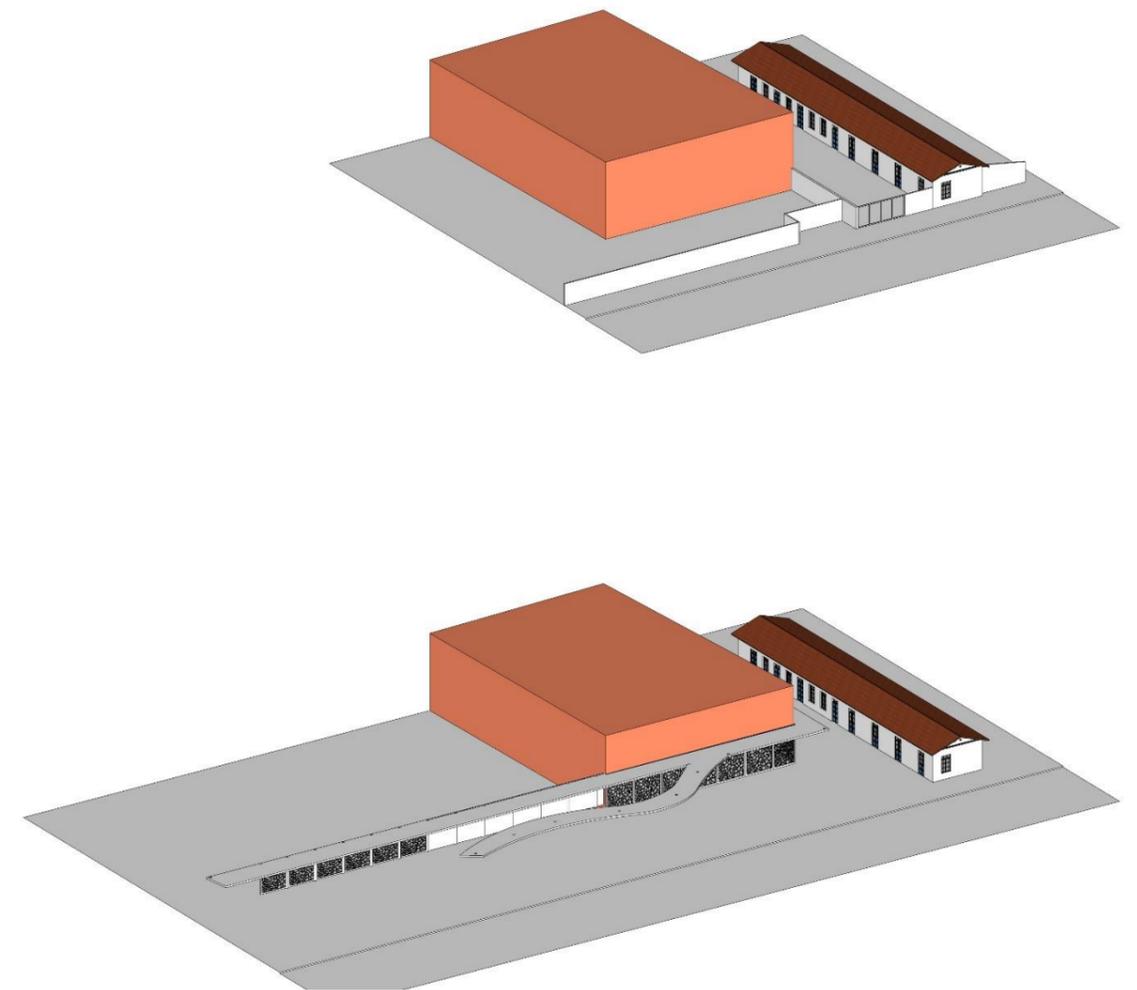
05. CENTRO CULTURAL DO CAMPECHE

O principal partido do projeto da área é integrar tanto a volumetria da escola quanto a volumetria da edificação histórica à dinâmica urbana, criando uma noção de unidade. Para isso se propõe a demolição dos muros do terreno da Popote e também os muros da escola básica. Os novos limites da escola agora são configurados pela mesma trama metálica vazada utilizada na marquise anteriormente, a trama delimita tanto os novos fechamentos laterais da escola quanto os fechamentos do ginásio. O ginásio, uma estrutura pré moldada de concreto armado com vedação em alvenaria tem às vedações inferiores substituídas por essa trama metálica que permite a conexão visual entre as atividades do ginásio e o museu da Aéropostale. Além disso, também se propõe uma marquise que contorna essas estruturas, configurando um percurso coberto entre a escola e o museu, com a instalação de bicicletários e mobiliário. O prolongamento da marquise para frente configura o novo abrigo de ônibus do local.

Figura 54: Vista dos muros que delimitam a área atualmente

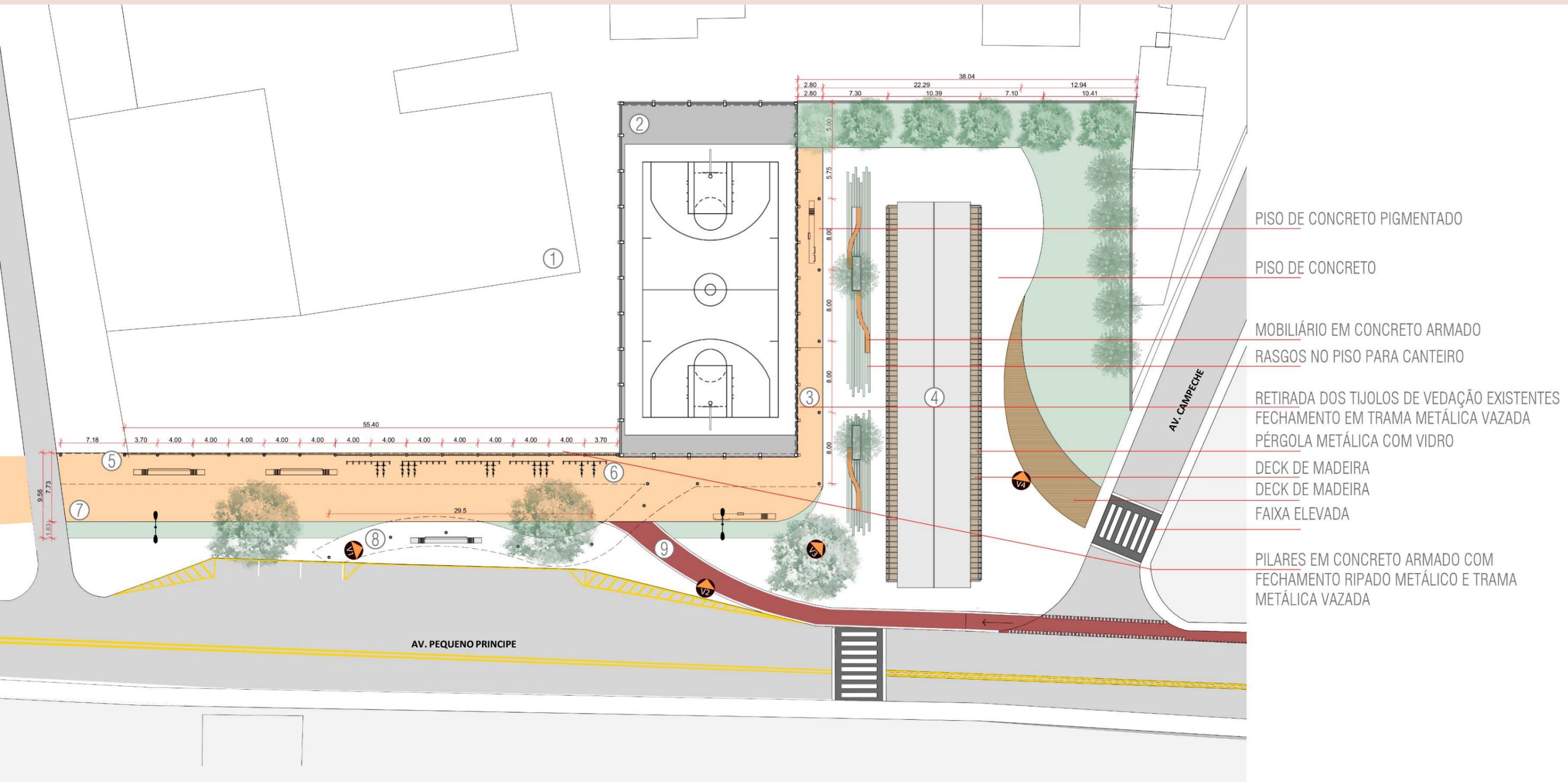


Figura 55: Esquema de Antes X Depois das mudanças propostas



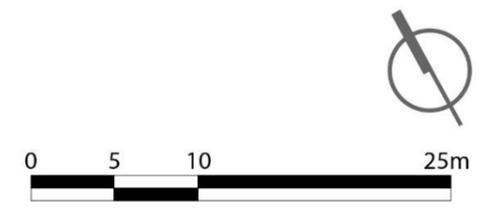
FONTE: Acervo Pessoal da Autora

Figura 56: Planta Baixa Praça Museu Aéropostale



- PISO DE CONCRETO PIGMENTADO
- PISO DE CONCRETO
- MOBILIÁRIO EM CONCRETO ARMADO
- RASGOS NO PISO PARA CANTEIRO
- RETIRADA DOS TIJOLOS DE VEDAÇÃO EXISTENTES
- FECHAMENTO EM TRAMA METÁLICA VAZADA
- PÉRGOLA METÁLICA COM VIDRO
- DECK DE MADEIRA
- DECK DE MADEIRA
- FAIXA ELEVADA
- PILARES EM CONCRETO ARMADO COM FECHAMENTO RIPADO METÁLICO E TRAMA METÁLICA VAZADA

- | | | |
|--------------------------|---------------------|--------------------------|
| ① ESCOLA BÁSICA | ④ MUSEU AÉROPOSTALE | ⑦ PASSEIO COMPARTILHADO |
| ② GINÁSIO ESCOLAR | ⑤ PILARES MARQUISE | ⑧ ABRIGO PONTO DE ÔNIBUS |
| ③ ACESSO EXTERNO GINÁSIO | ⑥ BICICLETÁRIOS | ⑨ CICLOVIA |



FONTE: Compilação da autora

Figura 57: Perspectiva Museu 01 – Abrigo Ponto de ônibus / Estruturas Marquise



FONTE: Compilação da autora

Figura 58: Perspectiva Museu 02 – Vista Fechamento Metálico Ginásio



FONTE: Compilação da autora

Figura 59: Perspectiva Museu 03 – Área de Estar Museu



FONTE: Compilação da autora

Figura 60: Perspectiva Museu 04 – Área de Estar Museu



FONTE: Compilação da autora

05. CENTRO CULTURAL DO CAMPECHE

5.4 SALAS DE AULA E ÁREA DE ESPORTES

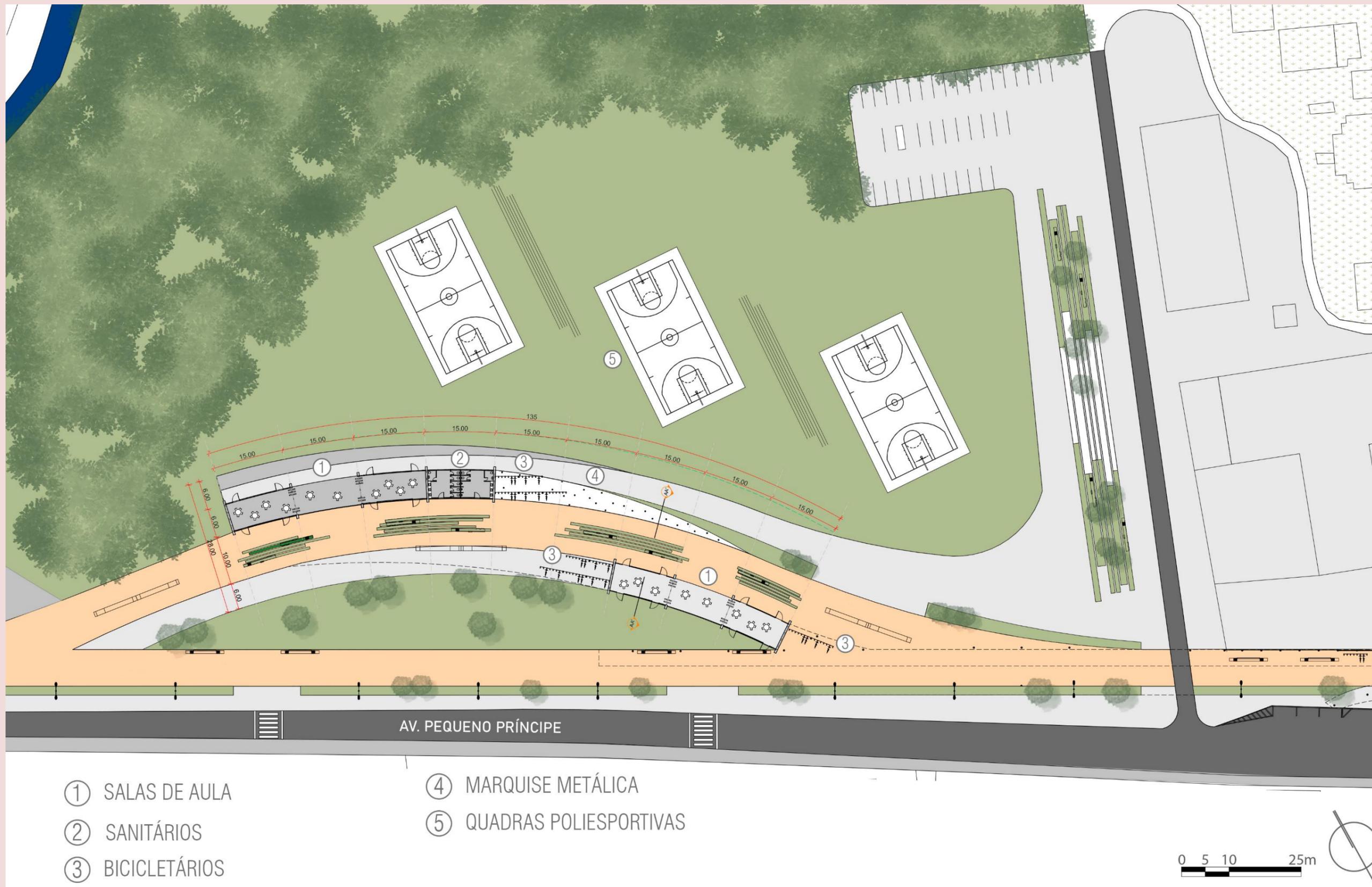
O percurso de projeto continua pela Av. Pequeno Príncipe e a interface de marquises e aberturas configura um espaço delimitado para salas de oficinas localizadas em frente às instituições de ensino e conectadas a uma área de esportes. As edificações de sala de aula são levemente recuadas da linha da rua com a ideia de que necessitam de um grau mais elevado de privacidade. A forma semicircular de distribuição da estrutura delimita módulos estruturais simples em concreto armado. A marquise em laje protendida de concreto cobre toda a área e rasgos estratégicos com a malha metálica já utilizada anteriormente criam a diferenciação de espaços. A malha aqui possui fechamento em acrílico para a proteção de intempéries.

Figura 61: Implantação – Salas de Aula



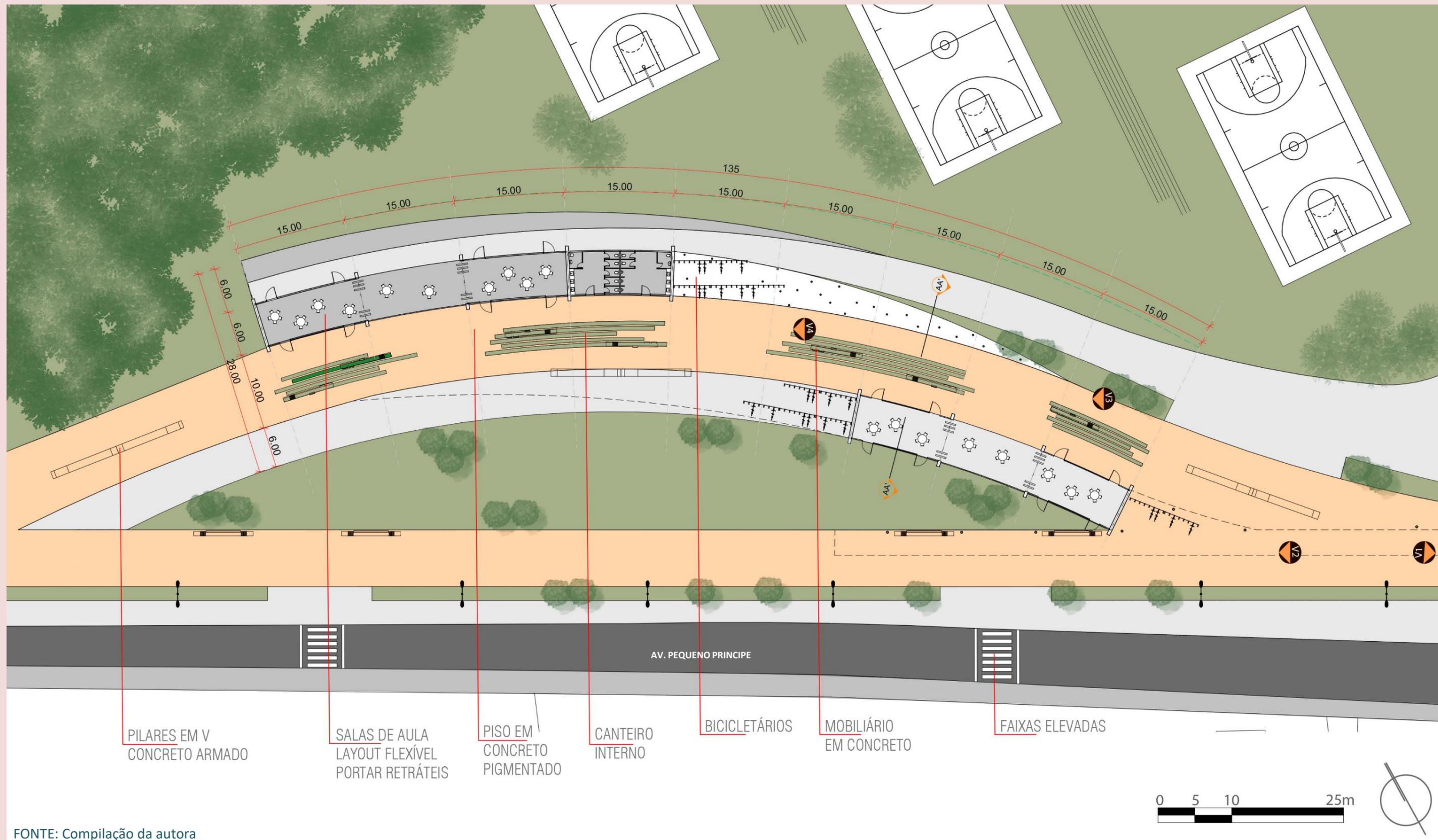
FONTE: Compilação da Autora

Figura 62: Planta Baixa Salas de aula – área completa



FONTE: Compilação da autora

Figura 63: Planta Baixa Salas de aula

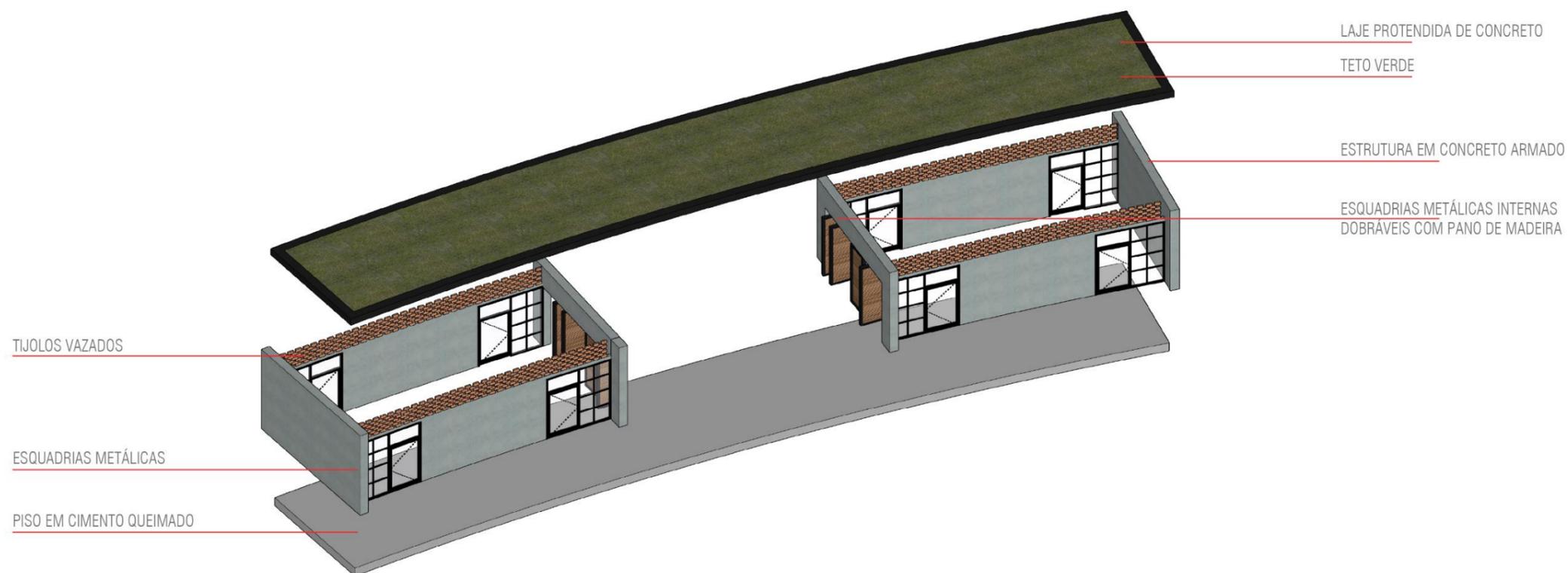


FONTE: Compilação da autora

05. CENTRO CULTURAL DO CAMPECHE

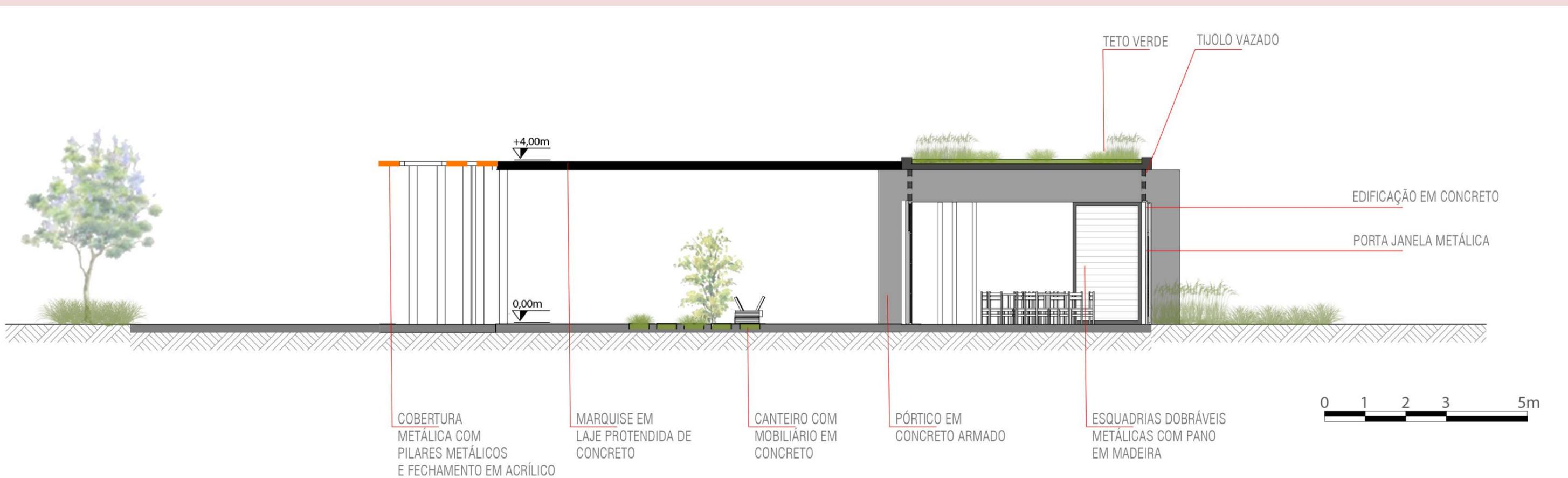
O Módulo de salas de aula consiste em três módulos estruturais que podem configurar layouts variados. Os módulos das pontas possuem portas janelas envidraçadas para ambos os lados e esquadrias móveis centrais que podem configurar a combinação de mais de um módulo criando salas maiores e/ou um espaço de aprendizagem mais livre envolvendo as áreas externas e internas aos módulos. Estruturalmente a edificação possui paredes estruturais em suas extremidades e pórticos estruturais em concreto armado em seus eixos centrais com paredes longitudinais em concreto. O fechamento superior em tijolos vazados tem a ideia de ajudar na ventilação cruzada e a laje superior dos módulos foi pensada como protendida em concreto armado com teto verde.

Figura 64: Implantação – Salas de Aula



FONTE: Compilação da Autora

Figura 65: Corte AA'



FONTE: Compilação da autora

Figura 66: Vista 01 Marquise com vistas ao museu e Escola Básica



FONTE: Compilação da autora

Figura 67: Vista 02 Marquise com vistas à entrada da área de salas de aula



FONTE: Compilação da autora

Figura 68: Vista 03 Vista Módulos de Sala de Aula



FONTE: Compilação da autora

Figura 69: Vista 03 Vista Módulos de Sala de Aula e Marquise metálica com bicicletários

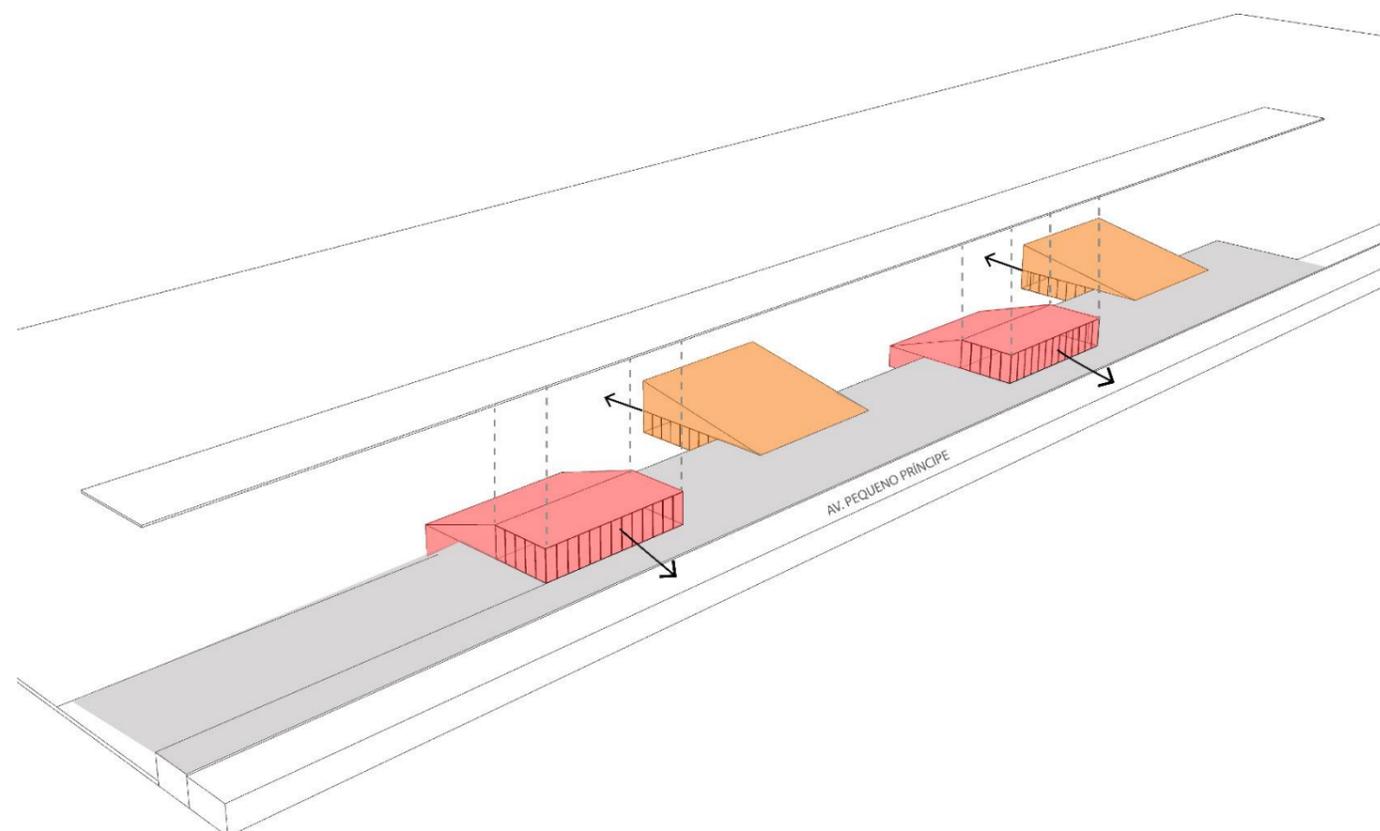


FONTE: Compilação da autora

5.5 BIBLIOTECA SETORIAL

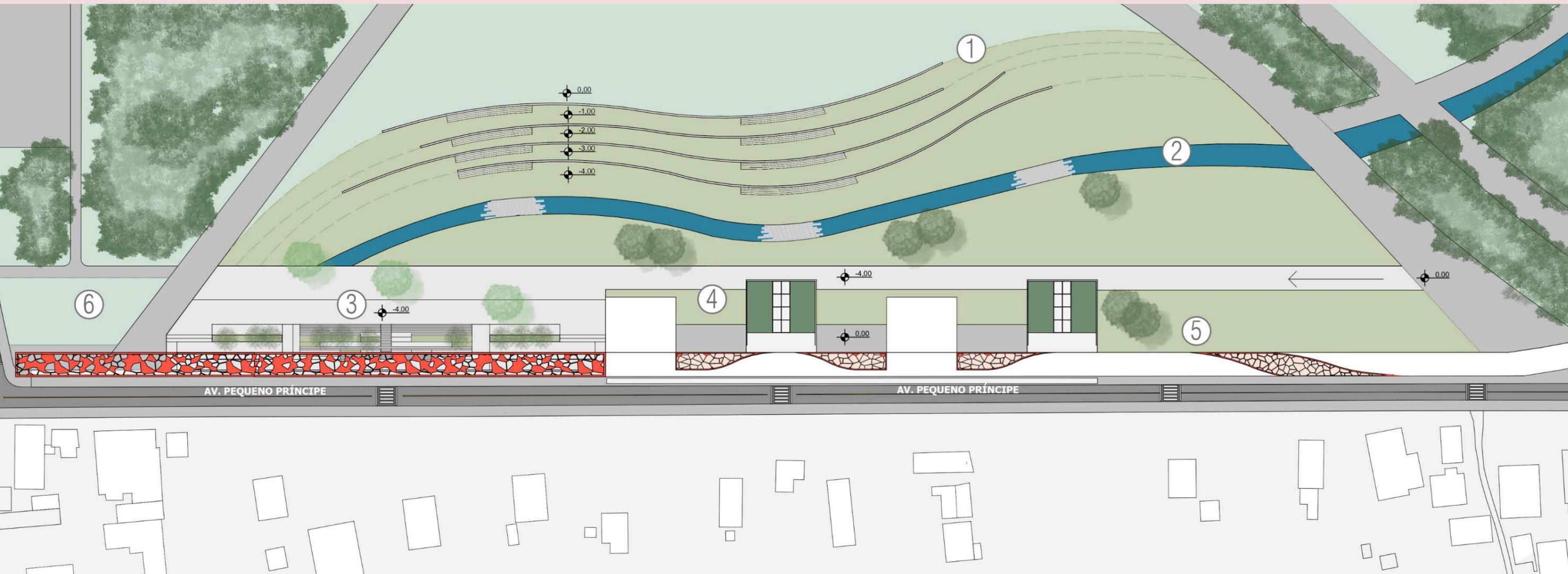
A criação de uma biblioteca setorial na área vem como uma demanda da população e foi incorporada ao projeto com a ideia de complementar o potencial educacional do local. Além de biblioteca e local de estudos o projeto desta edificação foi pensado para abarcar também eventos de pequeno porte, apresentações, palestras, entre outros, em um layout bastante livre e mutável. A volumetria é composta por 4 blocos em duas tipologias. Os blocos, iguais em tamanho, representam os dois acessos possíveis ao projeto, pela Av. Pequeno Príncipe (nível 0 –rua) ou pelo nível do parque, que é enterrado a -4m. No nível 0, unindo todos os blocos, se configura uma praça seca que possui como cobertura a mesma marquise que se desenvolve ao decorrer das primeiras edificações apresentadas. Além dos acessos internos pela edificação, também é projetada uma arquibancada/rampa de acesso ao nível -4.

Figura 70: Esquema de Volumetrias Biblioteca



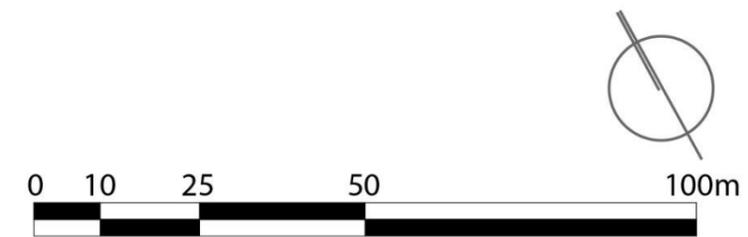
FONTE: Acervo Pessoal da Autora

Figura 71: Implantação Biblioteca



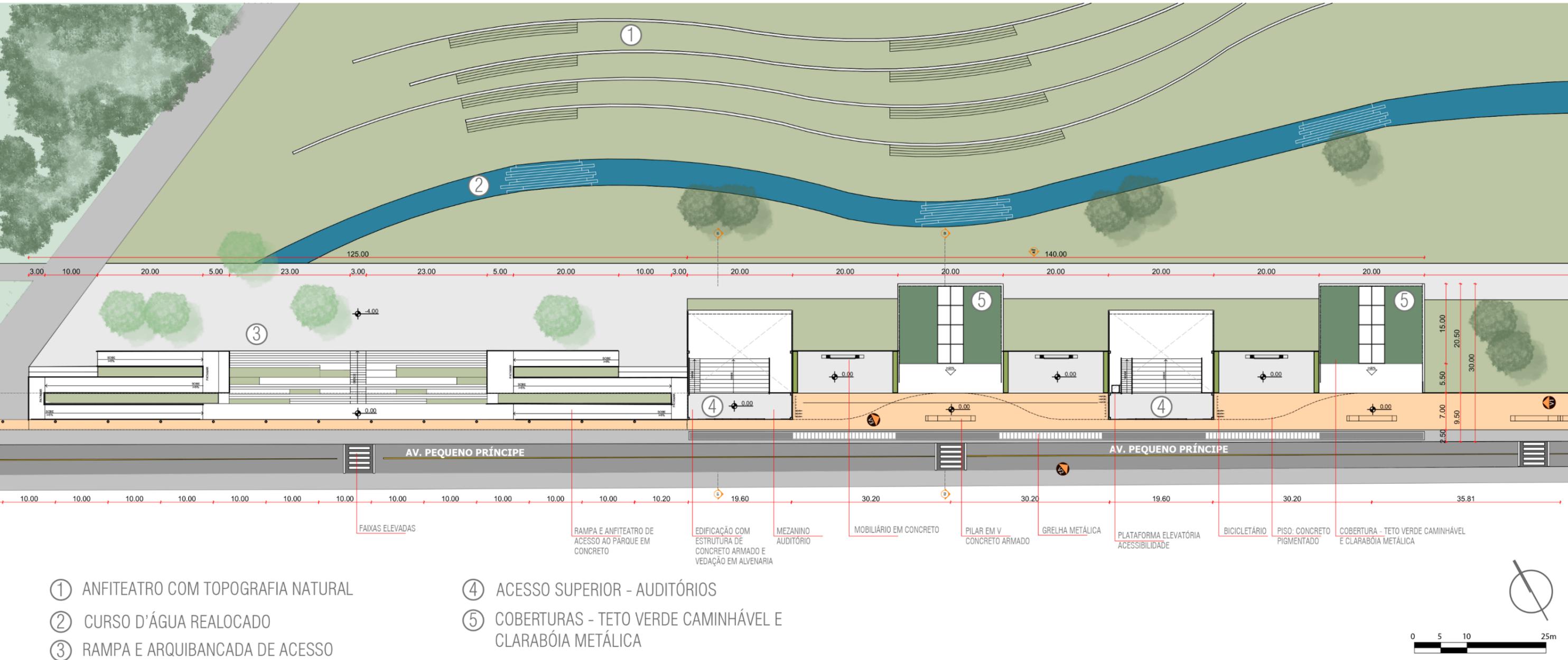
- ① ANFITEATRO COM TOPOGRAFIA NATURAL
- ② CURSO D'ÁGUA REALOCADO
- ③ RAMPA E ARQUIBANCADA DE ACESSO

- ④ BIBLIOTECA - CASA DO BOI DE MAMÃO
- ⑤ MARQUISE DE CONCRETO E TRAMA METÁLICA
- ⑥ PLAYGROUND



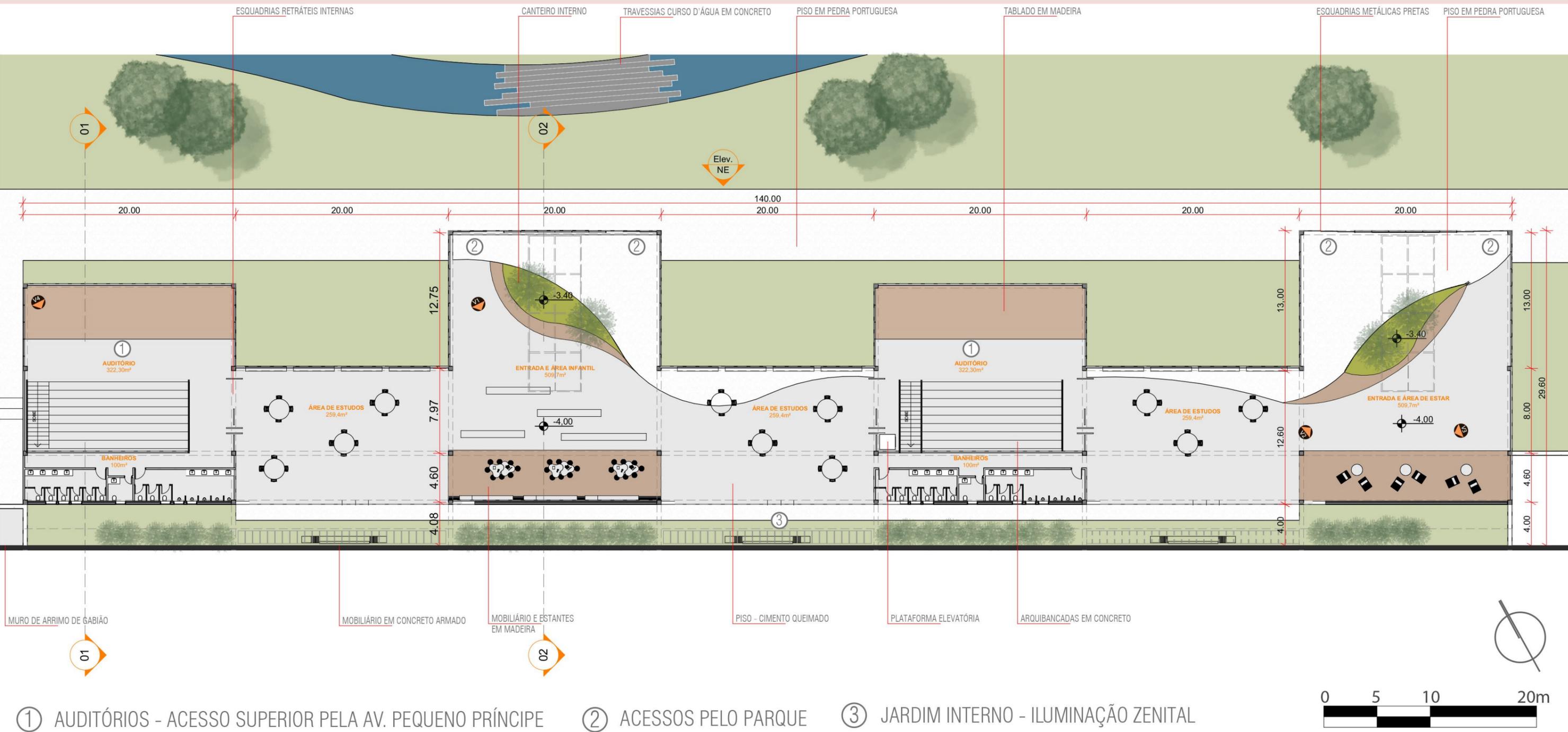
FONTE: Compilação da autora

Figura 72: Planta Baixa Praça – Nível 0



FONTE: Compilação da autora

Figura 73: Planta Baixa Nível -4 / Térreo Biblioteca



FONTE: Compilação da autora

Figura 74: Corte 01

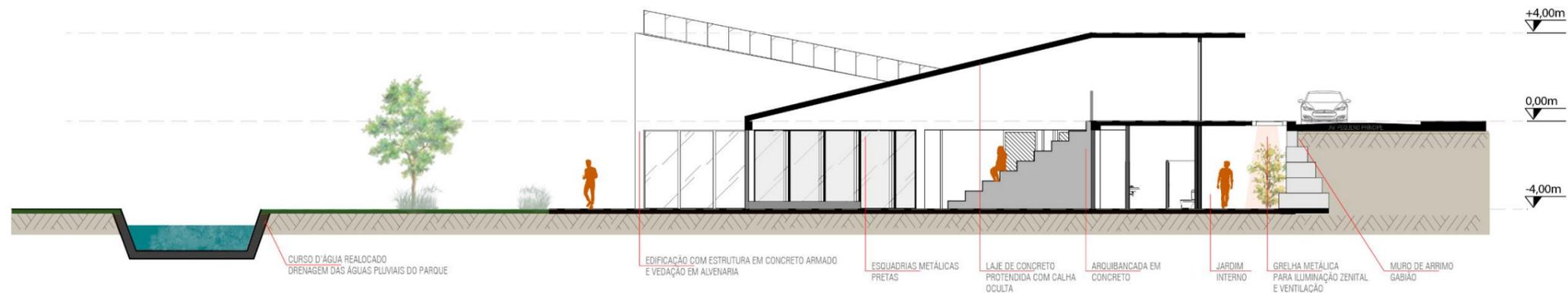
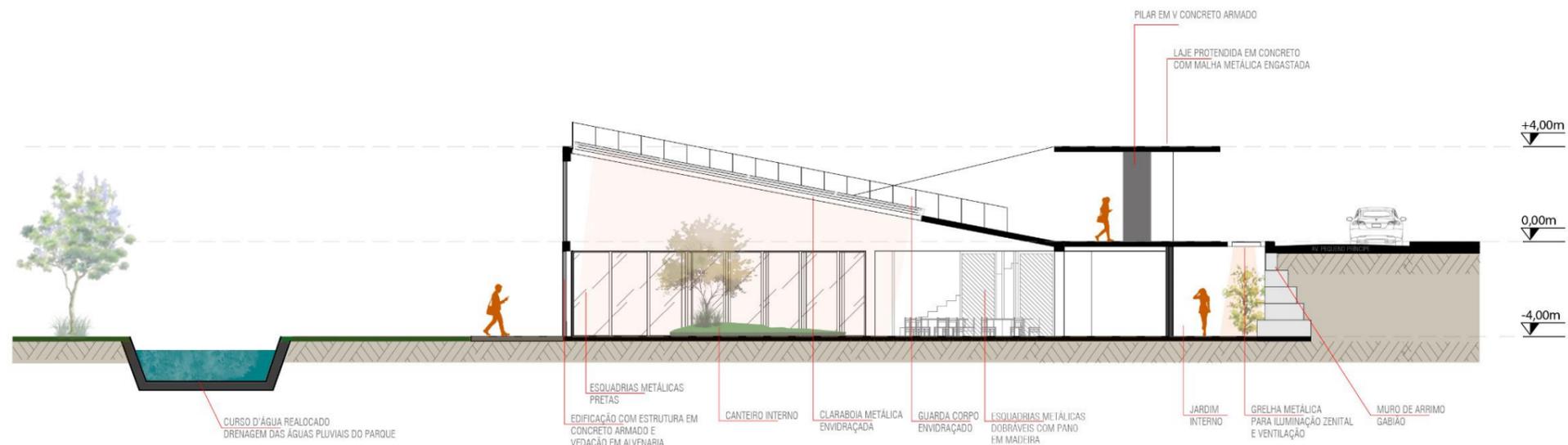


Figura 75: Corte 02



FONTE: Compilação da autora

Figura 76: Fachada 01 – SUDOESTE Vista da Av. Pequeno Príncipe

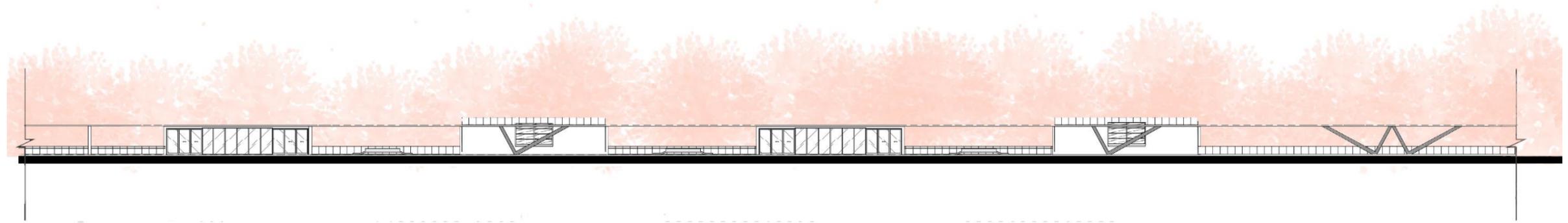


Figura 77: Fachada 02 – NORDESTE Vista do Parque

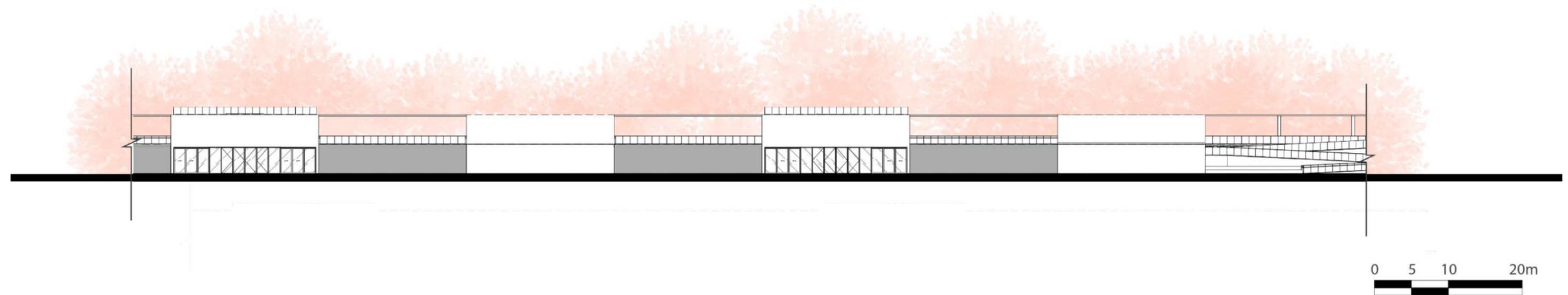
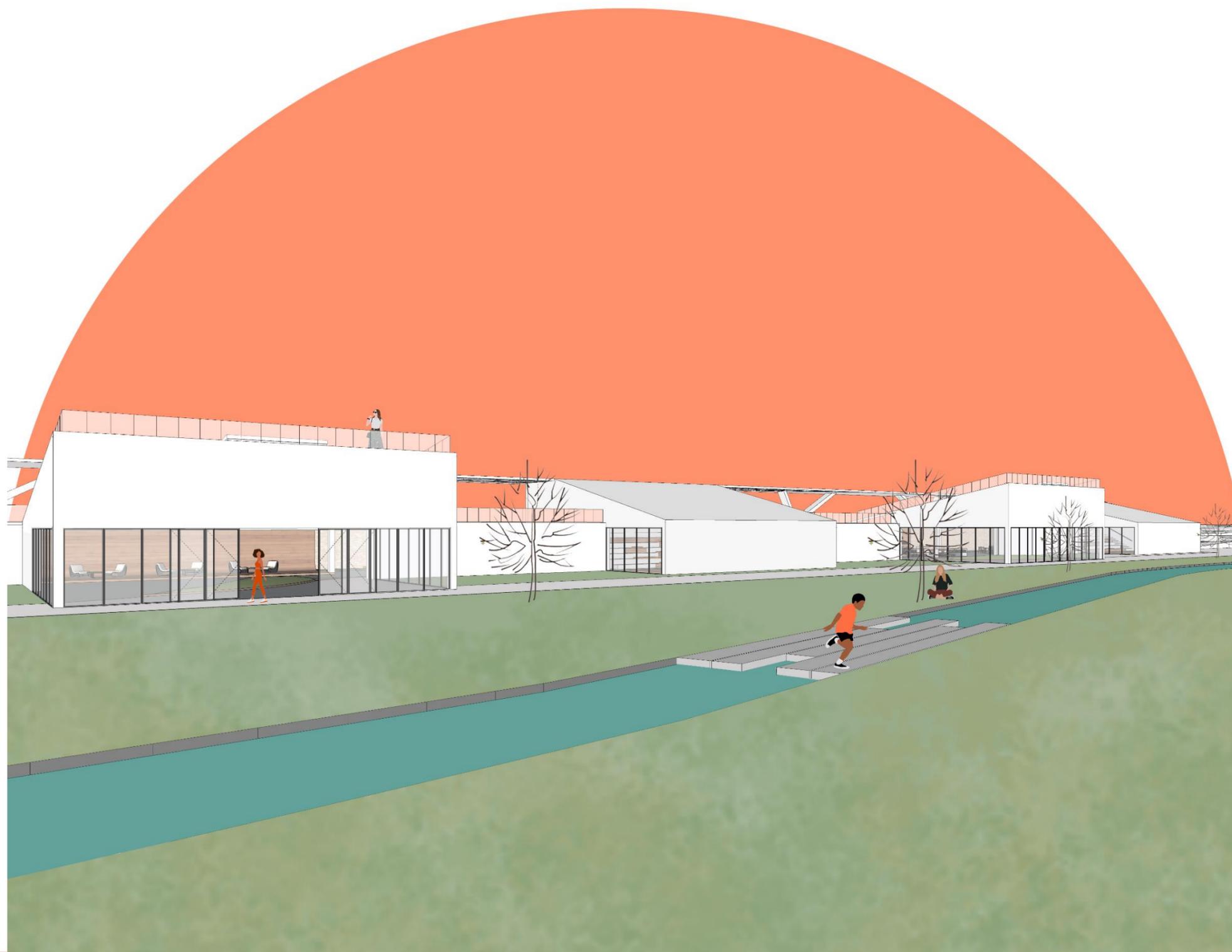


Figura 78: Vista Externa Fachada Nordeste 01



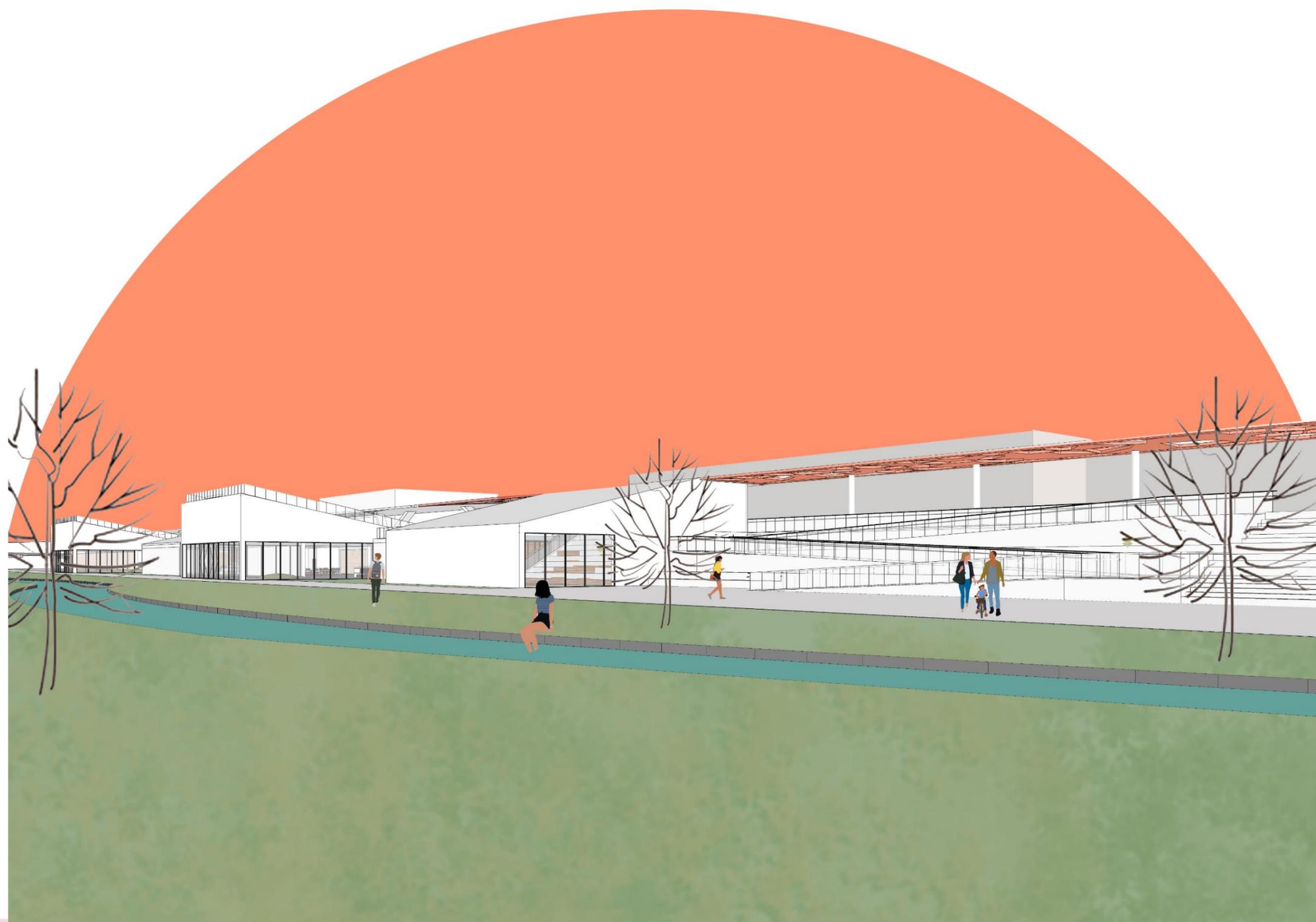
FONTE: Compilação da autora

Figura 79: Vista Externa Fachada Nordeste 02



FONTE: Compilação da autora

Figura 80 : Vista Externa Fachada Nordeste 03 com rampa de acesso lateral



FONTE: Compilação da autora

Figura 81: V1 - Praça Seca Nível 0



FONTE: Compilação da autora

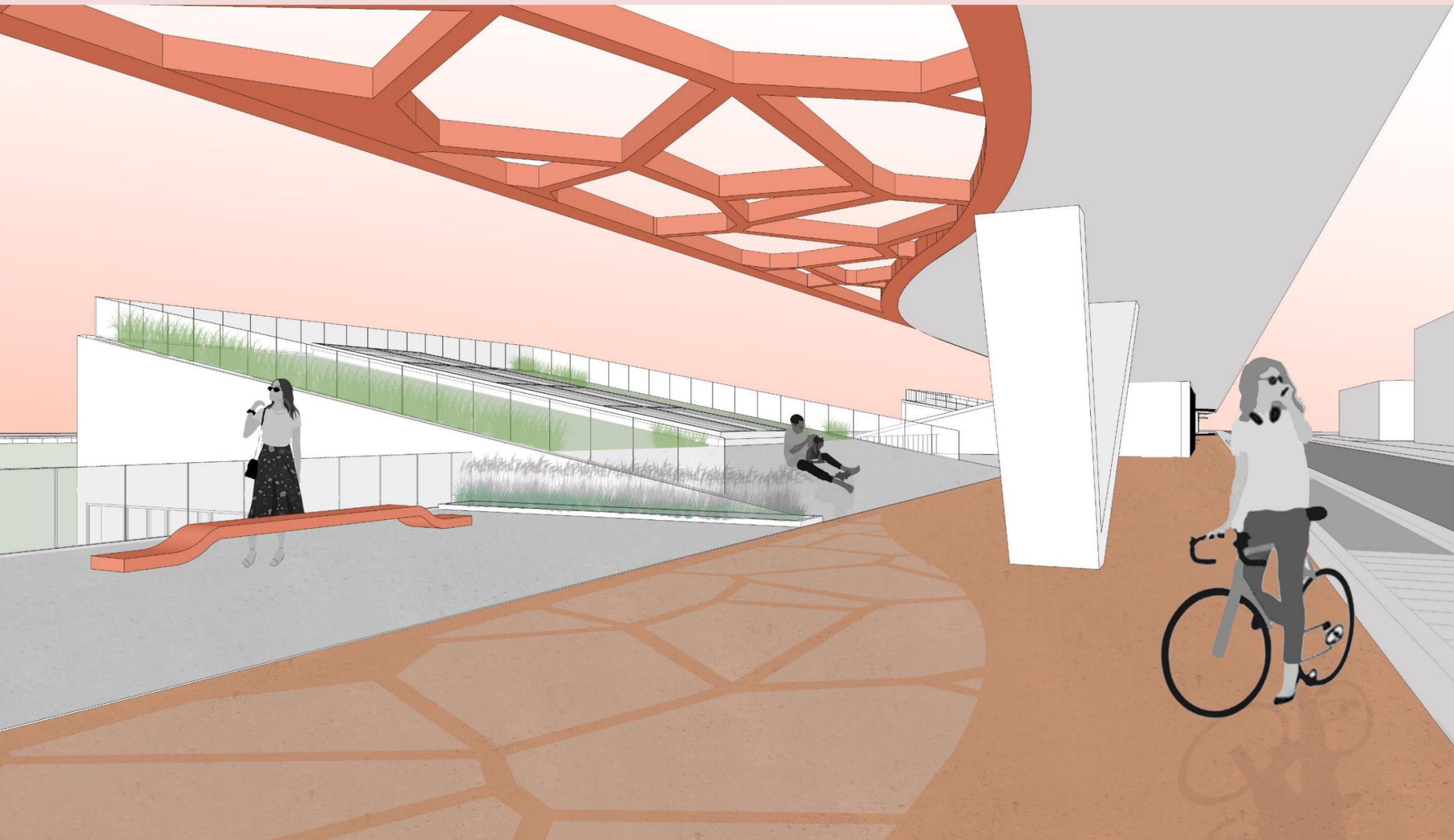
Figura 82: V2 - Entrada Edificação – Nível 0 / Av. Pequeno Príncipe



Os acessos à edificação pelo nível 0, na Av. Pequeno príncipe se dão pelos volumes que conformam os auditórios, através de escadas, arquibancadas, e uma plataforma elevatória para portadores de deficiência. O volume se coloca bem próximo a linha da via configurando uma fachada longitudinal que une os quatro volumes pela marquise de concreto. Os pilares da marquise são pilares em V em concreto armado e os rasgos metálicos da malha orgânica são engastados à estrutura da laje protendida de concreto.

Paralela à avenida foi proposta uma grelha metálica que possui fechamento em acrílico em algumas partes e grade de piso em outras, o objetivo é a iluminação zenital do jardim interno da edificação subterrânea, que se descola do muro de arrimo de gabião projetado na linha da via.

Figura 83: V3 - Praça Seca Nível 0 – Vista Volumes Clarabóia



Na cobertura dos volumes que se voltam para o parque foi pensado uma espécie de parklet caminhável com teto verde e área de descanso, a clarabóia marca as entradas no nível subterrâneo.

Figura 84: V1 – Área Infantil / Térreo



As áreas internas da edificação foram pensadas para públicos de diferentes idades, baseado na relação com as instituições de ensino se pensou uma das áreas como uma biblioteca de caráter infantil, a escolha pelo mobiliário de madeira remete a um aconchego do material em relação ao restante da edificação que conta com materiais bastante frios como concreto, pedra e metal. A clarabóia interna ilumina e marca as entradas da edificação pelo térreo, com um canteiro interno conformando espaços. O partido principal na edificação é a dicotomia entre “dentro” e “fora” O interior da edificação bastante aberto e naturalmente iluminado desconstrói a ideia da biblioteca como espaço estritamente fechado e relaciona as atividades internas com a paisagem emoldurada do parque no exterior.

Figura 85: V2 – Entrada Térreo / Nível -4



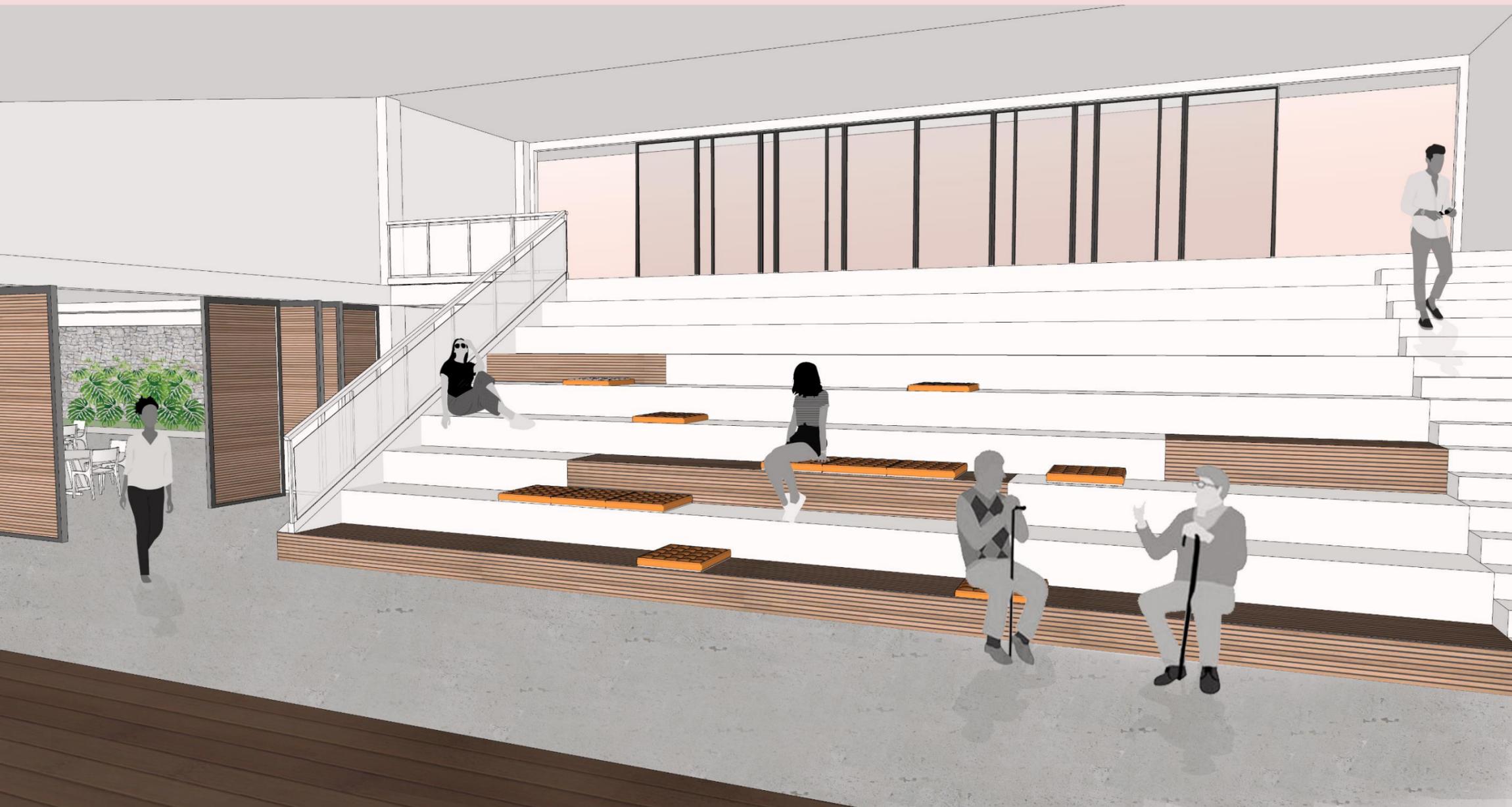
FONTE: Compilação da autora

Figura 86: Fachada 01 – V3 - Área de Estudos e Circulação Jardim Interno Nível -4



FONTE: Compilação da autora

Figura 87: V4 – Auditório Nível -4



Os auditórios representam os acessos superiores da edificação, possuem esquadrias dobráveis metálicas internas que quando fechadas podem delimitar um espaço privado para palestras e apresentações.

Figura 88: Anfiteatro natural – Imagem externa



Anfiteatro com a topografia natural do terreno na área do parque e curso d'água realocado.

FONTE: Compilação da autora

06. REFERÊNCIAS

- ABBUD, Benedito. Criando Paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística. São Paulo: Editora SENAC, 2006.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Lei nº 17.565, de 6 de agosto de 2018. Consolida as leis que dispõem sobre o Patrimônio Cultural do Estado de Santa Catarina. [S. l.], 8 ago. 2018. Disponível em: http://leis.alesc.sc.gov.br/html/2018/17565_2018_lei.html. Acesso em: 10 jan. 2020.
- AMORA, Ana Maria Gadelha Albano. O lugar do público no Campeche. Dissertação (mestrado em geografia) UFSC, 1996
- AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen et al. O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres urbanos: Uso, forma e apropriação. Rio de Janeiro: [s. n.], 2011.
- BRANDI, Cesare. Teoria da Restauração. 4. ed. atual. Brasil: Ateliê Editorial, 2017. 264 p.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- Cartas patrimoniais disponíveis em www.iphan.br
- CHOAY, Fraçoise. A alegoria do patrimônio. 5. ed. São Paulo: UNESP, 2006. 282 p.
- DE CASTRO, Sonia Rabello. O Estado na Preservação de Bens Culturais. Rio de Janeiro: RENOVAR, 1991. 153 p.
- DE FILGUEIRA GOMES, Marco Aurélio A .; CORRÊA, Elyane Lyns. Reconceituações Contemporâneas do Patrimônio. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2011. 254 p.
- FREIRE, Paulo. Política e Educação. 5. ed. São Paulo: [s. n.], 2001. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/14.-Pol%C3%ADtica-e-Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 9 out. 2020.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. Horizontes Antropológicos, [s.l.], v. 11, n. 23, p.15-36, jun. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832005000100002>
- HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitetura. Tradução Carlos Eduardo Lima Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- IPHAN. Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico nacional. [S. l.], 30 nov. 1937. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_25_de_30_11_1937.pdf. Acesso em: 10 jan. 2020.
- LE CORBUSIER, Carta de Atenas. Tradução de Rebeca Scherer. São Paulo: HUCITEC/edusp, s/d
- JEUDY, Henri-Pierre. Espelho das Cidades. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005. ISBN 85-87220-88-8.
- LEMONS, Carlos A. C. O que é patrimônio histórico. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Brasiliense, 2010. 127 p.
- LUIZ, André. Um nobre intruso. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - UFSC, Florianópolis, 2019.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10. 1993.
- PINHEIRO, Ethel & DUARTE, Cristiane. (2008). Esquecimento e reconstrução - Memória e experiência na arquitetura da cidade Forgetting and reconstructing - Memory and experience in the architecture of the city. Arquitetura Unisinos (Brasil) Num.1 Vol.4.
- POLLAK, M. 1989. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- POLLAK, M. 1992. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Lei Complementar nº 482, de 17 de janeiro de 2014. Institui o plano diretor de urbanismo do município de Florianópolis. [S. l.], 17 jan. 2014. Disponível em: <http://planodiretorflorianopolis.webflow.io/>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Decreto nº 13.707, de 17 de novembro de 2014. TOMBA COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO, PAISAGÍSTICO E CULTURAL DO MUNICÍPIO, O CONJUNTO HISTÓRICO E PAISAGÍSTICO DO ANTIGO CAMPO DE POUZO DO CAMPECHE E CLASSIFICA OS IMÓVEIS INSERIDOS NA POLIGONAL RESULTANTE E IDENTIFICA MARCOS REFERENCIAIS NA PAISAGEM, LOCALIZADOS NO CAMPECHE, NOS TERMOS DA LEI 1.202, DE 1974 E DA LEI COMPLEMENTAR N. 482/2014 (PLANO DIRETOR). [S. l.], 17 nov. 2014.

06. REFERÊNCIAS

REIS, Almir francisco. Ilha De Santa Catarina: Permanências e Transformações. Florianópolis: Editora UFSC, 2012.

SANTOS, Milton. Pensando o Espaço do Homem. São Paulo: [s. n.], 2007.

Disponível em:

file:///C:/Users/Usuario/Documents/ARQUITETURA/00_ARQ_UFSC/TCC/TCC2/REFERENCIAL%20TE%C3%93RICO/pensando-o-espao-do-homem-milton-santos_compress.pdf. Acesso em: 9 out. 2020.

SANT'ANNA, Marcia. Da cidade-monumento à cidade-documento: A norma de preservação de áreas urbanas no Brasil 1937-1990. 1. ed. Salvador: Oiti Editora, 2014. 454 p.

SÉ, Angela aparecida. PACUCA: Uma nova proposta para de parque cultural para o campeche. 2016. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - UFSC, Florianópolis, 2016.

SOLÀ-MORALES, IGNASI de. Territorios. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2002.

TEIXEIRA, Luis Eduardo Fontoura. Arquitetura e Cidade: a modernidade (possível) em Florianópolis, Santa Catarina - 1930-1960. Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira Martins. 2009. 375 p. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009.

TIRELLI, Janice et al. O campo de Peixes e os Senhores do Asfalto: Memórias de Lutas do Campeche. Florianópolis: Cidade Futura, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/21062990/O_campo_de_Peixes_e_os_Senhores_do_Asfalto_Mem%C3%B3ria_das_lutas_do_Campeche. Acesso em: 21 abr. 2020.

VELHO, Gilberto. Patrimônio, negociação e conflito. Mana, Rio de Janeiro , v. 12, n. 1, p. 237-248, Apr. 2006 .Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132006000100009&lng=en&nrm=iso>. access on 09 Dec. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132006000100009>.

WINTER RIBEIRO, Rafael. Paisagem Cultural e Patrimônio. Rio de Janeiro: [s. n.], 2007.